SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE SAÚDE

GIOVANNA GALLE

Narrativas e atitudes: um estudo qualitativo das percepções em relação ao distanciamento social de jovens de Franco da Rocha, São Paulo, Brasil

SÃO PAULO
2022

GIOVANNA GALLE

Narrativas e atitudes: um estudo qualitativo das percepções em relação ao distanciamento social de jovens de Franco da Rocha, São Paulo, Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Saúde, para obtenção do título de Especialista em Saúde Coletiva.

Orientador: Maria Thereza Bonilha Dubugras

SÃO PAULO

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca do Instituto de Saúde - IS

Galle, Giovanna
Narrativas e atitudes: um estudo qualitativo das percepções em relação ao distanciamento social de jovens de Franco da Rocha, São Paulo, Brasil / Giovanna Galle -– São Paulo, 2022.
158 f.

Orientador (a): Maria Thereza Bonilha Dubugras

Monografia (Especialização) – Instituto de Saúde – Secretaria de Estado da Saúde – Curso de Especialização em Saúde Coletiva

1. Covid-19 2. Adulto jovem 3. Distanciamento físico 4. Comunicação em saúde 5. Percepção social I. Dubugras, Maria Thereza Bonilha

CDD: 362.10981

Dedico este trabalho

Aos meus pais e familiares que me ajudaram a chegar até aqui, confiando nas minhas potências, investindo nos meus sonhos e apoiando meus caminhos.

Ao meu companheiro de vida, Samuel, que esteve e está comigo nas correrias da minha juventude, lutando por nós e para os nossos, para ter uma vida digna na periferia.

Aos orixás e entidades que caminham comigo, por darem força, persistência, coragem e alegria de viver.

E a todos os jovens que estão na luta do dia a dia e que continuam sonhando em um lugar melhor para todos nós!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, meus agradecimentos vão aos meus pais e familiares pelas condições e estrutura para conseguir realizar este sonho de me especializar em uma área da qual gosto tanto. Agradeço igualmente aos meus amigos e ao meu companheiro por me apoiarem e darem potência aos meus desejos, principalmente nos momentos mais difíceis.

Ao Instituto de Saúde - IS, por proporcionarem conhecimentos e uma formação tão potente e emancipadora, como também aos funcionários e professores da instituição por todo carinho e atenção.

À professora orientadora, Drª. Maria Thereza Bonilha Dubugras, pelas dicas, confiança e aposta na minha pesquisa. Desde o início já sabíamos o quão ousado era o que propúnhamos, ainda mais por estarmos em um contexto complicado de pandemia e em formato online, sem contato pessoal com o território. Muito obrigada por acreditar e confiar nesta minha ousadia "juvenil"!

Ao parceiro de pesquisa, Thiago Schaffer Carvalho, pelo companheirismo, escuta e resistência em tempos desafiadores.

Ao comentador, Dr. Peter Rembischevski, por aceitar o meu convite em tê-lo como meu segundo avaliador da banca.

Aos meus professores da graduação em Psicologia, Vanda Lúcia do Nascimento, Rosemeire Nascimento, Mary Jane Paris Spink e colegas do Núcleo de Práticas Discursivas no cotidiano por abrirem minhas ideias e me auxiliarem a construir outros mundos possíveis.

“Aquele moleque, que sobrevive como
manda o dia a dia
Tá na correria, como vive a maioria
Preto desde nascença, escuro de Sol
Eu tô pra vê ali igual, no futebol
Sair um dia das ruas é a meta final
Viver decente, sem ter na mente o mal”

“Demorou, mas hoje eu posso
compreender
Que malandragem de verdade é viver”

Racionais Mc’s

Galle Giovanna. **Narrativas e atitudes**: um estudo qualitativo das percepções em relação ao distanciamento social de jovens de Franco da Rocha, São Paulo, Brasil [monografia]. São Paulo: Instituto de Saúde, Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo; 2022

RESUMO

Introdução: Durante a pandemia de COVID-19, as autoridades divulgaram amplamente a vacinação em massa e as medidas não farmacológicas como o uso de máscaras, higiene das mãos e o distanciamento social para prevenção e controle da transmissão do vírus. O distanciamento social é uma política que tem como foco diminuir a aglomeração de pessoas, de forma que os estabelecimentos e comércios não permanecem abertos para estimular que a população fique em casa. Conforme o agravamento da pandemia, um grupo social em específico tornou-se cada vez mais enfatizado: os jovens. Isso se deu tanto por um foco nos seus comportamentos de riscos, como também no fenômeno de rejuvenescimento da doença. A adesão ou não a estas políticas públicas para mitigação da disseminação da doença tem a ver com as condições de vidas das pessoas, assim como se relaciona com as percepções de risco. A literatura aponta a importância de ações de comunicação de risco para estimular a participação e o engajamento das juventudes, por isso é importante compreender os diferentes modos de se relacionarem com os riscos, como também de tomarem decisões diante desses fenômenos **Objetivo:** Analisar as percepções de risco, significados e atitudes relacionados às práticas de distanciamento social dos jovens de 18 a 29 anos de Franco da Rocha. **Metodologia:** Trata-se de um estudo exploratório-descritivo, de abordagem qualitativa com referencial teórico pautado no construcionismo social. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco jovens de 18 a 24 anos moradores da cidade de Franco da Rocha. **Resultados:** Todos os participantes concordaram quanto à importância do distanciamento social para a contenção da COVID-19. Porém, eles trouxeram posicionamentos críticos quanto ao planejamento das políticas, apontando para os impactos na renda, o aumento do desemprego e de famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Observou-se que a maioria dos entrevistados compreende que os jovens tendem a subestimar os riscos no que se refere aos comportamentos de não adesão ao distanciamento social. No entanto, cabe refletir sobre fatores como subjetividades, oportunidades de lazer, condições de habitação, estrutura familiar, saúde mental, trabalho e renda para as juventudes na contemporaneidade. **Conclusão:** O debate sobre o distanciamento social é complexo, pois se trata de uma medida fundamental para o controle da COVID-19, mas que pode acarretar consequências graves para a população em situação de vulnerabilidade social se não for implementada em conjunto com ações que combatam as desigualdades sociais. De forma complementar, a discussão sobre as juventudes e o distanciamento social também não pode ser simplista, visto que se trata de uma população diversa, que deve ser escutada em suas singularidades, levando em conta seus contextos de vida e recortes de raça/cor, gênero e classe social.

Palavras-chave: COVID-19, Adulto jovem, Distanciamento social, Comunicação em saúde, percepção social

Galle Giovanna. **Narratives and attitudes:** a qualitative study of perceptions regarding social distancing among young people in Franco da Rocha, São Paulo, Brazil [monography]. São Paulo: Instituto de Saúde, Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo; Ano de defesa.

ABSTRACT

Introduction: During the COVID-19 pandemic, authorities widely publicized mass vaccination and non-pharmacological measures such as the use of masks, hand hygiene, and social distancing to prevent and control the transmission of the virus. Social distancing is a policy that focuses on reducing the agglomeration of people, so that establishments and shops do not remain open to encourage the population to stay at home. As the pandemic worsens, a specific social group has become increasingly emphasized: young people. This was due both to a focus on their risk behaviors, as well as on the phenomenon of disease rejuvenation. Adherence or not to these public policies to mitigate the spread of the disease has to do with people's living conditions, as well as with perceptions of risk. The literature points out the importance of risk communication actions to stimulate the participation and engagement of youth, so it is important to understand the different ways of relating to risks, as well as making decisions in the face of these phenomena. **Objective**: Analyze the perception of risk, meanings, and attitudes related to the social distancing practices of young people aged 18 to 29 in Franco da Rocha. **Methodology**: An exploratory-descriptive study, with a qualitative approach with a theoretical framework based on social constructionism. Semi-structured interviews were carried out with five young people aged between 18 and 24 years old living in the city of Franco da Rocha. **Results**: All participants agreed on the importance of social distancing to contain COVID-19. However, they brought up critical positions regarding the planning of policies, pointing to the impacts on income, the increase in unemployment, and the families in situations of socioeconomic vulnerability. It was observed that most respondents understand that young people tend to underestimate the risks of non-adherence to social distancing behaviors. However, it is worth reflecting on factors such as subjectivity, leisure opportunities, housing conditions, family structure, mental health, employment, and income for the youth in contemporary times. **Conclusion**: The debate on social distancing is complex since it is a fundamental measure for the control of COVID-19 that can have serious consequences for the population in a situation of social vulnerability if it is not implemented along with actions that can combat social inequalities. In addition, the discussion about youth and social distancing cannot be simplistic since we're dealing with a diverse population which must be heard in its singularities, considering their contexts of life and race/color, gender, and social class cutouts.

Keywords: COVID-19, Young adult, Social distancing, Health communication, Social perception.

LISTA DE FIGURAS

1 INTRODUÇÃO 12

1.1 Uma breve história sobre o novo coronavírus 12

Figura 1 – Histórico da nomenclatura dos coronavírus envolvidos nos três surtos zoonóticos 14

1.2 Prevenção e controle da COVID-19 15

Figura 2 – Índice de isolamento social no município de Franco da Rocha 18

1.3 Percepção de risco 18

1.4 Revisão da literatura: Juventudes diante da pandemia 19

2 JUSTIFICATIVA 23

3 OBJETIVOS 24

3.1 Geral 24

3.2 Específicos 24

4 METODOLOGIA 25

4.1 Referencial teórico 25

4.2 Território 26

4.3 Participantes 26

4.4 Instrumentos 27

4.5 Procedimento de coleta de dados 27

4.6 Procedimento de análise de dados 28

Figura 3 – Trecho do *Codebook* 28

4.7 Aspectos éticos 30

5 RESULTADOS 32

6 DISCUSSÃO 37

6.1 Práticas de distanciamento social 37

6.1.1 Saúde 37

6.1.2 Trabalho e renda 40

6.2 Não adesão das práticas de distanciamento social 42

6.2.1 Percepção de risco 43

Figura 4 – Captura de tela de postagem do perfil oficial da Prefeitura de Franco da Rocha 46

6.2.2 Desigualdades sociais 51

6.3 Sugestões para o enfrentamento da pandemia 55

6.3.1 Fiscalização 55

6.3.2 Políticas Equitativas 57

6.3.3 Participação social 59

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 61

REFERÊNCIAS……....……..63

APÊNDICES……....……..……..69

ANEXOS.....155

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO……..…….....….12
1.1 Uma breve história sobre o novo coronavírus…….....….....12
1.2 Prevenção e controle da COVID-19…….…….....….15
1.3 Percepção de risco ……...…….....…...18
1.4 Revisão da literatura: Juventudes diante da pandemia.....19

2 JUSTIFICATIVA …….....23

3 OBJETIVOS.....…….....……..24
3.1 Geral.....…….....……24
3.2 Específicos…….....……24

4 METODOLOGIA.....…….25
4.1 Referencial teórico.....…….25
4.2 Território…….....…….26
4.3 Participantes……26
4.4 Instrumentos……....27
4.5 Procedimento de coleta de dados.....27
4.6 Procedimento de análise de dados.....28
4.7 Aspectos éticos.....30

5 RESULTADOS 32

6 DISCUSSÃO…….....……...37
6.1 Práticas de distanciamento social…….37
6.1.1 Saúde .....…….....……37
6.1.2 Trabalho e renda.....…...40
6.2 Não adesão das práticas de distanciamento social……..….....42
6.2.1 Percepção de risco.....43
6.2.2 Desigualdades sociais.....51

6.3 Sugestões para o enfrentamento da pandemia.....55
6.3.1 Fiscalização.....55
6.3.2 Políticas Equitativas.....57
6.3.3 Participação social.....59

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....61

REFERÊNCIAS……....……..63

APÊNDICES……...……..……..69

ANEXOS.....155

1. INTRODUÇÃO

1.1 Uma breve história sobre o novo coronavírus

Antes de abordar a trajetória catastrófica do novo coronavírus (SARS-CoV-2), responsável pela COVID-19, é necessário conhecer brevemente a história de outras epidemias ocasionadas por patógenos semelhantes. A importância de saber sobre as doenças passadas à COVID-19 perpassa pelo aviso frequente – tanto da própria natureza quanto dos cientistas - de que o modo como os seres humanos têm explorado o meio ambiente e a biodiversidade planetária tem sido desenfreado e agressivo, fazendo com que as pandemias sejam acontecimentos cada vez mais frequentes (ACOSTA et al., 2020).

No final de 2002, ocorreu um surto de pneumonia atípica em Guandong, na China. Após alguns meses, a doença se alastrou para sudeste da Ásia, América do Norte e Europa, de forma que a Organização Mundial da Saúde (OMS) notificou um alerta global sobre o surgimento de uma epidemia de Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS - *Severe acute respiratory syndrome*). Em março de 2003, o agente etiológico foi identificado e denominado de SARS-CoV (*Severe acute respiratory syndrome coronavírus)*, que foi responsável por 8.437 casos e 813 mortes em 26 países (ZHONG et al., 2003).

A Arábia Saudita também foi palco de uma epidemia causada por um coronavírus, o MERS-CoV (*Middle East Respiratory Syndrome*). A MERS (Síndrome Respiratória do Oriente Médio), foi disseminada por 24 países, infectando mais de 2.500 pessoas, com 30% dos casos fatais e 862 mortes notificadas (WIT *et al.,* 2016; ACOSTA et al., 2020).

Tanto a SARS quanto a MERS são doenças causadas por coronavírus provindos de animais silvestres, ou seja, são patologias de origem zoonóticas. Ao longo da constante exploração humana, desmatamento e impactos na

natureza, esses patógenos adquiriram a habilidade de infectar várias espécies – inclusive os seres humanos. Pesquisas apontam que esses agentes infecciosos são oriundos dos morcegos e passaram a usar como hospedeiros intermediários as civetas (no caso da SARS) e os camelos (no caso da MERS) até chegarem a infectar as pessoas (ACOSTA et al., 2020). Esse processo de migração do vírus de um hospedeiro natural para outras espécies é conhecido como *spillover*.

Passados alguns anos após as epidemias de SARS e MERS, em dezembro de 2019, foi identificado um surto de pneumonia atípica, com etiologia desconhecida, em Wuhan, província de Hubei, República Popular da China. Através de análises do genoma viral, o novo coronavírus isolado (2019-nCoV) foi classificado como SARS-CoV-2 (ZHOU et al., 2020).

Em janeiro de 2020, a especialista no estudo dos coronavírus em morcegos, a pesquisadora Zheng-Li Shi, do Centro de Doenças Infecciosas Emergentes do Instituto de Virologia de Wuhan sugeriu que o hospedeiro natural do SARS-CoV-2 pode ser um morcego, da família *Rhinolophidae* (ZHOU et al., 2020). Adicionalmente, as pesquisas levantaram a hipótese dos pangolins como hospedeiros intermediários na cadeia de migração do vírus. Os pangolins são animais silvestres que compartilham o mesmo habitat com os morcegos e são uma das espécies mais traficadas do mundo para o aproveitamento de sua carne e escamas. O consumo desses mamíferos tem sido considerado como um dos prováveis fatores que estimularam o *spillover* que deu origem ao SARS-CoV-2 (ACOSTA et al., 2020).

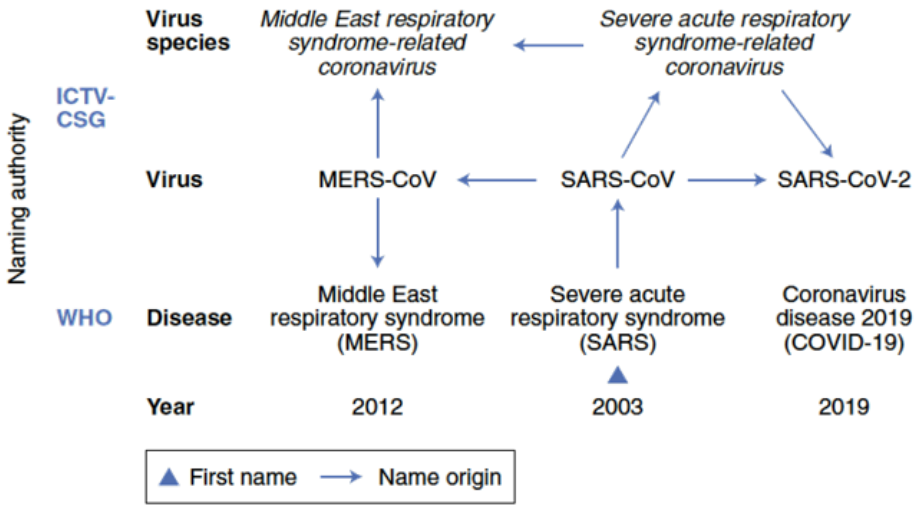


Figura 1 – Histórico da nomenclatura dos coronavírus envolvidos nos três surtos zoonóticos.
Nota: De acordo com a atual classificação internacional de doenças, MERS e SARS são classificados como 1D64 e 1D65, respectivamente.
Fonte: CORONAVIRIDAE STUDY GROUP, 2020.

Em 11 de fevereiro de 2020, a nova doença identificada em Wuhan, na China, foi nomeada de *Coronavirus disease* 2019, COVID-19, a partir de diretrizes definidas pela OMS, Organização Mundial para Saúde Animal (OIE) e Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) (WHO, 2020c):

> De acordo com as diretrizes acordadas entre a OMS, a Organização Mundial para Saúde Animal e a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, tínhamos que encontrar um nome que não se referisse a uma localização geográfica, um animal, um indivíduo ou grupo de pessoas, bem como fosse pronunciável e se relacionado à doença (WHO, 2020c).

Após um mês, os casos da doença já haviam sido registrados em diversos países, transformando-se em uma das mais graves pandemias causadas por coronavirus (WHO, 2021a).

> Em poucas semanas o novo coronavírus Sars- -CoV-2 se espalhou pelo planeta, usando nossos corpos como meio de dispersão. A pandemia expôs desvantagens da moderna hipermobilidade, evidenciou fragilidades dos sistemas

> econômicos, dos serviços públicos e privados de saúde e, sobretudo, gerou severos impactos emocionais e psicológicos, além de incontáveis mortos (ACOSTA et al. 2020, p.191).

O Brasil registrou seu primeiro caso de COVID-19 em fevereiro de 2020 (CANDIDO et al., 2020). De acordo com os dados do Boletim epidemiológico do governo de São Paulo, em abril de 2020 foram notificados 2.981 casos da doença no Estado de São Paulo, mas a partir do mês seguinte presenciou-se um aumento assustador para 192.628 casos confirmados (SÃO PAULO, 2021a).

A pandemia continua em expansão e seu pleno controle ainda não foi conquistado, principalmente no Brasil. No final do ano de 2021, foram registrados 22.177.059 casos de COVID-19 e 616.457 mortes pela doença no país. Quanto à cidade de Franco da Rocha, onde se realizou a presente pesquisa, foram confirmados 13.264 casos e o total de 403 óbitos até o fim do mês de dezembro de 2021 (SÃO PAULO, 2021a).

1.2 Prevenção e controle da COVID-19

A principal forma de transmissão da COVID-19 é por meio de gotículas expelidas pelo nariz ou boca de pessoas doentes, de forma que a disseminação ocorre de pessoa para pessoa ou através do contato com superfícies contaminadas por partículas virais (BRASIL, 2021).

A COVID-19 afeta principalmente os pulmões. Os sintomas mais comuns são coriza, tosse, dor de garganta e dificuldade de respirar. Já em casos graves podem ocorrer insuficiência renal, febre, taquicardia, insuficiência respiratória aguda e óbito (BRASIL, 2021). No entanto, existem pessoas que se infectam e apresentam sintomas brandos ou não apresentam manifestações da doença, e por essa razão podem não receber um diagnóstico. Mesmo sem ou com poucos sintomas, a transmissão do vírus pode continuar a se perpetuar, de modo que os assintomáticos, monossintomáticos e portadores de sintomas

leves, principalmente os jovens sem doenças prévias, são considerados elementos chaves na disseminação do SARS-CoV-2 para outras pessoas (LI et al., 2020).

No final do ano de 2020, foram produzidas as primeiras vacinas contra a COVID-19 (WHO, 2021b). Contudo, apesar desse tão sonhado acontecimento, ocorreu outro desafio: o surgimento de variantes do vírus - Alpha, Beta, Gamma e Delta -, uma delas apareceu em Manaus e outras foram reportadas em países diferentes (FREITAS; GIOVANETTI; ALCANTARA, 2021). Dessa forma, o SARS-CoV-2 tornou-se ainda mais transmissível, modificando o perfil epidemiológico da doença. De março até dezembro de 2020, os grupos mais frequentemente acometidos pela forma grave da doença eram os idosos e as pessoas com doenças crônicas e outras comorbidades, porém, a partir da eclosão dessas variantes, houve um aumento na porcentagem de casos, internações e óbitos entre os adultos e os jovens - pessoas com idades entre 20 a 49 anos -, acarretando um fenômeno denominado “rejuvenescimento” da pandemia (FIOCRUZ, 2021).

Diante desse panorama emergencial, o Ministério da Saúde produziu a Lei 13.979/2020 que dispõe a respeito das ações de enfrentamento à pandemia. No documento há a menção de medidas não farmacológicas como a quarentena – entendida como a restrição de atividades - e o isolamento social de casos suspeitos e de pessoas infectadas para barrar a transmissão (BRASIL, 2020a).

A Portaria 356/2020, que regulamentou a Lei 13.979/ 2020, e o Boletim epidemiológico 08 (BRASIL, 2020b; BRASIL, 2020c) apresentam estratégias e definições das medidas não farmacológicas, como o uso obrigatório de máscaras, higienização frequente das mãos, distanciamento social, bloqueio total (*lockdown* – paralisação de todas as atividades) e o isolamento social.

Os governos de diferentes âmbitos administrativos (federal, estadual e municipal) implementaram as medidas não farmacológicas de formas distintas, cada qual levando em conta suas prioridades e recursos para lidar com o

cenário pandêmico. No entanto, a política mais divulgada pelas autoridades foi o distanciamento social (BEZERRA et al. 2020).

De acordo com a Portaria 356/2020 e o Boletim epidemiológico 08, o distanciamento social pode ser entendido como uma medida não farmacológica para evitar a aglomeração de pessoas, fechando-se parques, shoppings, comércios, escolas e empresas para estimular que as pessoas fiquem em suas casas (BRASIL, 2020b; BRASIL, 2020c). Apenas os serviços considerados essenciais podem ficar abertos - farmácias, hospitais e supermercados (BRASIL, 2020c). Porém, em São Paulo, essa medida foi nomeada como isolamento social (SÃO PAULO, 2021b), causando uma “dança das palavras” no entendimento da população sobre a diferença entre as diversas maneiras de contenção do vírus (SPINK, 2020).

O governo do estado de São Paulo em parceria com as operadoras telefonia móvel construiu um sistema de monitoramento para oferecer um panorama aos municípios quanto a porcentagem de adesão da população ao distanciamento social, a fim de “(...) apresentar dados georreferenciados agrupados para elaborar políticas públicas que aprimorem as medidas de isolamento social para o enfrentamento ao coronavírus” (SÃO PAULO, 2021b). Este utilitário é conhecido como Sistema de Monitoramento Inteligente de São Paulo (SIMI-SP). Como a presente pesquisa foi realizada na cidade de Franco da Rocha, a figura 2, que se encontra abaixo, demonstra os meses de maiores e menores adesões da população do município às medidas de distanciamento social.

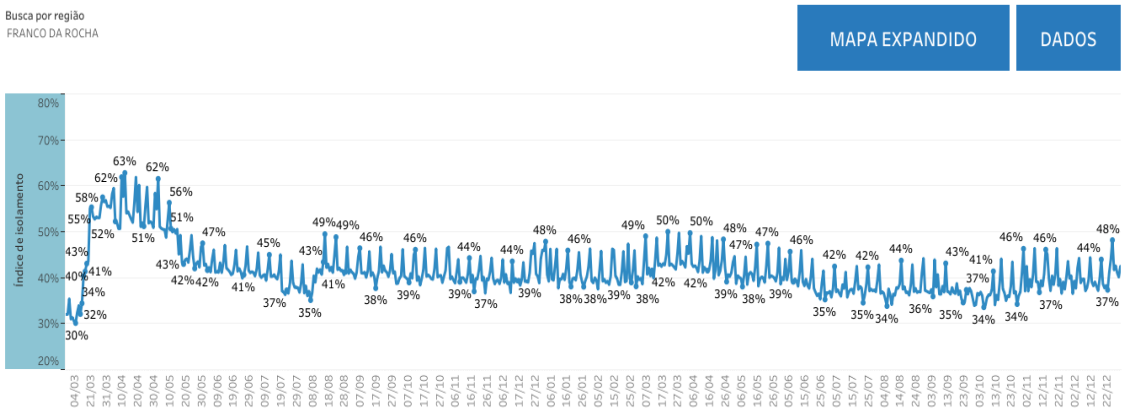


Figura 2 – Índice de isolamento social no município de Franco da Rocha.

Nota: Observa-se que as maiores proporções de adesão da população são nos dias referentes ao mês de abril de 2021. Com o passar do ano, as taxas variaram entre 34% a 50%.

Fonte: SÃO PAULO, 2021b.

A pesquisa realizada pelo Data Folha em abril de 2020 aponta que cerca de 76% dos brasileiros eram a favor das medidas de distanciamento social para a contenção e mitigação da pandemia (DATAFOLHA, 2020). Estudos como de Lima et al. (2020) e Bezerra et al. (2020) sugerem que fatores como renda, escolaridade, sexo e condições de habitabilidade afetam a adesão dessa prática, assim como interferem na percepção das pessoas quanto a ser uma política eficaz para o combate à COVID-19.

Segundo o Observatório da Fiocruz COVID-19 (FIOCRUZ, 2021), as medidas farmacológicas e não farmacológicas dependem da associação das legislações com campanhas de comunicação para conseguir a adesão popular. A comunicação de riscos entra nesse ínterim, pois propõe o diálogo com diversos atores - gestores, cientistas, redes sociais e mídias, profissionais de saúde, população e políticos-, a fim de construir uma relação de partilha de informações, opiniões e aconselhamentos (FAO; WHO, 2016; DUBUGRAS; PÉREZ-GUTIÉRREZ, 2008). Assim,

> (...) a comunicação de riscos é parte integrante de qualquer resposta de emergência, permitindo às pessoas compreender e adotar comportamentos de proteção, além de propiciar às autoridades o processo de escuta das populações e de responder às suas demandas com aconselhamento relevante e confiável (MASSARINI et al., 2021, p. 3266).

1.3 Percepção de risco

A percepção de risco pode ser entendida como uma avaliação subjetiva sobre a possibilidade da ocorrência e magnitude de determinado efeito nocivo ocorrer, de modo que o sujeito faz um julgamento das possíveis consequências

da exposição a um perigo (REMBISCHEVSKI; CALDAS, 2021). Além disso, também se refere às narrativas que as pessoas constroem diante de situações de perigo ou incertezas, ou seja, quais são as crenças, os valores culturais, sentimentos, pensamentos e as ações ante a esses acontecimentos ou a probabilidade de eles acontecerem (MASSARINI et al., 2021; MARTINS; RIBEIRO, 2016).

A decisão das pessoas quanto a aderir ou não as medidas de enfrentamento à pandemia passa pela percepção de riscos, como também é impactada pelas condições de habitabilidade, saneamento, renda e outros fatores socioeconômicos e culturais (SPINK, 2020; MASSARINI et al., 2021). Portanto, a percepção de risco deve ser entendida como uma construção de uma relação com um determinado fenômeno, levando em conta esses diferentes âmbitos culturais, sociais e psicológicos, sendo um fator a ser considerado para que possam ser produzidas ações efetivas na área da comunicação e saúde.

Spink sugeriu formas de atenuar os efeitos complexos da pandemia, visto a temática de percepção de riscos: “nos debrucemos no desenvolvimento de duas habilidades: de um lado, a comunicação sobre riscos e, de outro, entender como essas informações são processadas e significadas em distintos segmentos sociais” (2020, p. 15).

1.4 Revisão da literatura: Juventudes diante da Pandemia

Conforme o agravamento da pandemia, um grupo social em específico tornou-se cada vez mais enfatizado: os jovens. Isso se deu tanto por um foco nos seus comportamentos de riscos – principalmente no destaque dado pelas mídias na não adesão às medidas de distanciamento social, como também no fenômeno de rejuvenescimento da doença (SOBRINHO; ABRAMO, 2021).

Massarini et at. (2021) realizaram entrevistas via telefone com 1.643 pessoas de diferentes regiões do Brasil, constatando que a maioria nutre

segurança em relação aos enunciados feitos pela ciência e pelos pesquisadores da saúde sobre a COVID-19 e suas formas de prevenção. No entanto, fatores como a escolaridade e a renda domiciliar estiveram associados com a decisão de apoiar e confiar em um determinado discurso, ou seja, sobre o que e em quem acreditar. Além disso, o estudo demonstrou que os jovens com idades entre 18 a 24 anos foram os que mais discordaram da frase “se eu seguir as precauções que estão sendo indicadas, não corro risco de ser contaminado” (p.3271), enfatizando a demanda por mais pesquisas as quais busquem compreender essas crenças e práticas em grupos específicos.

Larcher et. al (2020) conduziram grupos focais com jovens do Reino Unido para conversar sobre os efeitos da pandemia nas suas vidas e na sociedade. Os resultados indicaram que as juventudes estão preocupadas com as consequências para o futuro, sentindo-se incertas quanto aos resultados do fechamento por tempo indeterminado das escolas e universidades. O estudo identificou também relatos de frustrações relacionadas à interrupção de planos e rupturas sociais ocasionadas pelas medidas de distanciamento social. Os participantes concordaram sobre a demanda de se criar um canal próprio para os jovens, o qual tenha informações personalizadas de acordo com as necessidades de cada grupo etário, oferecendo oportunidades de representantes juvenis se manifestarem quanto às políticas públicas e decisões que afetam seus cotidianos.

Dyregrov et al. (2020) tiveram como objetivo identificar as percepções dos adolescentes e jovens adultos durante o período de bloqueio total (*lockdown*) das atividades no país. A maioria dos respondentes enfatizou o medo em transmitir o vírus para os entes queridos ou de vê-los doentes, assim como a grande preocupação com o futuro das suas vidas escolares e sociais. Grande parte dos pesquisados apontou a necessidade de construir um meio de comunicação direcionado para as juventudes, pois sente que as informações confiáveis ajudam a diminuir o nível de ansiedade para lidar com os efeitos das práticas de distanciamento e isolamento social.

Qiao, Tam e Li (2020) destacaram que a aceitação da necessidade da vacinação contra a COVID-19 tem sido um problema global, havendo urgência de se compreender esse comportamento nas diversas camadas sociais. Esses pesquisadores analisaram a associação entre a percepção de risco, exposição de risco e opinião sobre a vacinação em geral e a aceitação de tomar a vacina de universitários do Sul da Califórnia. As conclusões explicitaram os mesmos pontos abordados por Massarini et at. (2021) quanto a premência de maiores investigações sobre os fatores sociodemográficos e psicossociais presentes nas decisões e ações das juventudes e outros grupos sociais em específico.

Ademais, no Brasil, foram produzidas duas edições da pesquisa "Juventudes e a Pandemia do coronavírus" (CONSELHO NACIONAL DA JUVENTUDE, 2020; 2021). Foram elaborados mapeamentos a partir das análises dos efeitos da pandemia para jovens de diferentes regiões e situações sociais. Os resultados demonstraram consequências para além das físicas, como a evasão escolar, desemprego, perda de renda e consequências negativas para a saúde mental (tristeza, desânimo e ansiedade). Um dos principais objetivos deste estudo foi abrir um diálogo com a população juvenil.

Cabe ressaltar também o artigo de Sobrinho e Abramo (2021) que apontam a necessidade de construir um debate crítico sobre as juventudes brasileiras diante da pandemia, levando em conta as desigualdades sociais presentes nos territórios, as motivações por trás dos comportamentos, os contextos de vida e os discursos hegemônicos feitos para e sobre os jovens.

É possível notar o destaque dado à pertinência de construir meios de comunicação voltados aos jovens, assim como o fomento de um espaço para que eles sejam escutados em suas incertezas e opiniões quanto às práticas de distanciamento social, vacinas e a severidade da COVID-19. A maioria dos autores citados demonstra a importância de ações de comunicação de risco para estimular a participação e o engajamento das juventudes.

Sendo assim, torna-se vultoso que as juventudes sejam escutadas em suas especificidades para compreender os diferentes modos de se relacionarem com os riscos, como também de tomarem decisões diante desses

fenômenos. Considerando esse cenário, o presente estudo tem como objetivo analisar as percepções de risco, significados e atitudes relacionados às práticas de distanciamento social dos jovens de 18 a 29 anos do município de Franco da Rocha.

2. JUSTIFICATIVA

As pesquisas que objetivam identificar as percepções de risco podem contribuir para a compreensão dos fatores que determinam as condutas e estratégias adotadas pelos indivíduos, auxiliando a produzir redes de comunicação e participação mais adequadas aos contextos de vida da população (MASSARINI et al., 2021).

Considerando os dados de rejuvenescimento da pandemia, como também o debate incipiente quanto às práticas, significados e percepção de riscos dos jovens sobre a COVID-19 e suas vicissitudes, as reflexões dessa pesquisa podem auxiliar na construção de ações de educação e de comunicação. Além disso, podem embasar um debate mais crítico em relação aos discursos sobre e para as juventudes, ajudando a produzir uma via de participação popular juvenil e novas possibilidades de enfrentamento aos desafios que se seguem.

3. OBJETIVOS

3.1 Geral

Analisar as percepções de risco, significados e atitudes relacionados às práticas de distanciamento social dos jovens de 18 a 29 anos de Franco da Rocha.

3.2 Específicos

- Identificar as análises dos jovens sobre os efeitos do distanciamento social nas suas vidas e na sociedade.
- Refletir a respeito da relação entre os sentidos construídos sobre o distanciamento social e as formas de enfrentamento produzidas pelos jovens.

4. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório-descritivo, de abordagem qualitativa, considerando a relação dialógica e dinâmica entre pesquisadora e participantes para construir conhecimentos (BARDIN, 2011; MINAYO, 2002; SPINK; MEDRADO, 2013).

4.1 Referencial teórico

O construcionismo social é um movimento composto por várias vertentes e formas de pesquisar que tem em comum o interesse nos modos como as pessoas descrevem e constroem sentidos sobre os fenômenos da vida e do mundo (RASERA; JAPUR, 2001). Cabe ressaltar que a produção de sentidos é compreendida a partir da mediação da linguagem nas relações sociais. Ou seja,

> O sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas, na dinâmica das relações sociais, historicamente datadas e culturalmente localizadas, constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta (SPINK, 2010, p. 34).

Visto isso, a linguagem é entendida como uma prática social que constrói formas de se relacionar e de se posicionar no cotidiano, sendo assim uma produtora de realidades. A produção de sentidos está associada às práticas discursivas, participando da construção de uma variedade de mundos (SPINK; MEDRADO, 2013; SPINK; BRIGAGÃO; NASCIMENTO; CORDEIRO, 2014). Assim, entende-se que “(...) ao utilizarmos determinados repertórios linguísticos para falarmos sobre riscos estamos produzindo formas de nos relacionarmos com esses fenômenos” (MARTINS; RIBEIRO, 2016, p.140).

As práticas discursivas podem ser definidas como “linguagem em uso” compostas por três principais elementos (SPINK; MEDRADO, 2013):

- Dinâmica: as pessoas produzem enunciados que são endereçados a alguém ou a algo, construindo um jogo de posicionamentos. O sentido é formado por esse encontro entre duas ou mais vozes.
- Forma: são os gêneros das falas, as formas de dizer, conhecidos como os *speechgenres.*
- Conteúdo*:* Toda sentença é composta por conteúdos que só podem ser elaborados a partir dos repertórios disponíveis para a pessoa. Os repertórios interpretativos têm contextos, os quais devem ser levados em conta.

4.2 Território

O presente estudo foi realizado com jovens (pessoas com 18 a 29 anos) de Franco da Rocha. O município localiza-se na região metropolitana de São Paulo e tem uma população total de 156.492 habitantes. Cerca de 38.478 pessoas têm entre 15 a 29 anos de idade, correspondendo a 24,59% da população da cidade (DATASUS, 2020).

Segundo o último levantamento feito em 2010 (SEADE, 2010), vários distritos de Franco da Rocha possuíam Índices de Vulnerabilidade Social (IPVS) altos, principalmente as áreas rurais e os pontos de residências em favelas. Apenas as regiões centrais apresentavam pouca ou baixa vulnerabilidade social. Esse indicador (IPVS) auxilia a mapear as desigualdades sociais do município, mostrando a diferença da qualidade de vida entre as localidades centrais e periféricas (ALESP, 2021).

4.3 Participantes

Foram entrevistadas cinco pessoas com idades entre 18 a 29 anos de Franco da Rocha, sendo quatro mulheres e um homem. Para a preservação

das identidades dos participantes, foram criados nomes fictícios para cada um deles: Helena, Milton, Cecília, Érika e Rita.

4.4 Instrumentos

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com 10 perguntas básicas (Apêndice A) relacionadas aos contextos de vida dos entrevistados, aos significados do distanciamento social, às consequências percebidas e à percepção em relação aos próprios comportamentos e de outros jovens frente à pandemia, no período de agosto a setembro de 2021.

De forma complementar, foi mostrado aos entrevistados o trecho de uma reportagem da mídia local em que se pode observar diversas imagens de pessoas se reunindo em eventos e festas, sem fazer o uso de máscaras de proteção e descumprindo o protocolo de distanciamento social – a redação da notícia encontra-se junto às questões da entrevista (Apêndice A). Após a exposição, questionou-se a cada participante quais eram seus pensamentos diante do que foi apresentado, como também foi perguntado sobre suas opiniões perante três comentários presentes na caixa de diálogo pública da notícia veiculada (Apêndice A).

Além disso, foi elaborado um formulário on-line (Apêndice B) para que as pessoas interessadas na pesquisa pudessem preencher com seus dados de contato, como também para auxiliar na divulgação do presente estudo.

4.5 Procedimento de coleta de dados

Trata-se de um estudo de campo de nível exploratório, que visa, portanto, ao aprimoramento e aprofundamento das questões sobre as práticas, significados e a percepção de riscos em relação ao distanciamento social (GIL, 2002).

Para compreender as produções de significados, foram feitas entrevistas semiestruturadas, compostas por um roteiro norteado pelo tema da pesquisa. No entanto, as perguntas foram elaboradas de maneira a proporcionar um processo de diálogo, no qual há negociação de sentidos entre pesquisador e colaborador, como uma “coconstrução” (SPINK; BRIGAGÃO; NASCIMENTO; CORDEIRO, 2014).

Durante os meses de julho e agosto foi feita a divulgação da presente pesquisa para o Conselho Municipal da Juventude de Franco da Rocha (CMJ). Desta maneira, construiu-se uma rede de contato com duas participantes dessa comissão juvenil, fomentando o compartilhamento do estudo para outros jovens.

As entrevistas foram realizadas por meio de uma plataforma on-line – Google Meet, durante os dias 01 a 29 de setembro de 2021, em horários propostos pelos entrevistados.

A identificação dos sujeitos da pesquisa foi realizada através de informantes-chaves (representantes de grupos e conselho de jovens de Franco da Rocha) que sugeriram indivíduos que poderiam ser entrevistados. Adicionalmente foi realizada a técnica de *snowball sampling*, “bola de neve”: jovens contatados para a pesquisa indicaram um amigo, colega ou conhecido da mesma faixa etária (BIERNACK, WALDORF, 1981).

4.6 Procedimentos de análise de dados

Na análise dos dados, foi enfatizada a dinâmica dialógica entre pesquisador e participante, observando os jogos de posicionamentos e os repertórios linguísticos (SPINK, 2010).

Ademais, utilizou-se a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) para auxiliar na categorização de temas de acordo com os objetivos da presente pesquisa. A Análise de Conteúdo tem três principais etapas: Organização; Codificação e Categorização.

Na etapa de Organização, avalia-se o que será usado de todo o material e dados levantados, tendo em vista os objetivos da pesquisa. O pesquisador utiliza o recurso de *leitura flutuante* para construir uma familiaridade com o material, conhecendo-o melhor (BARDIN, 2011).

Quanto à segunda etapa, denominada de Codificação, organizam-se os textos de acordo com as Unidades de Registro, que correspondem a "qual" parte do texto que está sendo analisada, e a Unidade de Contexto, que se refere "onde" se localizam as unidades de registro analisadas (BARDIN, 2011).

Por último, a etapa de Categorização. Nesta seção, são feitos agrupamentos dos dados da Codificação. Na presente pesquisa, foi levado em conta as temáticas dos enunciados, de forma que os agrupamentos foram feitos de acordo com critério semântico (categorias temáticas) (BARDIN, 2011).

Como ferramenta para auxiliar na Categorização, foi construído um *Codebook* (BARDIN, 2011). No *Codebook* são registradas as categorias identificadas, com exemplos de falas de entrevistados de acordo com os argumentos e repertórios linguísticos utilizados para se posicionar no diálogo com a pesquisadora.

Posicionamento	Abreviatura	Descrição detalhada	Critério de Inclusão	Critério de Exclusão	Ex. Tipico	Ex. Atipico
A FAVOR	1	A pessoa é explicitamente ou implicitamente a favor das práticas de distanciamento social	Entra toda narrativa que apresenta argumentos, frases e palavras que demonstrem que a pessoa é a favor das práticas de distanciamento social	Excluída toda narrativa que não apresenta argumentos, frases e palavras que demonstrem que a pessoa é a favor das práticas de distanciamento social	**Helena:** "Eu acho boa, porque é o certo da gente está fazendo, (...) por enquanto acho que o certo seria isso mesmo, a gente distanciar de algumas atividades, evitar ficar em multidão muito grande assim, tipo pegando trem, às vezes precisa por conta do trabalho, mas nesses escritórios, nesses lugares ainda estão trabalhando home office também ou então estão em revezamento, isso é bom também (...)"	**Érika:** "O que eu acompanhei tanto no meu dia a dia, quanto os jovens no geral, é que não houve um respeito, não houve, de fato assim, um entendimento claro, eu não sei se entendimento é a palavra certa, porque as informações foram sendo passadas, mas acho que não houve mesmo um respeito com a quarentena, sabe? Se guardar em casa para se proteger, eu vejo que isso não houve, assim encerraram as atividades no comércio, de tudo, eles se reuniam na casa um dos outros, se reunia, fazia galera, fazia festa de rua. Eu vi bastante disso."

Figura 3 – Trecho do Codebook.

Fonte: Apêndice D

4.7 Aspectos éticos

O presente projeto de pesquisa foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Saúde (CAAE 48768921.0.0000.5469), tendo sido apresentado, nessa análise ética, o Termo de Anuência Institucional dos gestores municipais. O protocolo de pesquisa aprovado, respeitando as diretrizes das Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2012; 2016).

Levando em conta a Resolução 580/2018 do Conselho Nacional de Saúde, os resultados da presente pesquisa serão apresentados aos gestores do município de Franco da Rocha (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2018).

Todos os participantes foram convidados a dar uma entrevista sobre suas opiniões e experiências sobre o distanciamento social, sendo apresentado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) para explicitação dos objetivos, procedimentos da pesquisa e solicitação para gravação da entrevista (Anexo A).

No TCLE, foi informado que os riscos potenciais da pesquisa eram desconforto e/ou cansaço durante o relato de suas vivências e pensamentos. Ressalta-se que, de acordo com as resoluções 466/12 e 510/16, os participantes puderam se recusar a responder quaisquer das questões, assim como retirar seu consentimento a qualquer momento (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2012; 2016).

Os benefícios potenciais identificados em relação à participação dos sujeitos na pesquisa foram a possibilidade de expressão de suas incertezas quanto às consequências da pandemia, como também de refletir sobre as medidas de distanciamento social e modos de enfrentamento individuais e coletivos.

Os participantes tiveram suas identidades preservadas na divulgação dos resultados da pesquisa. No fim do estudo, será enviado uma cópia da apresentação do presente Trabalho de Conclusão de Curso para cada

participante, assim como os resultados serão divulgados para o Conselho Municipal da Juventude e para os gestores do munícipio de Franco da Rocha.

5. RESULTADOS

Foi elaborado um formulário on-line (Apêndice B) para que as pessoas interessadas na pesquisa pudessem preencher com seus dados de contato. Duas jovens, Helena e Cecília (nomes fictícios), inscreveram-se no formulário e auxiliaram a divulgar o estudo para amigos e parentes. No total, foram entrevistados cinco jovens com idades entre 18 a 24 anos, sendo quatro mulheres e um homem.

A primeira entrevistada foi a Helena que é estudante de Ciências Contábeis e trabalha na área de contabilidade em regime *home office*. Ela foi diagnosticada com COVID-19 em meados de abril de 2021, depois que ela e seus familiares se reuniram na festa de páscoa. Todos os participantes da reunião familiar ficaram doentes, sendo que nenhum deles apresentou a forma grave. Após se recuperar, Helena começou a notar uma dificuldade em lembrar-se de situações do seu passado e entendeu se tratar de uma sequela da doença, desde então tem procurado auxílio médico e farmacêutico para lidar com essa consequência.

O segundo entrevistado foi o Milton de 21 anos, que trabalha como autônomo no ramo da construção civil. Diante do cenário emergencial, ele interrompeu todos os seus planos e não conseguiu trabalhar, pois sua ocupação exigia que ele saísse de casa. Deste modo, ele contou como passou os meses iniciais da pandemia convivendo com uma intensa preocupação relacionada a sua situação financeira e aos endividamentos, ao mesmo tempo em que a possibilidade de transmitir o vírus para os seus familiares o transtornava.

Assim como Helena, a terceira participante da pesquisa, Cecília, de 22 anos, trabalha na área de contabilidade em *home office*. Ela formou-se em Ciências Contábeis em 2020, então passou seus últimos semestres letivos estudando em casa. Cecília é moradora de Caieiras, cidade vizinha de Franco da Rocha, mas trabalha e tem família no município.

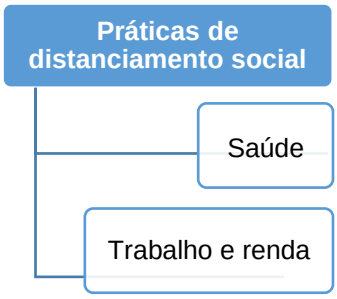
A quarta entrevista foi com a Érika, que fez parte do Conselho Municipal da Juventude, é estudante de Direito e estava com planos para conseguir um estágio na área, mas com os desdobramentos da pandemia teve que começar a fazer trabalhos temporários e sem registro na carteira trabalhista para conseguir manter-se financeiramente – os chamados “bicos” (trabalho informal). Ela e amigos fizeram ações para ajudar famílias e jovens em situação de vulnerabilidade, que moram nas zonas rurais ou nas periferias de Franco da Rocha. Érika também relatou sobre os vários diálogos que estabeleceu com a prefeitura e a rede de transportes municipal para mudar a decisão oficial de diminuir a frota de ônibus como uma medida para compelir a população a ficar em casa.

A última participante também foi membro do CMJ. Rita tem 19 anos, faz faculdade e trabalha presencialmente em outro município próximo à Franco da Rocha. Ela contou que teve dificuldade em conquistar um emprego, por isso se sentiu privilegiada por conseguir continuar estudando durante a pandemia e ter uma estrutura familiar que a ajudou a financiar seu cursinho para passar no vestibular. Rita mora junto com sua avó e perdeu um familiar para a COVID-19, em vista disso se preocupa muito com a possibilidade de se infectar e transmitir o vírus para seus entes queridos.

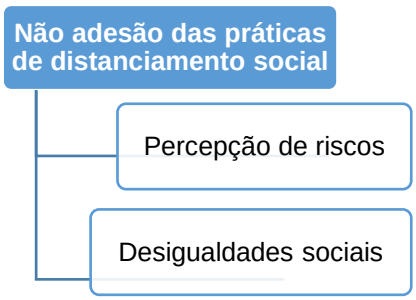
Cada um dos entrevistados produziu narrativas diversas sobre suas experiências e percepções, cada qual lidando com a complexidade e as incertezas do cotidiano no cenário pandêmico. Apesar das particularidades entre si, todos os participantes concordaram quanto à importância das práticas de distanciamento social para a contenção e mitigação da pandemia de COVID-19.

O instrumento *Codebook* auxiliou na identificação de posicionamentos e na construção de categorias e subcategorias de análise. Foram definidas três principais categorias e sete subcategorias.

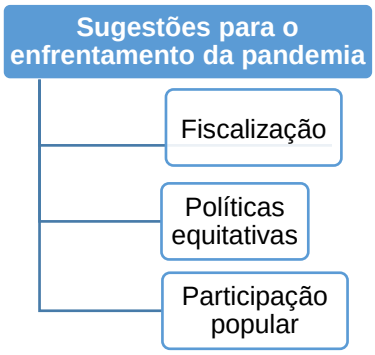
Tema 1



Tema 2



Tema 3



O primeiro tema ou categoria refere-se aos pensamentos e sentidos atribuídos pelos jovens quanto às práticas de distanciamento social. Não foi observado argumentos totalmente contrários às medidas. Observou-se que os jovens apresentaram apreensão em se infectar e transmitir o vírus para os seus familiares e amigos, de forma que buscaram informações por fontes científicas e na Internet. Porém, dois participantes trouxeram posicionamentos críticos quanto ao planejamento e à construção das políticas de distanciamento social, apontando para os impactos na renda, o aumento do desemprego e de famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Todos os entrevistados demonstraram preocupações com as consequências financeiras, educacionais e psicológicas para si e para os outros jovens. Apenas duas participantes puderam trabalhar em regime *home office* (Helena e Cecília), os outros três jovens tiveram que elaborar estratégias para conseguir renda e não ficarem em situação de vulnerabilidade e endividamento. Esses desassossegos se tornaram ainda mais evidentes

quando as perguntas da entrevista se relacionavam com o cotidiano e se eles conseguiram ficar em suas residências durante o primeiro ano de pandemia. Tédio, estresse e enlouquecimento foram significantes usados com frequência por quatro integrantes ao descreverem a experiência de ficar em casa por dias a fio.

O segundo tema corresponde às concepções sobre a não adesão das práticas de distanciamento social, a partir do qual foram construídas duas subcategorias “Percepção dos riscos” e “Desigualdades Sociais”. Todos os jovens narraram situações em que presenciaram festas ou eventos com aglomeração de pessoas. Quando questionados sobre quais eram suas concepções quanto a essas atitudes, eles se manifestaram contra essas atitudes. Três participantes trouxeram como discurso a percepção de que os jovens tendem a subestimar os riscos de se infectar e transmitir o vírus para outras pessoas, como também de ser comum que a população juvenil tenha o comportamento de se opor às regras e normas.

Apesar de a maioria apresentar como discurso essa concepção de que “o jovem é rebelde, não acha que o vírus pode atingi-lo”, todos associaram as desigualdades sociais como um possível fator para a não adesão das práticas de distanciamento social. Os entrevistados relataram situações de pobreza, desemprego, conflitos familiares, disparidades nas oportunidades de lazer, falta de acesso a recursos básicos e moradias precárias como obstáculos para o cumprimento das medidas de higiene e quarentena.

A última categoria definida como “Sugestões para o enfrentamento da pandemia” foi produzida a partir dos pensamentos e possibilidades de ações encontradas pelos jovens para mitigar os impactos causados pelo contexto pandêmico. Todos os entrevistados mencionaram a necessidade de uma fiscalização mais rigorosa em casos de ocorrências de festas e eventos, assim como nos estabelecimentos para garantir o cumprimento adequado das normas de higienização, uso obrigatório de máscaras e distanciamento social.

Adicionalmente, em relação as sugestões de enfrentamento, duas entrevistadas sugeriram um maior investimento em educação de qualidade, garantindo acesso à internet para os jovens sem condições de estudarem de suas residências e proporcionando um entendimento mais crítico das informações sobre a COVID-19. Além disso, todos mencionaram a criação de políticas para o fornecimento de renda básica, cestas de alimentos e produtos de higiene para famílias em vulnerabilidade socioeconômica como uma forma diminuir os efeitos causados pelo desemprego e diminuição dos proventos – considerados pelos participantes como consequências negativas do distanciamento social.

Três jovens mencionaram os posicionamentos divergentes das autoridades municipais, estaduais e federais. Para esses entrevistados, os discursos diferentes de cada esfera do governo podem acarretar uma confusão na percepção da população, como também denunciam a falta de comunicação dos políticos e dos gestores com os vários representantes da sociedade civil para poderem tomar decisões mais eficientes e factíveis, que levassem em consideração as particularidades e as necessidades das pessoas.

6. DISCUSSÃO

Levando em conta os objetivos da presente pesquisa e a diversidade de assuntos abordados nas entrevistas, foram identificados e evidenciados três principais temas durante os diálogos com os entrevistados: “Práticas de distanciamento social”, “Não adesão das práticas de distanciamento social” e “Sugestões para o enfrentamento da pandemia”.

Os jovens demonstraram disponibilidade em conversar com a pesquisadora, contando suas histórias, atitudes e angústias durante os períodos da pandemia. A entrevista semiestruturada com perguntas abertas ofereceu a oportunidade de os entrevistados falarem espontaneamente sobre o que pensam e entendem em relação às práticas de distanciamento social, como também sobre a sua não adesão.

6.1. Práticas de distanciamento social

Durante as entrevistas, notou-se que três entrevistadas (Helena, Érika e Rita) produziram enunciados que continham repertórios linguísticos os quais se posicionaram claramente a favor das práticas de distanciamento, enquanto os outros jovens (Cecília e Milton) expressaram-se de forma crítica quanto à construção dessas medidas preventivas, não se colocando totalmente a favor e evidenciando contrapontos. Por isso, criou-se duas subcategorias: “Saúde” e “Trabalho e renda”, as quais contemplaram os argumentos, justificativas e percepções narradas pelos participantes.

6.1.1 Saúde

Observou-se que nas falas dos entrevistados que se posicionaram claramente a favor das práticas de distanciamento social foram utilizados argumentos relacionados à saúde, de forma que o distanciamento social foi percebido como uma medida eficaz para conter a superlotação em hospitais e

evitar a propagação do vírus para outras pessoas, como pode ser visto no diálogo com Érika e Helena:

> (...) **Giovanna**: E já que a gente está falando dessas medidas oficiais, eu quero saber o que você pensa sobre o distanciamento social, as medidas oficiais de ficar em casa, de fechar a escola, comércio parques, baladas. [00:10:08]
>
> **Érika:** Então, eu acho muito importante, porque eu acho que é uma medida mais efetiva para controlar, assim, não gerasse uma superlotação dos hospitais, eu acho completamente importante, porque assim, eu acredito que todo mundo pegou, acabou pegando de uma forma ou outra, até também porque também não teve tanto respeito, mas eu acho que o distanciamento social, os cuidados, ficar em casa é uma medida muito importante, eu acredito muito que o fato de ficar em casa, desacelerava um pouco o problema. [00:11:01]
>
> (...)
>
> **Helena:** Por isso que os professores não aceitaram também que a gente volte presencialmente, por conta de eles serem idosos, de idade, na maioria são acima de 60 anos, então eles correm muito mais risco do que nós. Então eles não aceitaram por enquanto que a gente volte presencialmente. [00:02:26]
>
> **Giovanna:** Entendi. Tem alguns que não voltaram presencialmente, mas você... o que você acha dessa decisão? [00:02:37]
>
> **Helena:** Eu acho boa, porque é o certo da gente está fazendo, porque a vacina está aí, todo mundo tomou praticamente a primeira dose, mas não é eficaz totalmente, porque é uma vacina desenvolvida muito rápido, a gente não sabe a eficácia dela, de quanto tempo realmente dura. Eu acredito que futuramente vamos ter reforços dela, assim como a vacina da gripe que a gente acaba tendo que tomar todos os anos, então não é uma coisa que está concreta ainda, não é totalmente seguro a gente voltar, ainda mais com essa variante delta que apareceu agora, e cada vez que surge uma nova a gente fica com mais medo ainda, por enquanto acho que o certo seria isso mesmo, a gente distanciar de algumas atividades, evitar ficar em multidão muito grande assim, tipo pegando trem, às vezes precisa por conta do trabalho, mas nesses escritórios, nesses lugares ainda estão trabalhando home office também ou então estão em revezamento, isso é bom também, mas assim, é bom por um lado e por outro não, é bom pela nossa saúde, pela nossa segurança, mas a gente sabe que uma hora ou outra vai ter que acabar voltando tudo, mas até enquanto a gente puder seria bom continuasse assim. [00:04:02]

Os resultados da pesquisa de Bezerra *et al.* (2020) vão de encontro aos enunciados das entrevistadas, já que mais da metade dos 16.440 respondentes do estudo manifestaram-se a favor das práticas de distanciamento social, considerando a medida importante para o controle da transmissão do vírus.

Apesar de alguns jovens se manifestarem de forma crítica em relação às medidas de distanciamento social, todos apresentaram a preocupação em transmitir o vírus para pessoas próximas, relatando que o fato de morarem junto com seus familiares aumentou esse sentimento. Os jovens que participaram do questionário da pesquisa de Dyregrov et al. (2020) demonstraram apreensão semelhante, sendo que 90% dos respondentes apontou que sua principal preocupação era de um familiar adoecer por COVID-19.

A pesquisa de Qiao, Tam e Li (2020) sugeriu a possibilidade de haver uma associação inversamente proporcional entre o nível de exposição e a aceitação da vacina. Segundo os resultados, quanto maior for a exposição aos riscos de se infectar por COVID-19, menor pode ser a percepção da importância de se vacinar:

> Alguns estudantes com alto nível de exposição ao risco podem ter minimizado o risco de COVID-19 com base na sua experiência pessoal (especialmente porque a maioria deles não foi infectada) e não perceberam a necessidade da vacina (p. 14, tradução nossa).

A vacinação de pessoas com 18 anos ou mais começou em agosto de 2021 no município de Franco da Rocha (FRANCO DA ROCHA, 2021a). Todos os entrevistados relataram que o advento das vacinas e a chegada da vacinação para a sua faixa etária trouxeram o sentimento de segurança, o que demonstra que eles compreendem a importância de se vacinarem para controlar a pandemia. No entanto, as campanhas de comunicação e divulgação de informações devem continuar a ser propagadas de acordo com o quadro epidemiológico e necessidades do município. O combate às *fake news*, os canais para dúvidas e a utilização de tecnologias e mídias sociais para comunicação com a população são cruciais para a adesão das vacinas não só por parte dos jovens, como de outras faixas etárias (MASSARANI *et al.*, 2021).

Desta maneira, o progresso e agilidade da imunização da população é crucial para controlar o vírus, porém não anula a importância e a eficiência das práticas de distanciamento social. As medidas farmacológicas e não

farmacológicas – como distanciamento social, uso de máscaras e higiene das mãos – devem prosseguir em paralelo (FIOCRUZ, 2021). Por isso, faz-se necessário campanhas de conscientização sobre todas essas ações, que devem continuar sendo mantidas mesmo após a vacinação completa.

Mesmo com a apreensão dos entrevistados quanto à infecção de pessoas próximas, como também a consideração da vacina como uma medida importante para controlar a pandemia, alguns jovens fizeram apontamentos sobre o planejamento das políticas públicas de distanciamento social, de forma que foi elaborado a subcategoria “Trabalho e renda” para se referir aos posicionamentos críticos dos participantes quanto aos efeitos percebidos das práticas de distanciamento social.

6.1.2 Trabalho e renda

Dois entrevistados (Milton e Cecília) demonstraram argumentos críticos quanto às medidas de distanciamento social, justificando suas opiniões através das percepções dos impactos no campo do trabalho - por causa dos fechamentos de comércios e estabelecimentos – e na renda da população. Ao ser questionada sobre sua concepção sobre o distanciamento social, Cecília apresentou a seguinte narrativa:

> **Giovanna:** E o que você pensa sobre essas medidas oficiais de ficar em casa e fechar as escolas, comércio, parques e baladas? O que você pensa sobre essas coisas? [00:10:23]
>
> **Cecília**: Depende assim, tem dois pontos, fechar coisas de lazer eu acho certo, por exemplo, balada, festa, bar, o parque mesmo eu acho que é um local onde as pessoas se reúnem, mas que não é uma atividade essencial. Agora fechar o comércio, é assim, tem muitos pequenos empreendedores que estão na mesma situação que os empregados, então assim, aquilo lá é a renda dele, se ele não sair para trabalhar, ele não tem o que comer, por mais que tenham um CNPJ, uma empresa, não quer dizer que estejam bem de vida, sabe? Muitas vezes eles são gente como a gente, e precisa estar todo dia ali trabalhando, ainda mais se for uma área, sei lá, construção civil por exemplo, não tem o que fazer o cara tem que ir lá e trabalhar, não tem como fazer home Office, sabe? Então nesse ponto eu acho que é uma coisa ruim, porque as pessoas precisam trabalhar, mas na questão de lazer acho super correto. [00:11:35]

Cabe ressaltar as falas de Milton, o qual foi impactado diretamente pelos fechamentos dos comércios. O trabalho dele só pode ser realizado fora de sua residência, por isso, durante os primeiros meses da pandemia, ele não recebeu nenhum tipo de provento. Diante dessa situação, Milton contou sua história:

> **Giovanna:** Sim, e como que ficou o seu trabalho? Porque você trabalha com essa parte de reformas, e acho que você tem que estar presencialmente, não é? Nos lugares. Como ficou? [00:03:57]
>
> **Milton:** No começo eu continuei trabalhando, aí ainda bem que eu tinha uma reserva senão não tinha dado, porque os boletos começaram a chegar, e não recebia e não dava para ir trabalhar porque o cliente também não aceitava ir lá, ficou tudo bagunçado, a sorte é que o pessoal aqui em casa é concursado e a gente conseguiu ir mantendo as contas, mas se fosse só por mim, estava ruim. [00:04:28]
>
> (...)
>
> **Giovanna:** (...) como que é esse sentimento assim, de ter que pegar um trem visto que a gasolina está cara, e você tem que fazer essa decisão como que você se sentia tendo que fazer essa decisão de pegar CPTM lotado, morando com a sua vó. [00:08:26]
>
> **Milton**: Não tinha muita escolha, não tinha escolha, ia deixar as contas todas atrasar? Eu já tinha planos, aliás, nada obedeceu aos planos que eu tinha que trocar de carro, de comprar um apartamento, não deu, como eu ia assumir outra dívida se não estava trabalhando? Só as dívidas daqui de casa já estavam ruins de pagar, mas fazer o que eu tinha que sair, mas depois tomava as precauções, entrar pelos fundos de casa, já ia direto para o banheiro tomar banho, já deixava a roupa do lado de fora, e evitada pegar no corrimão, a mão ficou até mais ressecada do que é, de tanto álcool em gel que estava passando. [00:09:16]

A realidade de Milton não é uma exceção. Segundo dados da PNAD (IBGE, 2020), em 2020, a taxa de desemprego para a faixa etária de 18 a 24 anos alcançou a taxa de 24%, correspondendo o dobro do que foi observado para a população adulta. Nesse ínterim, houve também um aumento da ocupação em trabalhos informais, atingindo o número de 40%. O levantamento realizado pelo Conselho Nacional da Juventude (2021) demonstrou informações semelhantes, pois, desde 2020, há uma tendência de aumento no número de jovens que não estão trabalhando e 3 a cada 10 relataram estar nesta situação por causa da pandemia.

Outro ponto relevante se refere ao aumento de trabalhos informais, segundo os dados do Conselho Nacional da Juventude (2021), 44% dos jovens

que estão fora do mercado de trabalho realizaram ocupações remuneradas, das quais, em grande parte, foram sem registro na carteira ou eram “bicos” – trabalhos intermitentes. Essas informações são preocupantes, pois demonstram a necessidade da exposição “fora de casa” para a conquista de uma fonte de renda, como também a exposição a condições precárias de trabalho, tal qual expõem Sobrinho e Abramo (2021):

> A maior parte dos que encontram trabalho estão em trabalhos intermitentes, informais e/ou precarizados que exigem deslocamentos, circulação e contato social, tais como empregos domésticos, comércio ambulante, “empreendimentos” de diferentes tipos de “viração” etc. Ou seja, trabalhos com pouca ou nenhuma proteção, tanto no sentido da seguridade social e trabalhista, como no sentido da exposição ao coronavírus. (p.4)

A entrevistada Érika teve que fazer alguns “bicos” para conseguir renda, pois encontrou dificuldades em trabalhar no ramo desejado. Já a participante Rita também se deparou com obstáculos na conquista de um emprego. Ambas participantes, além de narrarem histórias semelhantes sobre os percalços diante da crise enfrentada pelo país, tiveram que se expor e sair de suas casas para conseguirem manter a si próprias e a renda familiar.

Mesmo os três jovens citados (Milton, Érika e Rita) não estarem em suas casas cumprindo completamente as medidas de distanciamento social, eles afirmaram a importância dessa prática para controlar a pandemia. Essa contradição pode ser entendida pelo fato que essas políticas têm ocasionado impactos na renda das pessoas, assim como faz uma denúncia sobre a crise socioeconômica enfrentada pelo país. Estes apontamentos reforçam a urgência em construir ações públicas para a garantia de renda básica à população, a fim de oferecer de fato condições de as pessoas aderirem à prática de “ficar em casa” (BEZERRA *et al*. 2020).

6.2. Não adesão das práticas de distanciamento social

Todos os entrevistados narraram situações em que presenciaram a aglomeração de pessoas, expondo suas opiniões diante dessas situações. Os

jovens demonstraram que não concordam com a realização de festas, já que eles afirmaram que eventos deste tipo costumam reunir várias pessoas e os protocolos de distanciamento social e uso de máscaras tendem a não serem cumpridos. É importante ressaltar que a partir da produção de enunciados dos participantes para explicarem o que acham sobre os jovens se reunirem em baladas ou outras práticas de lazer, construiu-se a subcategoria “Percepção de riscos”.

Além disso, os entrevistados manifestaram percepções e reflexões de que há pessoas que não têm condições de aderir aos protocolos de higiene e tão pouco ao distanciamento. Sendo assim, foi produzida a segunda subcategoria: “Desigualdades sociais ”.

6.2.1 Percepção de riscos

Durante a entrevista, foi mostrado a cada participante uma reportagem da mídia regional em que aparece vídeos e imagens de muitas pessoas se reunindo sem máscaras e não seguindo nenhum protocolo de distanciamento social. No discurso do jornalista, é possível perceber o destaque dado ao comportamento de risco da população juvenil por meio da frase “(...), porém muitas pessoas**, inclusive os mais jovens**, em Francisco Morato e Franco da Rocha se aglomeraram em festas clandestinas pela cidade” (CIDADE REPÓRTER, 2021, grifo nosso).

A preocupação com a grande exposição dos jovens é justificável, já que os boletins epidemiológicos da Fiocruz (2021) têm demonstrado uma “juvenilização” da COVID-19, as pessoas na faixa etária de 20 a 49 anos tem se infectado e apresentado sintomas graves. Ressalta-se também que os mais jovens ocupam por mais tempo os leitos de UTI por causa de sua condição física, o que pode acabar acarretando um bloqueio na rotatividade dos leitos. Este cenário pode ser explicado por fatores como o surgimento de novas variantes do vírus, a lentidão no processo de vacinação e a superlotação nos serviços hospitalares (FIOCRUZ, 2021).

Visto isso, o constante pedido às pessoas para aderirem às medidas de distanciamento e isolamento social se faz necessário. Porém, é um tanto intrigante o modo como as mídias jornalísticas e comunicacionais evidenciam a figura do jovem como protagonista das ditas “festas clandestinas”, por mais que esse comportamento não seja exclusivo dessa faixa etária, de forma que se constrói uma imagem de “inconsequência”, “rebeldia” e “irresponsabilidade” associada a população juvenil (SOBRINHO; ABRAMO, 2021).

A divulgação da notícia para os entrevistados foi com a intenção não apenas de identificar o que eles pensam sobre a não adesão das práticas de distanciamento social, mas também de compreender a forma como eles justificam tais comportamentos e reagem em relação à maneira como se fala sobre a juventude diante da pandemia.

Três jovens (Milton, Cecília e Érika) justificaram os comportamentos de exposição - frequentar festas e aglomerações em eventos - de forma semelhante ao discurso das mídias, como pode ser visto abaixo nos trechos dos diálogos:

> **Reportagem:** E no último final de semana, devido a pandemia, não houve o ponto facultativo de carnaval em todo o estado de São Paulo, os blocos tradicionais de rua também foram cancelados, porém muitas pessoas, inclusive os mais jovens, em Francisco Morato e Franco da Rocha se aglomeraram em festas clandestinas pela cidade. Nessas imagens que foram divulgadas nas redes sociais, pelos próprios frequentadores, podemos ver várias pessoas, todas aglomeradas e ninguém usando a máscara de proteção. Hoje o Cidade Repórter foi acompanhar essa situação que está causando mais e mais infectados, dia após dia. [00:15:39]
>
> **Giovanna:** Vou parar aqui a apresentação, só vou colocar meu fone. Então, a partir disso que você viu e escutou, o que você pensa sobre isso? [00:16:02]
>
> **Cecília**: Eu acho que são os jovens mesmo que não tem essa preocupação de estar infectado, ou mesmo se contaminar, é de certa forma uma imaturidade, inconsequência, é porque ali estão todos sem máscara, sem nenhum distanciamento, em uma aglomeração. [00:16:27]
>
> **Giovanna:** E por que você acha que acontece essas coisas, ou por que que isso está relacionado com os jovens? Além do que você falou da questão da imaturidade, mas eu queria que você me explicasse isso melhor. [00:16:44]
>
> **Cecília**: É um ponto meio difícil de explicar, mas eu acho que tem muito a ver com o jovem não querer seguir as regras, sabe? De "eu sou contra isso", "eu não vou ser afetado por isso", eu acho que tem muito a ver com essa questão de se achar que não vai ser afetado

> pelo vírus, ou então não ver a consequência de ser afetado e contaminar outras pessoas, talvez não tenham outras pessoas que sejam contaminadas, talvez também, um outro ponto, sei lá, a pessoa passa o dia inteiro em atendimento a outras pessoas, passa dia inteiro em um trem lotado, e vê assim, eu já passo o dia inteiro cercada de pessoas, por que que eu não vou em uma festa? Tem esse outro ponto. [00:17:31]
>
> (...)
>
> **Giovanna:** Entendi. E eu gostaria de saber o que você percebeu durante a pandemia, em relação ao comportamento dos jovens? Já que você está como representante da juventude. [00:06:30]
>
> **Érika:** Sim, assim, a gente encerrou as atividades presenciais, a gente começou a fazer tudo remoto, foi bastante complicado. O que eu acompanhei tanto no meu dia a dia, quanto os jovens no geral, é que não houve um respeito, não houve, de fato assim, um entendimento claro, eu não sei se entendimento é a palavra certa, porque as informações foram sendo passadas, mas acho que não houve mesmo um respeito com a quarentena, sabe? Se guardar em casa para se proteger, eu vejo que isso não houve, assim encerraram as atividades no comércio, de tudo, eles se reuniam na casa um dos outros, se reunia, fazia galera, fazia festa de rua. Eu vi bastante disso. [00:07:26]
>
> **Giovanna:** E o que você acha também que talvez é um fator para que eles escolham fazer isso, apesar da informação de não fazer? [00:07:40]
>
> **Érika:** Eu acho que o jovem tem muito essa questão de "ah, isso não vai acontecer comigo", "ah, não, eu aguento", "aí é só, talvez, uma gripe, nem deve ser para tanto", e o que aconteceu é que a maioria acabou levando essas doenças para os familiares, não foi falado, não foi assim, eles não tiveram essa consciência de buscar ainda mais informações, para ver se realmente só atingia pessoas mais velhas e eles estavam imunes. [00:08:23]

Abaixo encontra-se uma figura retirada de uma publicação da página oficial do *Instagram* da Prefeitura de Franco da Rocha para a divulgação da pesquisa de Carvalho (2022), que foi produzida em paralelo com o presente estudo. Há dois comentários que demonstram certa indignação com o comportamento dos jovens, atribuindo a eles a realização das “festas clandestinas”. Observa-se novamente a semelhança nos enunciados produzidos sobre as juventudes.

Figura 4 – Captura de tela de postagem do perfil oficial da Prefeitura de Franco da Rocha

Nota: Imagem retirada a partir da postagem feita pela Prefeitura de Franco da Rocha na mídia social Instagram para divulgar o questionário produzido por CARVALHO (2022) em paralelo com a presente pesquisa.

Fonte: Franco da Rocha (2021b)

É notável a forma como as entrevistadas falam sobre os jovens, no entanto esse discurso também recai sobre elas, já que fazem parte do grupo social dito. Segundo os resultados do Conselho Nacional da Juventude (2021), “ (...) 7 a cada 10 jovens dizem que não frequentaram festas nesse período, demonstrando que a maior parcela deles está preocupada com os efeitos de ir a esses ambientes. ” (p.26), o que contraria esta noção de que os jovens não estejam preocupados ou não percebam os riscos das exposições em ambientes com aglomeração.

Por que será, então, que há tanta ênfase de que “o jovem subestima os riscos”? Será que se trata de uma realidade dos jovens do município? Não cabe na presente pesquisa averiguar se tal hipótese procede, mas seria de suma valia a construção de dados, por meio do Sistema de Monitoramento Inteligente (SÃO PAULO, 2021b), que levassem em consideração recortes por

faixa etária, raça/cor e bairros de Franco da Rocha, como também de outras cidades, para identificar quais grupos sociais têm se exposto mais. Porém, apesar dessa limitação, faz-se necessário problematizar a forma como Érika, Cecília e Milton enunciaram sobre os jovens, pois constrói um sentido de que o comportamento de “subestimar”, “não medir as consequências” é inerente ao jovem. Ou seja, a pessoa se comporta de tal maneira porque é jovem, independentemente de qualquer contexto.

Esse sentido construído pelos entrevistados vai de encontro ao que denuncia Sobrinho e Abramo (2021) sobre as mensagens e imagens veiculadas sobre a juventude:

> (...) chama a atenção o fato de que os apelos têm, quase unissonamente, desenhado um retrato dos jovens como os principais responsáveis pela disseminação do vírus, em função do que se percebe como um comportamento insensato, fruto de uma “indiferença” ao problema da pandemia ou de uma incapacidade de controlar seus impulsos por lazer e diversão. O foco do noticiário e de muitas das explicações para a aceleração da disseminação do vírus tem sido a realização de eventos de lazer e confraternização em espaços públicos ou privados: primeiro, aqueles relacionados às comemorações de fim do ano, depois o carnaval e, agora, as baladas e festas clandestinas; mas, mesmo que muitos desses eventos tenham sido protagonizados por pessoas das mais diferentes idades, aos jovens são atribuídas as aglomerações, reconhecidas como inerentes à sociabilidade juvenil. Amplificam-se as preocupações quando surgem imagens de tais baladas fartamente veiculadas pela mídia, em distintos territórios, mas sobretudo nas periferias de áreas urbanas (p.2).

Visto isso, outras questões pairam no horizonte: Será que tais comportamentos são de fato juvenis? Será que todas essas características são pertencentes aos jovens por eles estarem nesta determinada faixa etária?

Essas concepções sobre a juventude são discursos que possuem repertórios contextualizados no tempo e espaço, ou seja, são compostos e perpassados por variadas vozes e teorias. Como a linguagem é uma prática social, as formas de dizer sobre os jovens provocam maneiras de ser e agir, implicando nas suas experiências subjetivas e construindo saberes e práticas que recaem sobre eles (SPINK; MEDRADO, 2013; SPINK; BRIGAGÃO;

NASCIMENTO; CORDEIRO, 2014; JOBIM E SOUZA, 2010; FERREIRA, 2017). Por isso, faz-se necessário destacar as teorias e percepções que podem estar atravessando os enunciados das mídias, dos entrevistados e de outros grupos etários.

Ferreira (2017) realizou uma pesquisa com atores da rede socioassistencial que trabalham no processo de desacolhimento institucional por maioridade, problematizando e intervindo sobre a forma como esses profissionais concebiam os adolescentes e a saída destes dos serviços de acolhimento. A autora enfatizou a existência de discursos hegemônicos que constroem práticas e saberes sobre os adolescentes, de modo que influenciam as visões das políticas socioassistenciais, como também as ações dos profissionais da área.

Destaca-se o estudo de Ferreira (2017), pois os discursos sobre os adolescentes se assemelham com os enunciados produzidos pelas mídias e pelos entrevistados da presente pesquisa, assim como perpassa pela narrativa sobre a percepção de risco das juventudes.

Uma das teorias que a autora realça é a desenvolvimentista, que compreende a adolescência como uma fase universal da vida do ser humano. Assim, dentro desta concepção, toda pessoa independente do contexto e lugar, passará por essa etapa até “evoluir” para o estágio adulto. A perspectiva desenvolvimentista tem sido influente desde os séculos XIX e XX, sendo até hoje difundida pela Psicologia, Psicanálise e outras ciências humanas, portanto se trata de um discurso hegemônico.

A primeira crítica se refere à percepção universal e descontextualizada presente na teoria desenvolvimentista, que “ (...) refuta a diversidade de experiências vivenciadas pelos sujeitos, suas diversas adolescências, revelando-se pouco receptiva às suas singularidades” (FERREIRA, 2017, p. 126). Além disso, esta perspectiva produz implicações nas relações dos/com os adolescentes, pois estabelece lugares para cada fase, sendo a etapa do adulto o “auge” do desenvolvimento. Por isso, são designados lugares desiguais aos jovens ante aos adultos, construindo uma desautorização sobre

seus próprios enunciados - já que quem tem a “última palavra” são os adultos, “que viveram mais” - e engendrando estigmas, invalidações e até silenciamentos (FERREIRA, 2017).

Outro ponto se refere às características que são atribuídas como inerentes à adolescência e que muito se assemelha aos significantes escolhidos para falar sobre a juventude:

> (...) destacamos a noção de crise adolescente decorrente desse discurso. Às alterações biológicas e hormonais decorreriam características biológicas específicas, que marcariam o sujeito adolescente como **inseguro**, **rebelde**, **impulsivo**, **agressivo**, instável afetivamente etc., consistindo tais marcas na própria “identidade adolescente”. A adolescência seria, assim, associada, invariavelmente, a conflitos e turbulências, à agressividade e violência (FERREIRA, 2017, p. 135, grifo nosso).

As semelhanças com a forma de descrever as percepções de riscos dos jovens não são meras coincidências. O quadro que é pintado sobre a juventude, através dos discursos das mídias e até mesmo dos próprios jovens, refere-se a pessoas que não medem as consequências diante de situações de incerteza ou perigo, ou seja, são impulsivas independente dos recortes socioculturais e condições de vida desses sujeitos. Na entrevista com Érika é possível visualizar como que, ao contextualizar sobre qual jovem está se falando, passa-se a construir outros sentidos para a não adesão das práticas de distanciamento social, assim como a compreender a associação de fatores sociais e subjetivos na construção da percepção sobre o distanciamento social (BEZERRA *et al.* 2020):

> **Giovanna:** E assim, pensando no contexto aí de Franco da Rocha, você acha que todos os jovens eles tiveram a possibilidade de ficar em casa? Conseguiam ficar em casa? Mesmo assim, pensando por eles, para escolher, tanto de você escolher ir para uma festa ou de você ter que ir trabalhar. [00:11:23]
>
> **Érika:** Não, alguns não tiveram oportunidade, a gente tem uma área de Franco da Rocha que ela é mais rural, uma área que chega a ser mais humilde, e assim, eu tenho uma amiga que é dona de uma ONG, e assim, conhecendo outras pessoas também que fizeram movimentos para fazer doações, para levantar doações, porque tem uma área de Franco que as pessoas não tinham como ter os devidos cuidados, porque elas não tinham como assim ter acesso a produtos de higiene direito, ter a opção de escolher ficar em casa, sabe?

> Tinham que trabalhar porque era o único jeito, então assim, teve sim pessoas que não puderam fazer essa escolha, teve pessoas que não conseguiam se cuidar direito, devidamente como manda o protocolo, por conta dessas dificuldades. Eu acompanhei um pouco por cima, o trabalho dessa minha amiga, ela faz ainda arrecadações, arrecadação tanto em dinheiro, quanto cestas básicas, produtos de higiene, todos os produtos para levar para essas pessoas. [00:12:41]

Ao atribuir a realização de eventos e festas com aglomerações à população juvenil e justificar essas ações por meio de características consideradas pertencentes a uma fase da vida, tem-se uma visão determinista e linear de um fenômeno. Fatores como condições de vida, contexto sociocultural e econômico, raça/cor e as subjetividades são deixados de lado. Corre-se o risco de todas as outras exposições a riscos e violências passarem a ser vistas por meio deste viés, trazendo implicações na comunicação e nas vivências com os jovens. Tal discurso “abre margem” para considerações estigmatizantes e punitivas, construindo um caminho contrário do que a comunicação de riscos propõe, que valoriza o diálogo e a partilha entre diversos atores (MASSARANI *et al*., 2021). Como se estabelece um diálogo com os jovens, sendo que já se tem explicações prévias sobre como e quem eles são?

A partir do momento que se busca ampliar os sentidos por meio do diálogo, os próprios entrevistados procuram sair desta lógica “comporta-se assim porque é jovem” para dar outros repertórios e significados para a percepção de risco, como fica claro na hipótese levantada por Cecília: “(...) talvez também, um outro ponto, sei lá, a pessoa passa o dia inteiro em atendimento a outras pessoas, passa dia inteiro em um trem lotado, e vê assim, eu já passo o dia inteiro cercada de pessoas, por que que eu não vou em uma festa? Tem esse outro ponto”. Assim, é possível refletir que para os jovens que não têm o privilégio de trabalharem de suas casas, a contínua exposição nas aglomerações em transportes públicos e outras tantas situações de desigualdades vivenciadas no cotidiano podem construir uma relação com a probabilidade de se infectar por COVID-19 como mais um risco entre tantos outros (SPINK, 2020).

Ao propor uma abertura no diálogo, desvencilhada de estigmas e ideias preconcebidas sobre as juventudes, é possível escutar a avaliação que os jovens fazem sobre as situações em que decidem sair de suas casas ou encontrar outras pessoas fora do seu convívio familiar para se divertir, assim como Helena faz:

> **Giovanna:** (...) eu queria que você me contasse o que você pensa do que está sendo dito na reportagem. [00:24:59]
>
> **Helena:** Eu acho que realmente é isso que está acontecendo, muita gente se reunindo sem máscara, muita gente, assim... **o problema não é você se reunir sem máscara com os amigos, é o problema é o local onde você está se reunindo**, porque uma coisa é você chamar um amigo seu que você tem contato, sei lá, praticamente toda semana ou então um amigo seu que você está sabendo que ele, que a gente sabe que tem os casos assintomáticos, mas é... assim, que não está tendo sintoma algum dessas coisas, e chamar, sei lá, para a sua casa, ou então para uma reunião na sua casa mesmo ou na casa de alguém com poucas pessoas, mas o problema é que as pessoas acabam se reunindo em grande quantidade, por exemplo, em adegas, como eu tenho visto aqui todo final de semana, pessoas fecham a rua de tanta gente que tem local, um barzinho que está não tem nem, sei lá, 5 m² e acaba... [00:26:05]
>
> **Giovanna**: Um cubículo, não é? [00:26:06]
>
> **Helena:** ... um cubículo. E acaba fechando tudo assim, sabe? E acaba lotando a rua, acaba lotando o espaço e as pessoas se contaminam e muitas vezes acabam nem sabendo e leva para dentro de casa, e é onde não resolve problema, porque uma pessoa que contamina na rua, vai para dentro de casa e contamina quem está em casa, e é um ciclo que não fecha se continuar dessa forma, então eu não acho errado se reunir ainda, sabe? No começo sim, a gente tinha que ser muito mais cauteloso com isso, agora eu acho que dá para a gente se reunir, **dá para se divertir, dá para sair, mas o problema é o local onde você está indo, esse local é aberto o suficiente? Esse local é grande suficiente para compor tantas pessoas, como eu sei que vão? Não é, então por que que eu vou, se eu estou sabendo que eu estou numa situação que não é o correto?** Não dá para usar uma máscara que dá para me proteger um pouco mais, então por que eu vou sabendo que eu estou correndo o risco de carregar um vírus para dentro da minha casa depois? Então é essa a questão assim. Tomar cuidado para onde a gente vai. [00:27:15]

É notável que Helena avalia os riscos por fatores como o local (aberto ou fechado), a quantidade de pessoas e quem elas são. Observa-se que, com pessoas mais próximas do seu convívio, o grau de confiança aumenta, mesmo com a existência de casos assintomáticos.

As concepções de Helena sobre fatores que devem ser avaliados antes de sair de casa, assemelham-se com os resultados da pesquisa do Conselho

Nacional da Juventude (2021). Segundo este estudo, “os jovens mudam a forma de usar ou não essa proteção [máscaras] de acordo com os locais e as pessoas com quem estão” (p.27). Quanto mais público for o local e com mais pessoas desconhecidas, a tendência é aumentar o uso de máscaras. No entanto, observou-se que a utilização de máscaras é reduzida com pessoas em quem os jovens confiam.

Desta maneira, faz-se necessário considerar as pontuações e os questionamentos trazidos por Helena, assim como por outros jovens para produzir campanhas de comunicação e conscientização. O que se sugere no presente estudo, portanto, é que as juventudes sejam ouvidas, levando em conta seus contextos de vida, subjetividades, valores socioculturais e as formas de narrar suas relações com as situações de exposição, a fim de auxiliar na construção de políticas públicas mais factíveis, justas e equânimes à população juvenil.

6.2.2 Desigualdades sociais

Como visto acima, parte dos entrevistados (Milton, Cecília e Érika) trouxe a concepção de que os jovens tendem a subestimar os riscos. No entanto, conforme os questionamentos da pesquisadora para compreender com mais profundidade as colocações dos participantes, os enunciados passaram a considerar as multiplicidades nas formas de ser jovem, assim como as desigualdades sociais como fatores associados à não adesão do distanciamento social.

Destaca-se o diálogo com a participante Rita, que trouxe questionamentos fundamentais para ampliar o debate sobre as vivências das juventudes diante da pandemia:

> **Giovanna:** Entendi. Outro ponto que eu gostaria de conversar com você é sobre lazer, diversão, o que que você fazia para se divertir no início da pandemia? O que você fazia para se distrair, dar uma espairecida? [00:13:24]

> **Rita:** Eu sempre gostei muito de estudar, mesmo, eu acho que isso não deveria ser, mas estudar, para mim é uma alegria muito grande, eu gosto muito, então estudar, para mim já era uma coisa que me deixava felizinha na pandemia. Mas eu acho que ver série, eu via filme, eu gosto muito de ler, tem uns livros aqui atrás até, eu sempre gostei muito de ler então acho que leitura, consumir conteúdo artístico e estudar foram as coisinhas que me deixaram assim... não no bem, não é? Nem todo mundo ficou muito bem na pandemia, mas que me deixaram firme. [00:14:04]
>
> **Giovanna:** Sim, até por isso que eu perguntei para você sobre diversão, eu entendo que tem outras pessoas que a diversão está fora de casa, não é? Não é livro... e por isso que eu pergunto, porque o lazer é uma coisa que a gente tem discutido bastante, visto como se fosse um atrativo para uma aglomeração. [00:14:29]
>
> **Rita:** Sim. [00:14:31]
>
> **Giovanna:** Então por isso que eu pergunto para você... até também eu queria saber o que que você pensa sobre, assim, não sei se você tem visto aí no seu bairro, alguns tipos de aglomeração feitos por alguns jovens, e o que que você pensa sobre isso, de eles saírem, para ir em um bar ou até mesmo em um parque, o que que você acha disso? [00:14:57]
>
> **Rita:** Eu acho que superficialmente todo mundo fica... ficaria meio incomodado com uma aglomeração durante uma pandemia, superficialmente. Mas aí a gente precisa parar para pensar justamente nisso, não é? **Nessas outras coisas que levam essas pessoas a estarem buscando esse lazer, esse prazer fora de casa, então a gente precisa conversar sobre como que é a estrutura da casa, se a pessoa se sente bem lá dentro, se a pessoa consegue... eu conseguia, por exemplo, sozinha**, eu e meus livros fica bem, tranquilo. **Tem gente que não tem essa visão, que não consegue ficar bem sozinho, que precisa sair, é como se fosse um escape, às vezes o problema de ficar em casa é a casa, é ficar em casa, é a estrutura familiar e tudo mais, as vezes... ou ficar sozinho, então o jovem consigo mesmo, ele não consegue se dar bem consigo mesmo e precisa externalizar, então ele precisa sair, ele vai precisar recorrer a esse tipo de coisa, aí tem uma questão de informação também, então o quanto esse jovem foi informado sobre o coronavírus e sobre a pandemia, e o quanto que ele confiava nisso**, porque essas coisas levam você a sair ou não, se é um jovem muito bem informado, se ele entende, acredita na pandemia e no potencial do vírus, ele, assim... utopicamente não vai sair de casa. **Mas é um milhão de coisas que a gente precisa discutir quando a gente vê o jovem na rua.** [00:16:32]

Rita trouxe argumentos como a estrutura da casa, dinâmica familiar, formas de lazer, subjetividade, acesso e confiança nas informações sobre a COVID-19 para demonstrar a complexidade da temática. Estudos como de Bezerra et al. (2020) sugerem conclusões que seguem em direção aos enunciados de Rita, em razão de demonstrarem que as percepções sobre as

condições das habitações interferem nas esferas psicológicas (como no nível de estresse) e no tempo que as pessoas estão dispostas a ficarem em suas casas cumprindo o distanciamento social. Os respondentes que notaram a qualidade das suas residências como péssima, 52,4% relatou muito estresse, enquanto 36,2% sentiu um pouco e 11,4% nenhum. Quando se observou os dados referentes aos participantes que conceberam a qualidade de suas casas como ótima, os números foram distintos: 13% sentiu muito estresse; 52,9% pouco e 34% nenhum.

O subtema “Trabalho e renda” também está atrelado com a presente subcategoria, como é possível ver na narrativa de Érika quanto a não adesão dos protocolos de distanciamento social por parte de pessoas que moram em territórios em vulnerabilidade social no município:

> (...) porque tem uma área de Franco que as pessoas não tinham como ter os devidos cuidados, porque elas não tinham como assim ter acesso a produtos de higiene direito, ter a opção de escolher ficar em casa, sabe? Tinham que trabalhar porque era o único jeito, então assim, teve sim pessoas que não puderam fazer essa escolha, teve pessoas que não conseguiam se cuidar direito, devidamente como manda o protocolo, por conta dessas dificuldades.

Segundo os dados da Fundação Seade (2010), feitos de acordo com o último censo demográfico, Franco da Rocha possuía 29,6% da população exposta a um índice de vulnerabilidade social alto. Ou seja, este dado é interpretado da seguinte forma: “Proporção da população residente em setores censitários com níveis baixos na dimensão socioeconômica, em área urbana de tipo não especial. Seu perfil demográfico caracteriza-se pela forte presença de mulheres responsáveis pelo domicílio e de crianças com até cinco anos”. Já 7,3% da população estava exposta a uma vulnerabilidade social muito alta, referindo-se às pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza.

Infelizmente os referidos dados são do ano de 2010, o que demonstra a urgência de ser realizado um novo censo demográfico para poder construir um panorama mais próximo à realidade do município. Apesar desta limitação, as informações demonstram que quase 40% da população de Franco da Rocha

vivia exposta a algum nível de vulnerabilidade, morando em territórios periféricos, favelas ou zonas rurais.

Diante do cenário pandêmico, estudos como de Bezerra *et al.* (2020), Massarani *et al.* (2021), Conselho Municipal da Juventude (2021) e Sobrinho e Abramo (2021) denunciaram que as desigualdades sociais se explicitaram no país, construindo abismos sociais mais profundos. A tendência é que Franco da Rocha tenha sofrido impactos nesta esfera também, assim como relatou Érika, a partir de sugestões de ações para auxiliar o município no enfrentamento a pandemia: (...) também em alguns bairros mais rurais, por exemplo, que às vezes a questão de água, de luz, que é racionada. Não haver esse racionamento, por exemplo.

No artigo 3° da lei 8080 (BRASIL,1988), a definição de saúde envolve dimensões biopsicossociais, de forma que o direito à saúde é garantido tendo em vista as condições de moradia, lazer, saúde mental, transporte, trabalho, educação e alimentação das pessoas. Porém, como enuncia Santos (2012), “ (...) a possibilidade de ser mais, ou menos, cidadão depende, em larga proporção, do ponto do território onde está” (p. 107). O autor faz essa afirmação, pois compreende as desigualdades existentes entre os territórios e o quanto elas influenciam nas possibilidades de as pessoas acessarem aspectos básicos e fundamentais para se ter uma vida digna e saudável, dentro dos termos da Saúde Coletiva.

Neste ínterim, a habitação, o saneamento básico, o acesso à informação, as condições de trabalho, a renda, alimentação, educação e o lazer são esferas que devem ser consideradas, dentro de suas singularidades nos distritos de Franco da Rocha, para a construção de ações de saúde e na compreensão do impacto da pandemia tanto na vida dos jovens como de outros grupos sociais que compõem a cidade.

6.3 Sugestões para o enfrentamento da pandemia

Todos os participantes, ao longo das entrevistas, expressaram ideias sobre as formas de mitigar e lidar com efeitos da pandemia no município. Foram selecionadas três principais subcategorias de acordo com as sugestões levantadas pelos jovens: Fiscalização; Políticas públicas e Participação social.

Trata-se de uma temática importante para construir apontamentos para Franco da Rocha e propor caminhos possíveis, assim como projetos mais democráticos e dialogados.

6.3.1 Fiscalização

Todos os jovens citaram a necessidade de a cidade averiguar com rigor se os protocolos de higiene e distanciamento social estão sendo devidamente cumpridos pelos estabelecimentos, parques, restaurantes e eventos. Segundo eles, não é preciso fechar novamente estes locais, mas sim fiscalizar de que forma estão funcionando, se as pessoas estão fazendo o uso obrigatório de máscaras, higienizando as mãos e se os responsáveis têm limitado o número de pessoas para não ocorrerem aglomerações.

Os entrevistados enfatizaram que essas atitudes deveriam ter sido mais rígidas nos primeiros meses da pandemia, no entanto preveem que, com a melhora do cenário pandêmico e a reabertura gradual dos comércios e bares, seja necessário ter um controle municipal e campanhas de incentivo ao uso de máscaras, vacinação e a testagem para a COVID-19. Na entrevista com Cecília, é possível notar que a sua sugestão se relaciona às ações de controle e fiscalização do governo municipal perante às práticas das instituições que compõem a cidade, como também dos munícipes:

> **Giovanna:** Então, por fim, a gente vai basicamente, eu já perguntei para você, mas agora eu vou direcionar essa pergunta para o município, quais atitudes políticas ou ações, você acha que poderiam ser feitas para ajudar o seu município no enfrentamento da pandemia? [00:25:33]
>
> **Cecília**: No momento eu acho que é mais fiscalizar as pessoas que estão sem máscara, tem muita gente sem máscara que anda na rua, assim, quando está uma rua vazia sem ninguém, eu até entendo, até eu mesmo fico um pouquinho sem máscara, porque não tem ninguém

> na rua está só eu ali, mas por exemplo ali no centro tem muita gente, muita gente sem máscara, é... não sei como está sendo feita a fiscalização da vigilância sanitária, mas fiscalizar mesmo, principalmente os bares, restaurantes, que as pessoas ficam muito próximo sem máscara, eu acho que seria esse então, essa fiscalização de onde as pessoas estão sem máscaras e como elas estão se comportando. [00:26:25]
>
> **Giovanna:** Entendi. Uma proposta para a amenizar, como você disse, a coisa mais imediata, não é? [00:26:36]
>
> **Cecília**: Sim. E assim, voltar a fechar os estabelecimentos nesse ponto da pandemia, eu acho que não faz mais sentido, mas a fiscalização de que as coisas estejam sendo seguidas, eu acho que faz muito mais sentido do que fechar os estabelecimentos nesse momento. [00:26:54]
>
> **Giovanna:** Entendi. Como que eles estão funcionando, nem se estão funcionando ou não, mas como estão funcionando. [00:27:02]
>
> **Cecília**: Isso. [00:27:02]

A participante Helena propôs que o município distribuísse máscaras de proteção em alguns pontos da cidade para incentivar e conscientizar sobre a importância da utilização deste equipamento de proteção, principalmente em locais com aglomeração – como os transportes públicos. Igualmente, a entrevistada Rita sugeriu que a prefeitura instalasse e distribuísse mais pontos de álcool em gel ou pia com água e sabão para as pessoas realizarem a higienização das mãos.

Ademais, Milton sugeriu que a cidade tenha um maior investimento na testagem da população, relatando que alguns amigos dele, sem sintomas de COVID-19, descobriram que estavam infectados porque as empresas em que trabalham exigiram a realização do teste. Li *et al.* (2020) enfatizaram a importância da realização de testes nas pessoas, pois o estudo aponta para a existência de indivíduos monossintomáticos ou assintomáticos como disseminadores chaves da doença.

6.3.2 Políticas Equitativas

Foi observada a preocupação que os jovens demonstraram com as condições financeiras, habitacionais e com o acesso a recursos básicos (alimentação, água, luz, saneamento básico e internet) da população do

município. Além disso, eles abordaram assuntos como o desemprego, a evasão escolar e efeitos psicológicos tanto nas suas vidas como na de seus colegas, relacionando essas consequências à pandemia.

Os resultados da pesquisa do Conselho Nacional da Juventude (2021) se relacionam com os enunciados dos entrevistados, em razão de demonstrarem que 36% dentre os 68.114 participantes não estão estudando, de forma que a grande parte afirmou que parou de estudar durante a pandemia e pela necessidade financeira. Ademais, o estudo constatou que os jovens estão preocupados com sua saúde mental, pois eles enfatizaram a tendência a vivenciarem sentimentos negativos, como ansiedade, insônia e exaustão ao longo de mais de um ano neste cenário emergencial.

Bezerra et al. (2020) constatou dados semelhantes ao Conselho Nacional da Juventude, visto que 73% dos participantes do estudo relatou algum tipo de estresse, apontando este sentimento como uma das principais consequências do distanciamento social. Desta maneira, os autores sugeriram a construção de ações de comunicação direcionadas aos efeitos emocionais relacionados a essa medida de proteção e controle.

A entrevistada Rita demonstrou sua preocupação com os impactos psicológicos e as afetações relacionadas ao desemprego, de forma que buscou enfatizar a urgência de estas questões serem consideradas pelas autoridades:

> **Rita:** Eu acho que a minha principal preocupação é uma preocupação mais coletiva, então os efeitos que essa pandemia deixou, não só aqui no Brasil, mas no mundo. Então a gente tem milhares de pessoas que morreram, eu tenho um tio que morreu por conta da covid, que são coisas irreversíveis, que a gente não recupera, tudo bem, a gente vai passar por recessões econômicas, a gente vai ter que enfrentar reanálises, vamos dizer assim, quadros novos, coisas totalmente diferentes, mas são coisas que... dia a dia a gente vai recuperando, só que as pessoas a gente não recupera. Acho que o que me preocupa agora vai ser...acho que essa retomada me preocupa muito porque eu acho que... não sei, mas eu fico pensando, eu acho que pandemia afetou bastante a gente, não só economicamente, mas eu acho mais interno, eu acho que psicologicamente a pandemia afetou muito a gente. Então eu acho que como vai ser essa retomada, depois de muito tempo com distanciamento, como que vai ser essas relações sociais daqui para frente e como que a gente vai lidar com as coisas agora, porque por exemplo, a internet hoje se torna tudo para a gente, então a gente tem muitas áreas que antes da pandemia, tinha uma participação não tão grande na nossa vida, que hoje foram totalmente revolucionadas,

> que são, sabe... coisas que a gente não vai viver sem mais, eu acho que essas coisinhas me preocupam. Então, retomada da economia, reinserção dessas milhares de pessoas que estão desempregadas no mercado de trabalho, essas relações sociais daqui para frente, como que elas vão ser, e eu acho que é isso. [00:20:56]

A pesquisa de Larcher et al. (2020) demonstrou que os adolescentes e jovens estão apreensivos quanto às consequências coletivas da pandemia. É possível notar preocupações semelhantes dos participantes do presente estudo, visto que eles relataram inquietudes quanto aos impactos na esfera da saúde com os milhares de óbitos e perdas, como também nos âmbitos das condições para a garantia de uma vida digna da população.

Os entrevistados sugeriram políticas públicas voltadas para a segurança alimentar da população, garantindo sustento das famílias através de projetos e doações de cestas básicas, assim como realizar ações que auxiliem os munícipes que vivem em regiões mais vulneráveis a ter acesso a condições básicas como água e produtos de higiene para que consigam cumprir com os protocolos de prevenção à COVID-19.

Outro assunto levantado é a criação de políticas de transferência de renda para pequenos empreendedores e às pessoas em situação de desemprego ou vulnerabilidade socioeconômica. Assim, faz-se necessário melhorar consideravelmente as políticas públicas para reduzir as desigualdades sociais, nos âmbitos da educação, habitação, condições de trabalho, alimentação e seguridade social, considerando as singularidades territoriais e ouvindo as necessidades da população (VICTORA et al., 2011).

6.3.3 Participação social

Segundo Bertuol (2008), o processo de construção de políticas públicas não deve levar em conta apenas as orientações de estatutos, os saberes e sentidos produzidos pelas pessoas com/no território são fundamentais para criar ações públicas dialogadas e emancipadoras. Visto isso, a entrevistada

Érika ressaltou uma situação em que uma decisão do município para estimular que as pessoas ficassem em casa gerou um problema e risco de infecção por COVID-19 para os munícipes, demonstrando a necessidade de haver participação de representantes da sociedade civil para serem consultados durante a implementação de medidas municipais.

> os transportes públicos estarem lotados é uma falta de governo, é um problema com o governo que deveria disponibilizar mais transportes ao invés de menos, na época das eleições recentemente, daqui de Franco da Rocha, eu tive uma conversa com o prefeito que estava se candidatando, um dos prefeitos que estava se candidatando, e ele falou que a companhia de ônibus daqui da região, durante a pandemia, diminuiu a frota, diminuiu a quantidade de ônibus para fazer com que as pessoas ficassem em casa, o que gerou essa aglomeração nos transportes públicos. [00:19:17]

Outro ponto relevante sobre a participação social na construção das políticas públicas de controle e prevenção da COVID-19 foi levantado pelo participante Milton. Segundo ele, as decisões a respeito dos fechamentos dos estabelecimentos poderiam ter tido a participação de representantes dos pequenos empreendedores e autônomos para poder definir uma forma de garantir o distanciamento social e o sustento das famílias.

Ademais, Érika acrescentou que um bom meio de acessar as juventudes e construir um canal de comunicação pode ser através do Conselho Municipal da Juventude. A função desta comissão juvenil está intimamente relacionada à participação social, já que“(...) tem caráter consultivo e propositivo, vinculado à Secretaria de Governo, tem a finalidade de formular e propor diretrizes para a implementação de políticas públicas municipais voltadas à juventude. ” (FRANCO DA ROCHA, 2018, p.2). Portanto, a existência de uma organização de jovens pode ser facilitadora de uma “ponte” entre os gestores/profissionais da saúde e as juventudes, fomentando ações democráticas e relações mais justas entre as equipes de saúde e a população do território. Desta maneira, é possível alcançar a integralidade no cuidado e a escuta das necessidades dos habitantes, lidando de forma dialógica e equitativa diante do cenário e consequências da pandemia (CARVALHO, 2019).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira conclusão que se pode chegar a partir dos resultados e discussões levantadas é que o debate sobre o distanciamento social em si é complexo, pois se trata de uma medida fundamental para prevenção e controle da COVID-19, mas que pode acarretar consequências graves para a população em vulnerabilidade socioeconômica se for uma medida pública isolada. A vacinação, o distanciamento social, o uso obrigatório de máscaras de boa qualidade, higiene constante das mãos e o isolamento de pessoas infectadas são medidas extremamente importantes, no entanto precisam ser pensadas em conjunto com ações intersetoriais, como: políticas firmes de transferência de renda básica, combate à insegurança alimentar, melhoria nas condições trabalhistas, campanhas de comunicação sobre a necessidade e a importância da testagem em massa da população, como também garantir um maior acesso das pessoas aos testes por meio de investimentos tanto do âmbito do município quanto do governo estadual.

Além disso, as prefeituras das cidades próximas à Franco da Rocha (São Paulo, Caieiras e Francisco Morato) devem se comunicar para construir políticas que busquem de fato combater as aglomerações em transportes públicos, como também garantir condições de trabalho dignas aos trabalhadores da área de mobilidade urbana.

Quanto às juventudes de Franco da Rocha, a organização de uma rede de comunicação entre o Conselho Municipal da Juventude e os gestores/profissionais do âmbito da saúde pode auxiliar na construção de campanhas de conscientização, ações em parcerias com as Unidades Básicas de Saúde para acompanhamento de casos em determinados bairros. Ademais, pode ajudar na luta para garantir o acesso a recursos básicos como água, luz, alimentação e moradia para a população.

O combate às desigualdades sociais no município é fundamental, pois não se conquista o direito à saúde sem que outros elementos básicos da vida cotidiana sejam garantidos, como: moradia, alimentação, acesso à educação de qualidade e informação, lazer, saúde mental, condições de trabalho

salubres e justas. Por isso, faz-se necessário a construção de políticas intersetoriais para mitigar e combater os efeitos da pandemia e dos abismos sociais produzidos ao longo de tantos anos, entendendo que a comunicação em saúde se faz a partir da escuta destas disparidades e das necessidades da população.

Por fim, é preciso refletir em relação às imagens e aos discursos sobre as juventudes. O debate sobre as juventudes e o distanciamento social não pode ser simplista, é necessário cuidado para não cair em enunciados que produzem estigmas sobre este grupo social. Por isso, não se trata de uma discussão sobre “A” juventude, mas sim sobre “AS” juventude**s**, pois é uma população diversa que deve ser vista e escutada em suas singularidades, levando em conta seus contextos de vida e recortes de raça/cor, gênero e classe social. Assim, Castiel, Guilam e Ferreira (2010) confirmam a potência do diálogo com os jovens:

> Por mais incômodo e utópico que possa parecer, é preciso enfrentar discursos ingênuos, na melhor das hipóteses, e moralistas e conservadores, em uma leitura pouco benevolente. Esta é uma forma de assumir as dificuldades do panorama que rodeia a todos. Somente assim pode-se criar uma atmosfera para além do espírito conformista que parece prevalecer em nosso tempo, até no sentido de superá-lo em busca de algo que os jovens são mestres em apontar em sua maneira crítica e sadiamente inconformista. Com eles como aliados, podemos estar todos atentos para enfrentar propostas empobrecedoras do espírito humano que chegam até nós sem puder e sem pedir licença (p. 116).

REFERÊNCIAS

ACOSTA, André Luís et al. Interfaces à transmissão e spillover do coronavírus entre florestas e cidades. **Estudos Avançados** [online]. 2020, v. 34, n. 99, pp. 191-208. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.012>. Acesso em: 15 dez. 2021.

ALESP, Assembleia Legislativa do estado de São Paulo. **Índice Paulista de Vulnerabilidade Social**, versão 2010. Disponível em: <http://ipvs.seade.gov.br/view/index.php>. Acesso em: 27 out. 2021.

BALTIMORE, D. Expression of animal vírus genomes. **Bacteriological reviews,** v. 35, n. 3, p. 235-41, set. 1971.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BERTUOL, Carla. **Crianças no espaço urbano**: um estudo sobre políticas públicas no contexto das "cidades amigas da criança". Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

BEZERRA, A.C.V. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, 25(Supl.1):2411-2421, 2020

BIERNACKI, P.; WALDORF, D. **Snowball Sampling**: Problems and techniques of Chain Referral Sampling. Sociological Methods & Research, vol.nº2, November. 141-163p, 1981

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>. Acesso em: 06 de nov. 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico 08**- COE Coronavírus, 2020c. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/images/pdf/2020/April/09/be-covid-08-final-2.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Lei nº 13.979**, de 6 de fevereiro de 2020, que estabelece as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19) [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2020a. Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-13.979-de-6-de-fevereiro-de-2020-242078735. Acesso em: 01 out. 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Novo Coronavírus (COVID-19)**: Informações básicas. Biblioteca Virtual em Saúde, 2021. Disponível:<https://bvsms.saude.gov.br/novo-coronavirus-covid-19-informacoes-basicas/>. Acesso em: 20 out. 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Portaria 356**, Regulamentação e operacionalização do disposto na Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que estabelece as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19). Brasília: Ministério da Saúde; 2020b. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346>. Acessoem: 01 out. 2021

CANDIDO, D. et al. Evolution and epidemic spread of SARS-CoV-2 in Brazil. **Science**, 2020; 369:1255-1260. Disponível em: https://science.sciencemag.org/content/early/2020/07/22/science.abd2161. Acesso em: 27 set. 2021.

CARVALHO, Manoela de. A Saúde Coletiva e a categoria 'território': abordagens da epidemiologia, ciências sociais e planejamento. **Geografia em questão.** Paraná, v.12, n.2, p. 61-74, 2019.

CASTIEL, Luis David; GUILAM, Maria Cristina Rodrigues; FERREIRA, Marcos Santos. **Correndo o risco**: uma introdução aos riscos em saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010. 136 p.

CONSELHO NACIONAL DA JUVENTUDE. **Juventudes e a Pandemia do Coronavírus**. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/juventudes-e-a-pandemia-do-coronavirus/>. Acesso em: 01 out. 2021.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras envolvendo seres humanos. **Resolução n°466, de 12 de dezembro de 2012**. Lex: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf> Acesso em: 10 abr. 2019

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Resolução n°510, de 7 de abril de 2016.** Lex: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Regulamenta o disposto no item XIII.4 da Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que estabelece que as especificidades éticas das pesquisas de interesse estratégico para o Sistema Único de Saúde (SUS) serão contempladas em Resolução específica, e dá outras providências. **Resolução n°580, de 22 de março de 2018**. Disponível em: < https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/31546309/do1-2018-07-16-resolucao-n-580-de-22-de-marco-de-2018-31546295> Acesso em: 10 abr. 2021

CORONAVIRIDAE STUDY GROUP. International committee on taxonomy of viruses. The species Severe acute respiratory syndromerelated coronavirus: classifying 2019-nCoV and naming it SARS-CoV-2. **Nature Microbiology**, v. 5, p. 536–544, march 2020.

DATAFOLHA. **Opinião sobre a pandemia do Coronavírus**: comportamento da população e medidas do governo. São Paulo: Datafolha; 2020. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2020/04/06/6c9855d692b869f13c5d83c421568342hb.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

DATASUS. **População residente por faixa etária 1 segundo município**, 2020 Disponível em: < http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?popsvs/cnv/popbr.def>. Acesso em: 10 out. 2021.

DUBUGRAS MTB, PÉREZ-GUTIÉRREZ E. **Perspectivas sobre a análise de risco na segurança dos alimentos**. Curso de sensibilização. Rio de Janeiro; 2008. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/34152>. Acesso em: 29 set. 2021.

DYREGROV et al. Young People's Risk Perception and Experience in Connection with COVID-19. **Journal of Loss and Trauma**, 2020. Disponívelem: <https://doi.org/10.1080/15325024.2020.1853974> .Acesso em: 20 jun. 2021.

FAO, WHO. **Food and Agriculture Organization of the United Nations**. World and Health Organization. Risk communication applied to food safety: Rome: FAO, WHO; 2016.

FEHR, A. R.; PERLMAN, S. An Overview of Their Replication and Pathogenesis. **Methods Mol. Biol**. n. 1282, p. 1–23, 2015.

FERREIRA, Mariana Belluzzi**. Impasses do desacolhimento institucional por maioridade**: psicanálise e articulação de rede territorial. 2017. 215 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017

FRANCO DA ROCHA, Prefeitura municipal de. **Covid-19**: Franco da Rocha começa a vacinar pessoas com 18 anos ou mais, 2021a. Disponível em: <http://www.francodarocha.sp.gov.br/franco/artigo/noticia/10447#:~:text=SA%C3%9ADE%2009%2F08%2F2021%20Covid,a%20partir%20de%2018%20anos. > Acesso em: ago. 2021.

FRANCO DA ROCHA, Prefeitura municipal de. Dispõe sobre “Aprova o regimento interno do Conselho Municipal da Juventude”. **Decreto nº2712 de 17 de dezembro de 2018.** Disponível em: < http://leis.prefeitura.francodarocha.sp.gov.br:8088/view/Arquivos/3b126f89-86e4-4f40-b1b0-c336bd94c170.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

FRANCO DA ROCHA, Prefeitura municipal de. **Publicação do questionário sobre a percepção de risco de COVID-19 para jovens de 18 a 29 anos moradores de Franco da Rocha**. Instagram, 2021b. Disponível em: <https://www.instagram.com/prefeituradefranco/ >. Acesso em: 15 out. 2021.

FREITAS, A. R. R.; GIOVANETTI, M.; ALCANTARA, L. C. J. Emerging variants of SARS-CoV-2 and its public health implications. **InterAmerican Journal of Medicine and Health**, v. 4, 8 Feb. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD COVID-19**. Ed. Set. 2020, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101763.pdf> Acesso em: ago. 2021.

JOBIM E SOUZA, Solange. Criança e adolescente: construção histórica e social nas concepções de proteção, direitos e participação. In: UNGARETTI, M.A. (org). **Criança e Adolescente:** direitos, sexualidades e reprodução. Ass. Brasileira de Magistrados, Promotores de Justiça e Defensores Públicos da Infância e Juventude (ABMP), São Paulo, 2010, p. 57-86

KASMI, Y., KHATABY, K., SOUIRI, A., ENNAJI. MM. Coronaviridae: 100,000 years of emergence and reemergence. In: Ennaji MM, editor. **Emerging and reemerging viral pathogens**. Vol. I. Fundamental and Basic Virology Aspects of Human, Animal and Plant Pathogens. London: Elsevier Academic Press; v.1, p.127-49, 2020.

LARCHER et. al. Young people's views on their role in the COVID-19 pandemic and society's recovery from it. **Arch Dis Child**, 2020; 105:1192–1196

LI, et al. Early Transmission Dynamics in Wuhan, China, of Novel Coronavirus–Infected Pneumonia. **The New England journal of medicine**, v.382, n. 13, 2020.

LIMA, D.L.F et al. COVID-19 no Estado do Ceará: Comportamentos e crenças na chegada da pandemia. ***Cien Saude Colet***; 25(5), 2020.

MASSARANI, Luisa et al. Confiança, atitudes, informação: um estudo sobre a percepção da pandemia de COVID-19 em 12 cidades brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2021, v. 26, n. 08, pp. 3265-3276. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021268.05572021>. Acesso em: 12 out. 2021

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade**.** 21.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. 80 p.

QIAO, Shan; TAM, Cheuk Chi; LI, Xiaoming. Risk exposures, risk perceptions, negative attitudes toward general vaccination, and COVID-19 vaccine acceptance among college students in South Carolina. ***medRxiv*** *: the preprint server for health sciences*, 2020.11.26.20239483. Disponível em: https://doi.org/10.1101/2020.11.26.20239483. Acesso em: 20 out. 2021.

REMBISCHEVSKI; Peter. CALDAS, Eloísa Dutra. Teorias e abordagens da percepção de risco: o contexto da saúde humana. **BIS**, v. 21, n. 1, 2021.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 7 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. 176 p.

SÃO PAULO, Governo do estado de. **Sistema de Monitoramento Inteligente do Governo de São Paulo – Índice de Isolamento Social**. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/coronavirus/isolamento>. Acesso em: 2 set. 2021.

SÃO PAULO, Governo do estado de. **SP contra o novo coronavírus: Adesão ao isolamento social em SP**, 2021b. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/coronavirus/isolamento/ >. Acesso: 22 dez. 2021.

SÃO PAULO, Governo do estado de. **SP contra o novo coronavírus: Boletim completo**, 2021a. Disponível em: <https://www.seade.gov.br/coronavirus/#>. Acesso em: 15 dez. 2021.

SEADE, Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. **Portal GEOSEADE, mapa de Índice de Vulnerabilidade Social da região de Franco da Rocha**, 2010. Disponível em:<https://portalgeo.seade.gov.br/i3geo/interface/osm.htm?customize_changeset_uuid=3fdb875a4a854403ae3e933579b90f0e&customize_messenger_channel=preview-0>. Acesso em: 27 out. 2021

SOBRINHO, André; ABRAMO, Helena Wendel. **A pandemia do coronavírus e os impactos na condição juvenil contemporânea**: subsídios para o debate. Sala de Situação COVID-19, Fundação Oswaldo Cruz, 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/documento/pandemia-do-coronavirus-e-os-impactos-na-condicao-juvenil-contemporanea>. Acesso em: 10 ago. 2021

SPINK, Mary Jane Paris; BRIGAGÃO, Jacqueline Isaac Machado; do NASCIMENTO, Vanda Lúcia Vitoriano; CORDEIRO, Mariana Prioli (Orgs.). **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas**.** 1.ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014 (publicação virtual). 340 p.

SPINK, Mary Jane. “Fique em casa”: a gestão de riscos em contextos de incerteza**. Psicologia & Sociedade** [online]. 2020, v. 32, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32239826>. Acesso em: 15 out. 2021.

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Centro Edelstein, 2010.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. *In:* SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2013. p.1-20

VICTORA, Cesar G. et al. Condições de saúde e inovação nas políticas de saúde no Brasil: o caminho a percorrer. **The Lancet**, London, p.90-102, mai. 2011. Disponível em: <http://download.thelancet.com/flatcontentassets/pdfs/brazil/brazilpor6.pdf>. Acesso em 18 ago. 2021

WHO. World Health Organization (WHO). **Novel Coronavirus (2019- nCoV) Situation Report – 52**. Data as reported by 12 March 2020a. Disponível em:<https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/20200312-sitrep-52-covid-19.pdf?sfvrsn=e2bfc9c0_2.>

WHO. World Health Organization. **Interactivetimeline**, 2020b. Disponível em:<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/interactive-timeline/#>. Acesso em: 28 set. 2021.

WHO. World Health Organization. **WHO Director-General's remarks at the media briefing on 2019-nCoV on 11 February 2020**. [internet]. 2020c. Disponível em: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-remarks-at-the-media-briefing-on-2019-ncov-on-11-february-2020>. Acesso em: 16 nov. 2021.

ZHONG, N.S. et al. Epidemiology and cause of severe acute respiratory syndrome (SARS) in Guangdong, People's Republic of China, Volume 362, **The Lancet**, 2003. Disponível em: < https://doi.org/10.1016/S0140-6736(03)14630-2> Acesso em: 10 dez. 2021.

ZHOU, P. et al. A pneumonia outbreak associated with a new coronavirus of probable bat origin. **Nature**. 2020; 579: 270-273.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1- Gostaria que você me contasse algumas coisas sobre você: em que região mora de Franco da Rocha, quantos anos você tem e qual sua ocupação atualmente (trabalha e/ou estuda).

2- Você teve COVID?

3- Como estava sua rotina no início da pandemia?

4- Você conseguia ficar em casa? Com que frequência saía de casa?

5- O que você pensa sobre as medidas oficiais de “ficar em casa” e fechar as escolas, comércios, parques e baladas?

6- Qual foi sua principal preocupação em relação à pandemia?

7 -Você tem alguma sugestão sobre o que pode aumentar a sensação de segurança dos jovens diante desse novo cenário que vivemos por causa da pandemia?

8- Eu lerei um pequeno trecho de uma reportagem veiculada no Facebook por uma empresa jornalística da região. Gostaria que me contasse o que pensa sobre: “**Durante a pandemia, festas clandestinas têm acontecido cada vez mais em Francisco Morato, Franco da Rocha e região, onde muitas pessoas, principalmente jovens têm se aglomerado em ambientes apertados e ninguém usando a máscara de proteção.** ”

9- Eu peguei alguns comentários feitos a partir dessa mesma reportagem e gostaria que você me contasse se concorda ou discorda:

Comentário 1 - “**Esses jovens não têm amor próprio e nem tão pouco pela família fico triste com isso não podemos segurar esses jovens em casa, não temos mais o que fazer.** ”

Comentário 2 - **“O negócio é cada um cuidar da sua vida, fica aí vivendo com medo de morrer, que sem graça.** ”

Comentário 3 – **“Os transportes públicos vivem em aglomeração e ninguém fala nada.”**

10- Quais atitudes, políticas ou ações você acha que poderiam ser feitas para ajudar o seu município no enfrentamento da pandemia?

APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE CONTATO

Uma conversa sobre a pandemia, o distanciamento social e as juventudes

Olá,

Você está sendo convidado(a) para participar de uma conversa online, que faz parte da pesquisa “Planejamento de ações estratégicas de saúde baseadas em evidências científicas no município de Franco da Rocha”, realizada pelo Instituto de Saúde. O Instituto de Saúde é uma instituição ligada à Secretaria de Estado da Saúde e está em parceria com Franco da Rocha para ajudar o município no combate à pandemia de COVID-19.

Durante a nossa conversa, eu (Giovanna Galle, aluna e pesquisadora de Saúde Coletiva) farei algumas perguntas para saber sobre sua vida, rotina e suas opiniões em relação às ações feitas pela cidade no combate à pandemia e os desafios enfrentados pelas juventudes diante dessa situação.

Algumas observações: você deve ter entre 18 a 29 anos para poder participar. A conversa será feita em uma plataforma (Google Meets) e o horário será de acordo com sua disponibilidade. Seu nome e identidade não serão divulgados para garantir sua segurança e proteção. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Saúde (CEPIS).

Bora participar?

Deixe seu telefone ou e-mail abaixo para entrar em contato com você.

Nome

_____

E-mail

_____

Número de telefone

_____

Você tem alguma dúvida sobre a pesquisa ou como será feita? Caso tenha, escreva sua questão neste espaço abaixo.

_____

_____

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

Participantes
Pesquisadora: Giovanna
Participante: Helena

Tempo de gravação
38 minutos e 40 segundos

Legenda
... → pausa ou interrupção

Helena: Aceito participar da entrevista e não possuo nenhuma dúvida sobre o tema. [00:00:08]

Giovanna: Obrigada. Então bora começar. Bom, primeira coisa que eu quero saber, gostaria que você me contasse qual é sua idade, onde você mora de Franco da Rocha. [00:00:22]

Helena: Eu tenho... [00:00:24]

Giovanna: Pode falar. [00:00:25]

Helena: Eu tenho 20 anos e moro atualmente no bairro Jardim dos Reis, em Franco da Rocha. [00:00:32]

Giovanna: Legal. E o que que você acha do seu bairro? Você acha que, assim, principalmente com a pandemia você acha que tem estrutura, você se sentiu protegida? Segura? [00:00:46]

Helena: Olha, no posto de saúde que tem aqui próximo eu fui atendida agora quando fui me vacinar, porque teria que ser o posto mais próximo, mas não tenho o que reclamar deles, não. Mas assim, em estrutura do bairro todo, acredito que os outros postos de saúde por perto também auxiliam bastante, o único problema é a sociedade mesmo, que não obedecem às regras da pandemia, de manter distanciamento, essas coisas assim, acaba tendo muita reuniãozinha por aqui, por ali, mas isso a gente sabe que é em todas as partes,

mas em questão de estrutura da saúde mesmo, acho que não tenho o que estar reclamando, não. [00:01:30]

Giovanna: Entendi. Você está trabalhando, estudando atualmente? [00:01:37]

Helena: Sim, atualmente estou estudando via remoto, toda remota, estou no último ano da faculdade também, ciências contábeis. [00:01:45]

Giovanna: Legal. [00:01:46]

Helena: E eu trabalho em Franco da Rocha também, ali no centro. [00:01:51]

Giovanna: Legal. Você trabalha e você estuda, a sua faculdade se fosse presencialmente seria em Franco ou seria em outro lugar? [00:02:00]

Helena: Não, seria lá na Marechal Deodoro, em São Paulo. [00:02:05]

Giovanna: Entendi. Então você teria que se deslocar? [00:02:08]

Helena: Isso. [00:02:08]

Giovanna: Entendi. [00:02:09]

Helena: Por isso que os professores não aceitaram também que a gente volte presencialmente, por conta de eles serem idosos, de idade, na maioria são acima de 60 anos, então eles correm muito mais risco do que nós. Então eles não aceitaram por enquanto que a gente volte presencialmente. [00:02:26]

Giovanna: Entendi. Tem alguns que não voltaram presencialmente, mas você... o que você acha dessa decisão? [00:02:37]

Helena: Eu acho boa, porque é o certo da gente está fazendo, porque a vacina está aí, todo mundo tomou praticamente a primeira dose, mas não é eficaz totalmente, porque é uma vacina desenvolvida muito rápido, a gente não sabe a eficácia dela, de quanto tempo realmente dura. Eu acredito que futuramente vamos ter reforços dela, assim como a vacina da gripe que a gente acaba tendo que tomar todos os anos, então não é uma coisa que está concreta ainda, não é totalmente seguro a gente voltar, ainda mais com essa variante delta que apareceu agora, e cada vez que surge uma nova a gente fica com mais medo ainda, por enquanto acho que o certo seria isso mesmo, a gente distanciar de algumas atividades, evitar ficar em multidão muito grande assim,

tipo pegando trem, às vezes precisa por conta do trabalho, mas nesses escritórios, nesses lugares ainda estão trabalhando home office também ou então estão em revezamento, isso é bom também, mas assim, é bom por um lado e por outro não, é bom pela nossa saúde, pela nossa segurança, mas a gente sabe que uma hora ou outra vai ter que acabar voltando tudo, mas até enquanto a gente puder seria bom continuasse assim. [00:04:02]

Giovanna: Entendi. [00:04:03]

Helena: Mantendo essa segurança. [00:04:04]

Giovanna: E seu trabalho está como? Ele está remoto ou ele está assim, semipresencial? [00:04:12]

Helena: Então, no começo até maio, mais ou menos, estava sendo presencial, estava tendo revezamento, mas aí a gente resolveu voltar porque somos um escritório pequeno, de 6 pessoas, então a gente toma cuidado, procurar ter um distanciamento até onde a gente pode, mas estamos todos presenciais. [00:04:39]

Giovanna: Legal. E você teve covid em algum momento? [00:04:45]

Helena: Tive. [00:04:47]

Giovanna: Teve? [00:04:48]

Helena: Tive em abril, de março para abril. Eu tive aí até o finalzinho de abril assim eu ainda estava um pouco ruim, mas graças a Deus eu não tive os piores sintomas. Assim, eu acho que eu peguei somente dessa vez que foi quando eu fiz o teste e confirmou mesmo, mas não sei se no começo do ano passado eu não cheguei a ter também, não cheguei a fazer teste porque ainda estava... quando os testes ainda eram de início, sabe? Não era todo mundo que conseguia fazer facilmente, então eu preferi não fazer, mas essa segunda vez foi quando eu tive certeza mesmo, aí eu fiz e deu positivo. Mas estou bem. [00:05:31]

Giovanna: E como que foi essa situação para você? [00:05:33]

Helena: Olha, para mim mesmo, aqui de casa foi o que ficou mais tranquila, assim, porque os sintomas que eu tive foram bem leves, o que eu senti muito

foi muita moleza no corpo por conta dos remédios, eu acredito que são muito fortes, que o organismo...dá muita moleza, o que eu tive muito foi dor de cabeça e só assim, mas falta de ar não tive, falta de paladar e olfato também não tive, essas coisas mais pesadas que poderia me prejudicar mais, eu não tive. As sequelas às vezes eu tenho assim muita dor de cabeça, que falam que a covid acaba afetando o lado mais fraco do corpo, e eu tenho enxaqueca, então acho que afetou um pouco mais, às vezes me dá umas dores de cabeça assim em momentos que não era para dar, que nem essa semana mesmo, eu acordei, acho que foi na segunda-feira, eu acordei, fui levantar e a cabeça pesando, como se não fosse conseguir levantar de jeito nenhum, aí depois de um tempo tomei café e passou um pouco, mas às vezes dá essas coisas assim, e a memória também ficou um pouco fraca. [00:06:42]

Giovanna: É, relatam sobre a memória. [00:06:44]

Helena: Mas acho que isso tudo a gente vai tendo que tratar, então infelizmente são as sequelas que ficam e a gente vai ter que ir tratando. [00:06:50]

Giovanna: E você sabe onde procurar ajuda, em relação às sequelas? Se precisar de alguma coisa. [00:06:59]

Helena: Olha, no setor público eu não fui atrás, mas eu acredito que se a gente for em um clínico geral, alguma coisa assim, do SUS, que está aí à nosso dispor, é só procurar fazer exames e tudo, porque os médicos a gente, só falta mesmo às vezes a disponibilidade de marcar o horário, essas coisas assim, mas a gente entende também que não é uma situação fácil para esse período que a gente está vivendo de pandemia, mas é marcar consulta, fazer exame e o médico vai te receitar o que você precisa, eu fiz por conta própria, eu fui por... procurei uma vitaminas assim para memória, aí por enquanto eu senti uma diferença, senti uma melhora para mim, e as demais vitaminas eu havia feito exames de sangue com médico particular mesmo e acabei tendo que tomar algumas vitaminas, como vitamina C, D, estavam muito baixas então acabei tendo que tomar, mas eu acredito que para tratar essas coisas assim, seria cada um por si, para ir buscar ajuda médica, essas coisas. [00:08:11]

Giovanna: Entendi. E onde você ficou sabendo, por exemplo, essas informações sobre as sequelas? [00:08:17]

Helena: Eu acabo pesquisando um pouco, muitas pessoas também da minha família... porque na minha família quando eu tive covid, em abril, foi na época da Páscoa, logo depois do almoço de páscoa que todo mundo acabou se contaminando, então a família toda acabou tendo os mesmos sintomas, esquecimento, queda de cabelo também, as mulheres tiveram muita queda de cabelo, as dores de cabeça, meu padrasto por exemplo ele acabou ficando com muitas dores na coluna, dor nas pernas que ele já tinha fraqueza nos ossos, então tudo isso a gente vai vendo, e os médicos também, que nem ele acabou tendo que passar por um ortopedista, por conta da coluna, então o médico acabou falando para ele que infelizmente a covid deixa essas sequelas assim, até com a parte mais fraca do corpo, mas muita coisa a gente acabou vendo pelo convívio, muita gente fala a mesma coisa, e farmacêutico também acabam falando, que nem quando eu fui comprar a vitamina para memória, a moça me falou que a covid ela tira, não sei se é o ácido hialurônico, o magnésio da gente diminui, alguma coisa assim, e é o que falta para a gente na vitamina de memória, por isso a gente tem que repor depois essa sua vitamina por isso que a gente acaba ficando com a memória um pouco mais enfraquecida, não sei se eu estou falando os nomes certos, mas é mais ou menos isso, a covid tira e a gente tem que repor, então muita gente acaba tendo as informações científicas, e acabam passando para a gente. [00:09:58]

Giovanna: Sim, legal, que bom que você conseguiu conversar isso com farmacêutico, muito interessante. E então pelo jeito a sua família também pegou covid? [00:10:11]

Helena: Sim, foram quase todos os meus tios, acho que cinco tios acabaram se contaminando, e isso foi passando, eu fui a última na verdade porque aqui de casa eu acho que eu estava com a imunidade um pouco mais forte, primeiro foi minha mãe que acabou tendo contato com a minha tia também, aí depois foi padrasto por acabar tendo mais contato com minha mãe que eu, por dormir na mesma cama e tudo, e eu fui a última, porque eu fiquei tentando me distanciar mas a gente morando na mesma casa, acaba que uma hora ou outra acaba

contaminando também, mas eu fui a que fiquei por último, mas não tive tantos efeitos assim, não. [00:10:53]

Giovanna: E sua família alguém evoluiu para um caso sério? Espero que não. [00:11:00]

Helena: Assim, muito acho que foi o caso do meu padrasto mesmo, assim foi sério, mas é uma coisa que dá para tratar, sabe? Ele já estava com alguns problemas no estômago, já estava com algum problema no fígado, na coluna como eu citei, e infelizmente por ele ter tomado mais remédios do que a gente para tratar a covid, e já estar tomando remédios para tratar o que ele, tinha isso acabou afetando ainda mais o fígado dele, então o médico falou para ele, que ele foi o único que acabou tendo que ficar internado, acho que foi dois ou três dias, se não me engano. E aí o médico falou que os remédios afetaram fígado dele, por serem remédios muito fortes, infelizmente afeta mesmo, mas isso é uma coisa que dá para ir tratando assim, é questão de alimentação, hidratação também, e algumas vitaminas como eu te falei, alimentos mais naturais também ajudam, a gente sabe nem todo tratamento acaba ficando 100% depois, mas é uma coisa que a gente consegue tratar, graças a Deus, mas é... acho que da família toda ele foi que ficou mais assim, graças a Deus ninguém teve é... sintoma pior assim que pudesse causar internação ou intubação assim, não, tem da parte da família do meu namorado mas não foi na mesma época, que não era do mesmo convívio que eu, mas assim, é... da minha família mesmo, não. [00:12:31]

Giovanna: Entendi. Que bom que vocês têm uma rede, que vocês conversam, se comunicam, porque é importante. [00:12:40]

Helena: Sim, é verdade. Troca as informações. [00:12:43]

Giovanna: A outra pergunta que eu tenho para te fazer é sobre a sua rotina, no início da pandemia como que estava? [00:12:51]

Helena: No início da pandemia? No início da pandemia eu tinha um emprego que eu já não ia todos os dias, eu ia só quando eles precisavam mesmo, então até janeiro deste ano eu praticamente fiquei em casa, eu quando tinha que fazer algum tipo de serviço eu fazia da minha casa mesmo, assim como já era

antes. Então eu praticamente fiquei em casa, evitei contato assim, evitei o máximo que eu pude, mas é... a questão da faculdade também já estava em ensino remoto e o que mudou mais de eu ter que precisar sair e começar a sair para trabalhar mesmo foi esse ano, quando eu troquei de emprego, então março eu troquei a primeira vez de emprego e aí eu tive que começar a locomover para outros lugares, para o centro de São Paulo, que foi onde eu trabalhei primeiro, e aí depois eu mudei aqui para esse emprego, que eu estou hoje em Franco que é no centro, ficou bem melhor porque corro risco, mas é menos de estar assim em multidão, essas coisas. [00:14:01]

Giovanna: Entendi. [00:14:02]

Helena: Mas foi isso. [00:14:03]

Giovanna: Você tinha que pegar transporte público para chegar até esse outro trabalho? [00:14:11]

Helena: Isso. [00:14:12]

Giovanna: Tipo, vê se eu entendi certo, é tipo como se fosse um bico, digamos assim, chamavam quando precisavam de você? [00:14:17]

Helena: Não, assim, esse primeiro emprego que eu tive, antes da pandemia eu já era contratada por ele, eu tive um contrato de dois anos, então ele iniciou em 2019, era muito difícil eu precisar ir no escritório, mas eu tinha um contrato vitalício de dois anos, mas para precisar ir para o escritório eram pouquíssimas vezes, acho que sei lá, umas cinco vezes durante o ano, e o restante que eu tinha que fazer eu fazia de casa porque era um é... questões de ligar para alguém, mandar algum e-mail, então eram funções que não exigiam de eu estar lá, e aí em 2020 também continua da mesma maneira por conta da pandemia principalmente, ficou fechado lá por uns quatro meses, o pessoal também trabalhava presencial foi pro home office, então eu continuei na mesma situação, aí somente nesse ano de 2021 que eu precisei trocar de emprego, foi quando eu comecei a ter que sair de casa para poder trabalhar, mas até então eu trabalhava de casa já, então para mim não mudou muita coisa, mudou a questão de não poder sair para outros lugares, mas questão de

trabalho e estudos, só mudou estudo por conta do ensino remoto, porque questão de trabalho já era a mesma coisa para mim. [00:15:44]

Giovanna: Entendi. E agora que, digamos assim, é semipresencial, você consegue ir para o trabalho a pé, ou vai de ônibus, de carro, como que você faz? [00:15:57]

Helena: Geralmente eu vou de trem mesmo, eu moro aqui na Paradinha, na Baltazar Fidélis, é uma estação de Franco da Rocha, aqui perto, então eu acabo pegando trem que é uma estação só, e aí eu vou para lá, entendeu? Mas também dá para eu ir de ônibus ou de carro se eu quiser. [00:16:21]

Giovanna: Entendi. Então você tem um leque de opções. [00:16:25]

Helena: Sim, bem melhor. [00:16:27]

Giovanna: Outra coisa que eu gostaria de saber, se nessa altura, no início da pandemia, você conseguia ficar em casa? Você conseguia ficar em casa? Acho que sim, como você disse, mas eu digo assim mais no termo, por exemplo, como você fazia para se divertir? Quais que eram as suas estratégias para poder lidar com o fato de ter que ficar em casa? [00:16:56]

Helena: Entendi. Para sair um pouco do tédio, não é? Vamos dizer assim, a minha família praticamente mora todo mundo no mesmo bairro, então a gente ia no mercado, que acabava tendo que ir, então ia fazer compra aqui para casa, fazia para a casa da minha avó, então a gente acabava indo lá, dava uma passadinha lá, via como que ela estava, assim, evitando cumprimentar evitando ficar muito perto, mas essas coisas não teve um contato certamente, não teve o distanciamento total das pessoas da família mesmo, agora de ver amigos, essas coisas, acho que até agora eu não consegui ver quase todo mundo, mas é... em questão de família assim, a minha família é bem próxima de todo mundo, então acabou que a gente manteve um contato, conversando, aí quando tinha um tempo, ficava em casa assistindo filme mesmo, procurava se divertir com o que podia, evitando sair, sair para shopping essas coisas, fazer um lazer fora de casa era muito difícil. [00:18:06]

Giovanna: Entendi. [00:18:07]

Helena: Não tinha como, estava tudo fechado, até agora não é o certo da gente está fazendo, então temos que evitar também. [00:18:14]

Giovanna: Outra coisa que eu gostaria de saber, é o que você pensa sobre as medidas oficiais de ficar em casa, de fechar as escolas, fechar comércio, parques, baladas, o que você acha sobre isso? O que você pensa dessas medidas oficiais? [00:18:35]

Helena: Olha, sobre as escolas eu acho que para as crianças é bem mais difícil eles aprenderem do que, por exemplo, uma pessoa que faz faculdade ou faz um curso técnico, algo assim, porque a criança ela precisa da pessoa ali, incentivando ela, mostrando como que é, porque é dessa forma que a gente acaba aprendendo, então eu acho que a forma como está agora está um pouco melhor do que se fosse voltar tudo de uma vez, eu sei que ainda é bem arriscado mas já estamos melhorando, estamos evoluindo em questão de segurança, de saúde, então acho que da maneira que está agora está um pouco melhor, de revezar as crianças, em uma semana vai uns, em outra semana vai outros, acho que da escola é isso. Agora, da questão de balada, questão de parques assim, parque eu acho que ainda dá para deixar um pouco mais livre ainda, porque é um ambiente aberto, mas também seria bom se tivesse um controle de quantas pessoas estão, de como está a situação do parque, sabe? Por que se, por exemplo, se a gente libera para todo mundo entrar, todo mundo entra e o distanciamento não existe, agora de baladas e essas coisas assim, é uma coisa que não, assim é um lazer para quem gosta, mas não acho uma coisa tão necessária. Agora o parque, não, o parque já é aberto, traz um pouco de ar para as pessoas, por exemplo uma pessoa que mora em apartamento ela não tem tanta liberdade como uma pessoa que tem uma casa com quintal, então ajudaria nessa situação, ajuda as pessoas que querem se exercitar, agora uma balada a pessoa para poder dançar, beber, curtir com os amigos, essas coisas, então é bom, mas no momento não é necessário. Entendeu? [00:20:31]

Giovanna: Entendi. [00:20:34]

Helena: É isso aí, entendeu? Mais ou menos isso. [00:20:36]

Giovanna: E sobre os comércios? [00:20:39]

Helena: Sobre os comércios, assim, os comércios acabam sendo necessários, que a gente precisa comprar as nossas coisas, de alimento, de remédios, essas coisas assim de higiene, roupa às vezes precisa também, então acaba sendo necessário estarem abertos também para a economia do país continuar, porque se não se parar tudo, nada anda, a gente não evolui financeiramente, não cresce nada e acaba que tudo se perde, mas é também a mesma coisa dos parques para mim, deveria ter um controle maior. [00:21:18]

Giovanna: Uma fiscalização, não é? [00:21:20]

Helena: Isso. [00:21:21]

Giovanna: Eu sei que tem um parque muito grande, esqueci o nome do parque, de Franco da Rocha, que é um point, não é? [00:21:29]

Helena: Sim, bem legal. [00:21:33]

Giovanna: Eu gosto de lá também, mas faz muito tempo que eu não vou. [00:21:38]

Helena: Eu também, faz um tempinho. [00:21:41]

Giovanna: Outra coisa que eu gostaria de saber, é qual que é a sua principal preocupação em relação à pandemia? O que te preocupa seriamente? [00:21:52]

Helena: Que me preocupa? Acho que é só isso mesmo da saúde das pessoas, são muitos fatores, mas eu acho que o principal é a saúde da gente, porque não é uma doença que você pega, trata e pronto, para muitas pessoas sim, mas que nem no meu caso eu falo que eu fui privilegiada com sintomas que eu tive, porque eu vi muitas pessoas falando de como se sentiram, muitas pessoas se foram infelizmente, então é uma coisa que a gente tem que prezar pela nossa saúde, sabe? Tem que cuidar, e é isso. [00:22:29]

Giovanna: Entendi. Você tem alguma sugestão sobre o que pode aumentar a sensação de segurança dos jovens diante desse novo cenário, por conta da pandemia? [00:22:47]

Helena: Não, no momento não sei te dizer. [00:22:53]

Giovanna: Tudo bem. É porque é muito complexo, não é? [00:23:00]

Helena: É, teria que pensar um pouco para conseguir falar. [00:23:05]

Giovanna: Se você não tiver entendido o que eu perguntei, tudo bem, eu posso reformular a pergunta, tá? [00:23:11]

Helena: Não, eu entendi, sim, mas é que ideia assim eu não teria agora. [00:23:20]

Giovanna: Certo. Agora, eu vou tentar fazer uma coisa, vamos ver se vai dar certo, eu vou tentar colocar para você um trecho de uma reportagem que eu vi no Facebook, mas é na realidade é um Facebook de uma, não sei se você conhece, se chama Cidade Repórter, é uma página que eu ouvi dizer que é assim, eu vi que tem várias pessoas da região Francisco Morato, Franco da Rocha, Caieiras, que acessam, tem acesso à essa página, vou tentar colocar aqui para você, vamos ver se vai dar certo. [00:23:53]

Helena: Já ouvi falar já. [00:23:55]

Giovanna: Está vendo aqui? [00:24:02]

Helena: Estou. [00:24:05]

Giovanna: Vamos ver se sai o som. Me fala. Está saindo o som? [00:24:10]

Helena: Não. [00:24:12]

Giovanna: Não? [00:24:13]

Helena: Não. [00:24:14]

Giovanna: Então deixa, vamos tentar outra coisa. É... não tinha certeza se isso ia dar certo ou não, então eu vou fazer outra coisa, vou ler para você então o trecho que eu ia passar agora, é assim, o repórter fala o seguinte: "durante a pandemia festas clandestinas tem acontecido cada vez mais em Francisco Morato, Franco da Rocha e região, onde muitas pessoas, principalmente jovens, têm se aglomerado em ambientes apertados e ninguém usando máscara de proteção", é... eu queria que você me contasse o que você pensa do que está sendo dito na reportagem. [00:24:59]

Helena: Eu acho que realmente é isso que está acontecendo, muita gente se reunindo sem máscara, muita gente, assim... o problema não é você se reunir sem máscara com os amigos, é o problema é o local onde você está se reunindo, porque uma coisa é você chamar um amigo seu que você tem contato, sei lá, praticamente toda semana ou então um amigo seu que você está sabendo que ele, que a gente sabe que tem os casos assintomáticos, mas é... assim, que não está tendo sintoma algum dessas coisas, e chamar, sei lá, para a sua casa, ou então para uma reunião na sua casa mesmo ou na casa de alguém com poucas pessoas, mas o problema é que as pessoas acabam se reunindo em grande quantidade, por exemplo, em adegas, como eu tenho visto aqui todo final de semana, pessoas fecham a rua de tanta gente que tem local, um barzinho que está não tem nem, sei lá, 5 m² e acaba... [00:26:05]

Giovanna: Um cubículo, não é? [00:26:06]

Helena: ... um cubículo. E acaba fechando tudo assim, sabe? E acaba lotando a rua, acaba lotando o espaço e as pessoas se contaminam e muitas vezes acabam nem sabendo e leva para dentro de casa, e é onde não resolve problema, porque uma pessoa que contamina na rua, vai para dentro de casa e contamina quem está em casa, e é um ciclo que não fecha se continuar dessa forma, então eu não acho errado se reunir ainda, sabe? No começo sim, a gente tinha que ser muito mais cauteloso com isso, agora eu acho que dá para a gente se reunir, dá para se divertir, dá para sair, mas o problema é o local onde você está indo, esse local é aberto o suficiente? Esse local é grande suficiente para compor tantas pessoas, como eu sei que vão? Não é, então por que que eu vou, se eu estou sabendo que eu estou numa situação que não é o correto? Não dá para usar uma máscara que dá para me proteger um pouco mais, então por que eu vou sabendo que eu estou correndo o risco de carregar um vírus para dentro da minha casa depois? Então é essa a questão assim. Tomar cuidado para onde a gente vai. [00:27:15]

Giovanna: Fazer essas reflexões, esses pensamentos. [00:27:19]

Helena: Isso. [00:27:20]

Giovanna: Entendi. Eu vou ler agora para você também comentários que eu peguei desse mesmo vídeo tem ali como está no Facebook, tem um pessoal comentando, eu vou ler, são três comentários, depois eu gostaria que você me dissesse se você concorda, se você discorda com o que está sendo dito, e depois me dissesse, me explicasse porque você concorda, discorda ou sei lá, mais ou menos, parcialmente, qualquer coisa assim. O primeiro comentário é o seguinte, a pessoa fala assim: “esses jovens não têm amor próprio e nem tão pouco pela família, fico triste com isso. Não podemos segurar esses jovens em casa, não temos mais o que fazer", esse foi o comentário um; comentário dois: "o negócio é cada um cuidar da sua vida, fica aí com medo de morrer, que sem graça". [00:28:15]

Helena: Bem radical. [00:28:16]

Giovanna: Comentário três: "os transportes públicos vivem em aglomeração e ninguém fala nada", são esses recortes que eu fiz, são comentários reais, eu só não coloco nome das pessoas porque não precisa. [00:28:35]

Helena: Bom, são comentários bem radicais, assim, o primeiro falando que a pessoa não tem amor próprio, acho que não é importante não tem amor próprio, gente, é porque todo mundo quer sair para se divertir, mas tem que ter cuidado, a pessoa não foi proibida, mas deveria se proibir às vezes, mas não acho que é falta de amor, não. É questão de a pessoa querer se divertir, ela quer curtir, ela quer aproveitar, ela está certa em querer isso, querer viver, querer ser feliz, mas tem que saber os momentos, tem que saber o lugar, tem que saber o que está fazendo. O outro segundo é sobre. [00:29:15]

Giovanna: Fala assim: "o negócio é cada um cuidar da sua vida, fica aí vivendo com medo de morrer, sem graça". [00:29:21]

Helena: Bom, não é questão de cada um cuida da sua vida, a gente está em um momento onde a gente cuida da vida de um, está cuidando da nossa também, então não é estar cuidando, eu cuido da minha vida, você cuida da sua, é eu cuido da minha tentando cuidar da sua, e vice-versa, então tem que todo mundo tomar cuidado para acabar sendo melhor para todos, falar dessa

forma eu acho que até é ignorância, porque é uma pessoa não está percebendo que ela está falando. [00:29:53]

Giovanna: E outro comentário sobre os transportes públicos. [00:29:57]

Helena: Sim, uso transporte público, realmente, infelizmente a gente está em um país onde não consegue melhorar essa situação e acaba que é uma realidade também, mas nos transportes públicos a gente vê que não está uma pessoa sem máscara, toda hora tomando no mesmo copo de outra, não tem pessoas se agarrando o tempo todo, abraçando, beijando, sei lá, conversando um em cima do outro sem a máscara, a máscara a gente sabe que protege até um certo ponto sim, mas protege, então é um escape que a gente tem também, a gente vê as pessoas se protegendo também, passando álcool gel, tomando cuidado onde coloca a mão no rosto, evitando certos tipos de contatos, a gente vê as pessoas trocando de máscara, e em locais que são festas, baladas, a gente não vai ver esse tipo de comportamento das pessoas, porque as pessoas nem lembram de levar a máscara, na verdade, nem lembram que existe um álcool em gel. Então não tem como fazer esse tipo de comparação, não. [00:31:10]

Giovanna: E por que você acha que, por exemplo, está falando muito sobre os jovens, por que você acha que tem algumas as pessoas, alguns jovens que nem lembram disso, não lembram de levar máscara, álcool em gel, você acha que por que será que acontece isso? [00:31:26]

Helena: Acho que eles vão com a intenção de já não usar, sabe? De eles querem, assim, a gente acaba usando a máscara todos os dias, é... a gente meio que prendeu nisso, é necessário ter se prendido mesmo, mas a gente sai, e a pessoa está indo para uma fala assim acho que na hora ela pensa: "estou indo lá para me divertir, estou indo lá para ficar livre um pouco, vou me libertar dessa loucura que eu estou vivendo", então ela esquece que é um momento de pandemia e muitas vezes nem carrega, ou então às vezes ela até carrega, mas chega lá e vê que um está sem e fala: "vou ficar com esse negócio chato, não", porque é desse jeito que as pessoas falam, e vai e tira a máscara, às vezes o álcool em gel é muito difícil você ver alguém carregando, uma pessoa que já

anda com ele na bolsa, mas muitas vezes as pessoas nem carregam bolsas para lugares assim também, então se esquece mesmo, não faz questão de usar, é aquilo, um não usa, o outro vai também e deixa de usar e assim vai seguindo. [00:32:35]

Giovanna: Entendi. Tem tanto a questão do comportamento assim de ver uma outra pessoa não usando, isso influencia, mas também a própria coisa de achar "isso é uma obrigação não vou fazer". [00:32:50]

Helena: Exatamente. [00:32:51]

Giovanna: Fazer isso, esquecer disso por um tempo, porque realmente, temos que concordar que essas medidas todas elas são chatas, usar máscara toda hora, mas é, por exemplo, você faz escolhas antes de sair da sua casa, e você tem uma série de coisas para fazer essas escolhas, como você acabou de me contar. E bom, por fim, eu queria saber quais atitudes, políticas ou ações você acha que poderiam ser feitas para ajudar os municípios no enfrentamento da pandemia? [00:33:32]

Helena: Acho que deveriam ter insistido um pouco mais na fiscalização, assim, questão de ajuda com a saúde, e a gente vê que tem, principalmente na parte para os funcionários da saúde mesmo, eles estão ali para nos ajudar como um todo, qualquer hospital que a gente vai hoje em dia, sempre foi assim, mas acho que agora nesse momento a gente vê muito esse mais amor, essa atenção deles com gente. Então dessa parte de questão da saúde, a gente não tem o que reclamar porque a gente vê que as pessoas estão tentando fazer o melhor pela gente, agora a parte política mesmo, eu acredito precisaria um pouco mais essa fiscalização para ver se ele estava um pouco, não sei se agora ainda funcionaria, mas acho que no início quando começaram a querer fechar as portas de locais assim que essas festas clandestinas e tudo, se tivessem insistido talvez teria evitado muita coisa, teria evitado muita morte, vamos dizer assim, porque realmente foi isso que aconteceu. Iria evitar muita situação ruim que a gente acabou vivendo, e, mas por agora não sei se ainda dá tempo, mas era isso. Agora em questão de disponibilizar verba do governo assim, é... eu não sei muito dizer, mas eu acho que sempre dá um pouco mais,

dá para fazer um pouco mais pela população, mas a gente não pode dizer que não está tendo, que a gente vê que está tendo a disponibilização de vacina, em alguns lugares dão máscaras para as pessoas, é algo já disponível, mas não em todos os lugares, a gente sabe que muitas dessas também são questões privatizadas, mas é assim, a gente vê que tem, mas a gente sabe que sempre daria para ter um pouco mais, é uma questão é muito antiga de é... como fala, de roubo que existe no meio da política, essas coisas... [00:35:44]

Giovanna: De desvio. [00:35:45]

Helena: ... isso, de desvio e tudo mais. [00:35:49]

Giovanna: Entendi. Obrigada pelas respostas, por participar da pesquisa, e se você quiser me perguntar alguma coisa, fica à vontade também. Se quiser saber alguma coisa. [00:36:04]

Helena: Sua opinião sobre o que eu falei, você concorda, assim? [00:36:08]

Giovanna: Eu concordo. [00:36:09]

Helena: Concorda? Que bom. [00:36:12]

Giovanna: Eu tenho meus posicionamentos, em relação à como que colocam a imagem dos jovens como responsáveis de muitas coisas assim, ao mesmo tempo que eu também tento entender que tem... eu costumo pensar muito nas desigualdades entre as situações, mas é muito complicado, é um assunto muito delicado, porque ao mesmo tempo que a gente está falando de é... por isso até que perguntei para você se você conseguia ficar em casa, porque eu entendo que tem algumas pessoas que não conseguem ficar em casa por vários motivos, porque às vezes tem que sair para a rua para trabalhar para conseguir dinheiro para se sustentar para aquele dia, ou às vezes não consegue ficar em casa como você mesma disse, às vezes mora em um apartamento, é muito fechado e precisa de um ar, e aí? Como que faz para se divertir? Ou às vezes tem algum jovem qque mora em uma situação que não tem assim, não tem muita liberdade, não tem muita privacidade, não tem como se divertir e às vezes vai para esses rolês assim, faz essas coisas, então é muito difícil fazer julgamentos, essa é a minha opinião. [00:37:35]

Helena: Sim, verdade. Acho que colocar o jovem como culpado, não tem nem como, porque é uma população toda, de todas as idades, então assim, a gente sabe que a maior parte da população hoje em dia é composta por jovens e idosos, mas não tem como a gente sair culpando jovens falando que é culpa deles, culpa disso, culpa daquilo, não tem como. Porque todas as idades estão envolvidas. [00:38:02]

Giovanna: A sociedade como um todo. [00:38:04]

Helena: Isso. [00:38:05]

Giovanna: Bom, eu agradeço muito, muito mesmo, pela disponibilidade, muito obrigada pela conversa foi ótimo vai ajudar bastante a gente a pensar em formas assim de ajudar o município e principalmente pensar em algumas ações talvez para juventude, ou não, para a sociedade como um todo, na verdade, como você mesma disse. Bom, eu vou parar de gravar aqui. Interromper a gravação. [00:38:39]

ENTREVISTA 2

Participantes
Pesquisadora: Giovanna
Participante: Milton

Tempo de gravação
32 minutos e 14 segundos

Legenda
... → pausa ou interrupção.

Milton: Aceito participar da pesquisa. [00:00:01]

Giovanna: Aí começou [a gravação]. Então Gabriel, eu gostaria que você me contasse um pouco sobre você, qual sua idade, onde você mora, assim, no bairro que você mora de Franco da Rocha, o que você acha desse bairro, como é a estrutura desse bairro, e também contasse se você trabalha, estuda, qual é a sua ocupação atualmente. [00:00:29]

Milton: Eu tenho 21 anos, moro no centro de Franco da Rocha, é uma região... é antigo o bairro, pessoas antigas, mas bem estruturado, bem organizado, eu trabalho na área de reformas, é construção, e é isso. [00:00:53]

Giovanna: Legal, então você mora bem no centro, próximo da estação ali, da CPTM? [00:01:00]

Milton: É... [00:01:01]

Giovanna: Ou não? Pode falar, desculpa. [00:01:07]

Milton: É porque são uns 15 minutos andando. [00:01:10]

Giovanna: Então é pertinho, relativamente perto. Nesse tempo assim você teve covid? [00:01:20]

Milton: Não. [00:01:23]

Giovanna: Teve algum parente seu que teve ou não? [00:01:28]

Milton: Parente não, teve conhecidos, os amigos que tiveram, mas parente nenhum teve. [00:01:34]

Giovanna: E como foi para você assim, ver conhecidos seus tendo covid, como que você sentiu? Você se sentiu em relação a isso? [00:01:45]

Milton: Eu fiquei um pouco assustado, porque eu moro com a minha vó, nem tanto por mim, mas questão dela, mas a gente obedeceu bem às normas, ficando em casa, saia só de máscara, só para o necessário, então foi bem tranquilo. Mas ver as pessoas, dá uma assustada, está sabendo de todas as mortes e ver pessoas próximas pegando, mas graças a Deus não teve nenhum conhecido meu que faleceu, só teve, a maioria foi assintomática. [00:02:22]

Giovanna: Sim, que bom que ninguém teve algum sintoma assim grave, mas é ao mesmo tempo, não sei se você fica pensando sobre isso, mas quando uma pessoa é assintomática, ela fica assim saber se está com covid ou não, não sei se já isso já passou pela sua cabeça em algum momento. [00:02:43]

Milton: É, então, se eu tive eu não sei, mas esses meus amigos que tiveram descobriram também sem querer, foram fazer um exame, aí deu e... [00:02:58]

Giovanna: Entendi. [00:02:59]

Milton: ... porque estavam pedindo nas empresas, aí foram fazer exame sem querer, não estavam sentindo nada, foi ver e estava com covid. [00:03:05]

Giovanna: Entendi. Então foi a pedido de uma instituição, de uma empresa. Entendi. [00:03:13]

Milton: Isso. [00:03:13]

Giovanna: Bom, e como que estava a sua rotina no início da pandemia? [00:03:19]

Milton: Bagunçou tudo, tudo parou, a gente não sabia o que fazer. No começo eu nem estava pensando que era tão sério assim, a gente vai ficar um tempinho, eu estava pensando que ia ser como se fosse a da H1N1, vai ficar um tempinho aí já vai voltar, não eu ia saber que ia passar todo esse tempo e ia bagunçar tudo. [00:03:47]

Giovanna: Sim, e como que ficou o seu trabalho? Porque você trabalha com essa parte de reformas, e acho que você tem que estar presencialmente, não é? Nos lugares. Como ficou? [00:03:57]

Milton: No começo eu continuei trabalhando, aí ainda bem que eu tinha uma reserva senão não tinha dado, porque os boletos começaram a chegar, e não recebia e não dava para ir trabalhar porque o cliente também não aceitava ir lá, ficou tudo bagunçado, a sorte é que o pessoal aqui em casa é concursado e a gente conseguiu ir mantendo as contas, mas se fosse só por mim, estava ruim. [00:04:28]

Giovanna: Entendi. Nesse período você conseguia ficar em casa? Com que frequência você saia? Digamos assim, para se divertir, você fazia alguma coisa ou conseguia ficar em casa? [00:04:42]

Milton: Eu ia para a chácara, porque a gente tem uma chácara, e ficava lá. Ficava lá sem... saía por lá, mas saía bem sozinho, andava de bicicleta, cavalo, mas era difícil a gente sair com outras pessoas. Se encontrava no caminho, cumprimentava de longe e ia embora. [00:05:09]

Giovanna: Entendi, aí vocês tinham essa oportunidade de um espaço para arejar, não é? [00:05:17]

Milton: É, para espairecer, se fosse ficar só dentro de casa, aí ficava louco. [00:05:22]

Giovanna: É, é muito difícil, por isso que eu perguntei, porque o que você fazia e faz para se divertir, porque eu entendo que ficar em casa o tempo todo é... às vezes tem também a questão de a pessoa não conseguir ficar em casa por uma série de razões, que nem o seu trabalho exige que você saia, então, até isso... [00:05:44]

Milton: É, cria uma rotina. [00:05:48]

Giovanna: ...é, já tem uma rotina, até pensei em outra coisa, como que você fazia assim para ir até os lugares onde você ia fazer as reformas, você vai de carro, se tem transporte de alguma forma ou vai de trem. [00:06:05]

Milton: Na maioria das vezes ia de carro, mas às vezes ia de trem quando era mais longe, assim, não compensava tanto combustível, o preço, está um absurdo, não é? [00:06:17]

Giovanna: Sim. [00:06:18]

Milton: E compensava mais ir de trem, eu ia de trem, só que, como falei, eu moro com minha avó, precisava ter um gasto um pouco maior, e não era seguro, não era totalmente seguro, mas pelo menos não ia pegar um trem lotado. [00:06:36]

Giovanna: É isso que eu ia te perguntar, o que que você sentia sobre pegar o trem assim, porque eu conheço a CPTM, a linha rubi que passa aí em Franco da Rocha, costuma ser uma linha lotada, não sei como ficou na pandemia, e você pode me falar melhor. [00:06:55]

Milton: Ficou do mesmo jeito, parece que ficou mais lotado porque diminuíram os trens, e encheu mais ainda. E porque eu sou Franco da Rocha, e a linha começava em Morato, eu costumava ir até Morato para ir sentado. [00:07:15]

Giovanna: Sim, fazia a viagem negativa que chama. [00:07:19]

Milton: Aí eu ia sentar, nossa, na hora que abria parecia, sei lá, tudo louco entrando aquele monte de gente em Morato, aí depois... isso aí ia lotando parecia estava mais cheio ainda. Teve um dia que eu entrei de um lado da porta, eu precisava ir para o outro para descer da estação, eu não consegui atravessar do vagão, eu tive que descer na próxima estação e voltar, de tão cheio que estava. [00:07:47]

Giovanna: Nossa, eu imagino. Realmente imagino porque eu já morei em Caieiras, na verdade eu nasci em Caieiras, agora que eu moro em São Paulo, eu lembro que a uma altura, eu cheguei até cair no vão do trem em uma dessas aí. [00:08:04]

Milton: Todo mundo empurrando. [00:08:07]

Giovanna: Todo mundo empurrando, é. Eu imagino, e como que é esse sentimento assim, de ter que pegar um trem visto que a gasolina está cara, e você tem que fazer essa decisão como que você se sentia tendo que fazer essa decisão de pegar CPTM lotado, morando com a sua vó. [00:08:26]

Milton: Não tinha muita escolha, não tinha escolha, ia deixar as contas todas atrasar? Eu já tinha planos, aliás, nada obedeceu aos planos que eu tinha que trocar de carro, de comprar um apartamento, não deu, como eu ia assumir

outra dívida se não estava trabalhando? Só as dívidas daqui de casa já estavam ruins de pagar, mas fazer o que eu tinha que sair, mas depois tomava as precauções, entrar pelos fundos de casa, já ia direto para o banheiro tomar banho, já deixava a roupa do lado de fora, e evitada pegar no corrimão, a mão ficou até mais ressecada do que é, de tanto álcool em gel que estava passando. [00:09:16]

Giovanna: Sim, são pequenos cuidados, mas que imagino que faz toda a diferença para a gente se sentir seguro. Mas já que a gente tem que tomar essas decisões de pegar o trem, não tem o que fazer diante disso, e bom, queria saber o que você pensa sobre essas medias oficiais de ficar em casa, de fechar escolas, fechar comércios, parques, bares, baladas. O que você pensa sobre isso? [00:09:47]

Milton: Eu acho que foi uma precaução boa, mas o que realmente o que fazer, ninguém ia saber como agir, porque pegou todo mundo de surpresa, ninguém como ia ser nessa pandemia, porque se todo mundo saísse o vírus ia espalhar mais, porém o pessoal ficar em casa, já atrapalhou toda a área financeira das pessoas, eu não sei muito bem como falar. Tem o lado bom e ruim essas precauções, mas dentro do... acho que o melhor era ter ficado em casa mesmo, o dinheiro depois a gente corre atrás. [00:10:30]

Giovanna: Sim, mas no seu caso você ainda tinha uma reserva, não é? A sua reserva durou um tempo e a pandemia, como você mesmo disse, parecia ser algo assim de talvez algumas semanas, um mês, mas acabou sendo mais, e aí como é, como que faz para deixar lugares fechados sendo que a gente depende disso, não é? [00:11:01]

Milton: É, graças a Deus o pessoal daqui de casa minha mãe, minha avó já era aposentada, elas são concursadas, então elas não ficaram sem salário, deu para continuar mantendo a casa, mas se eu morasse sozinho, acho que não ia ter como eu respeitar pandemia, ia ter que sair para trabalhar. Também teve amigos meus que tiveram, não teve, até falam: "como que eu vou fazer com filho pequeno em casa", são autônomos, que pode fazer. Não teve uma estabilidade para ficar tanto tempo em casa. [00:11:41]

Giovanna: Sim. E qual foi a sua principal preocupação em relação à pandemia? [00:11:49]

Milton: A gente ficava vendo, assistindo a TV deixava a gente super assustado, essas mortes, fica com medo de chegar na gente, questão financeira também, era um bolo de coisas. Se ficar só dentro de casa assistindo a TV você ficava louco porque se eu ficar pensando, "meu vai chegar esse covid vai chegar aqui, que que eu vou fazer sem trabalhar", mas não tem o que fazer. [00:12:30]

Giovanna: E como que você foi lidando com essas preocupações? Você teve alguma, digamos assim, alguma estratégia para não se afetar tanto com essas notícias? [00:12:41]

Milton: Eu evitava ficar ligando muito a TV assim para assistir repórter, porque eu sabia o que estava acontecendo, e se eu ficasse assistindo toda hora aquilo ia entrar, para mim, aqui dá para sair daqui para o quintal também, brincar com os cachorros, às vezes ficava entediado olhando para o teto, foi até bom que teve algumas mudanças de hábitos, se organizou melhor, foi meio que um recomeço. [00:13:15]

Giovanna: Entendi. Você deu um ressignificado para todas essas situações, que bom. E que bom que fez você repensar em algumas coisas também. A outra coisa que eu gostaria de saber se você tem alguma sugestão sobre o que pode aumentar a sensação de segurança dos jovens, diante desse novo cenário que a gente tem, que nem você falou que teve que fazer um monte de replanejamento, o que você acha que poderia, um tipo de medida que poderia aumentar a sensação sua e de seus amigos. Somente o dos jovens. [00:13:56]

Milton: Os jovens são desajuizados, não é? Descabeçados, pelo menos os daqui da minha região, estavam todos se reunindo no meio da pandemia, espalhando, aí tem aquele negócio de ficar com todo mundo, aí eu falo: "vocês não tem família, não?", se eles respeitassem mais as medidas ia manter mais segurança, e agora que aparentemente vai acabar, tomara que com a vacina acabe, se precaver para se tiver algo assim no futuro, tentar fazer uns planejamentos até mesmo do governo, porque eu acho que nem presidente,

deputado, governador, soube como agir nesse momento, cada um dava uma ideia, um falava que era para fechar tudo o povo caia matando, o outro mandava que era pra abrir tudo o povo caia matando, ninguém sabia muito como agir. [00:15:08]

Giovanna: E aliás, você ter comentado isso de um fala uma coisa, o outro fala outra, você se sentiu confuso em relação a isso, por exemplo, governo federal está falando uma coisa e chega o município e fala outra, e aí o que fazer? O que você sentiu em relação a coisa toda? [00:15:33]

Milton: Eu acho que os dois foram com muita sede ao pote, um fala que: "não, é só uma gripezinha", uma gripezinha que está matando um monte de gente, não era só uma gripezinha, mas eu acho que dava para liberar um pessoal para trabalhar, tomando as precauções, mas também não dava para deixar todo mundo em casa, por que senão os autônomos iam fazer o que? Acho que tinha que ter uma organização, para ter um cuidado maior com os grupos de risco, mas toda idade teve gente que faleceu, mas ter um cuidado para as pessoas não deixaram faltar nada em casa, acho que devia ter um balanceamento entre os dois. [00:16:30]

Giovanna: Entendi. Você acha que se de repente essas autoridades conversassem mais com os autônomos, com a população em risco, você acha que talvez as coisas funcionariam um pouco melhor? Se fosse mais dialogado com quem vive na pele algumas questões? [00:16:50]

Milton: Eu acho que devia dialogar com quem entende, porque deputado, governador, não é médico e também não sabe nada sobre é... sobre logística assim, eles sabem delegar, delegar funções, acho que alguém da área da saúde, podia falar realmente o que devia ser, mais alguém podia ir passando essa logística pública da população, devia falar: "não, mas também não dá para fechar tudo, porque tem pessoas que não tem como ficar em casa por tanto tempo", eu acho que ao invés de eu falar minha opinião, ir atrás de um estudo mesmo, e saber como agir. [00:17:40]

Giovanna: Entendi. Atrás de um especialista que possa dar um... [00:17:45]

Milton: Um parecer melhor. [00:17:46]

Giovanna: ...entendi. Agora, eu vou tentar, eu vou testar uma coisa, se não der certo, eu faço de outra forma eu vou te mostrar uma reportagem que saiu no Cidade Repórter, não sei se você já ouviu falar é uma página no Facebook que noticia algumas coisas de Francisco Morato, Franco da Rocha e região, vou tentar apresentar aqui para você não, se não der certo tudo bem... vou tirar aqui meu fone. Você consegue ouvir? [00:18:32]

Milton: Consigo sim. [00:18:32]

Giovanna: Está vendo aqui? Se você não estiver ouvindo o que ele está falando você me avisa, tá? [00:18:40]

Milton: Está bom. [00:18:43]

Reportagem: No final de semana... [00:18:47]

Giovanna: Está ouvindo? [00:18:48]

Milton: Estou ouvindo. [00:18:49]

Giovanna: Só vou aumentar aqui a tela. [00:18:54]

Reportagem: ...devido a pandemia, não houve nenhum ponto facultativo de carnaval em todo o estado de São Paulo, os blocos tradicionais de rua também foram cancelados, porém muitas pessoas inclusive os mais jovens em Francisco Morato e Franco da Rocha se aglomeraram em festas clandestinas pela cidade. Nessas imagens que foram divulgadas nas redes sociais, pelos próprios frequentadores, podemos ver várias pessoas, todas aglomeradas e ninguém usando a máscara de proteção. Hoje o Cidade Repórter foi acompanhar essa situação que está... [00:19:37]

Giovanna: Vou parar de apresentar aqui. Bom, queria que você me dissesse primeiro, o que você acha do que você viu, do que você escutou do repórter, o que você acha disso? [00:19:54]

Milton: Por mim, já teve no começo, antes de ter todo esse alarde, teve político que já falou que não era nem para ter carnaval, aí teve política: "não tem como ter carnaval", mexe com muito dinheiro, é aí que vem os turistas, enfim, teve o Carnaval aí espalhou daquele jeito o vírus, veio muita gente de fora, deu aquela espalhada. Ai mesmo assim as pessoas veem, parece que se não

acontece com eles, não cai a ficha, continua achando que é só uma gripezinha. Depois as pessoas aí, aliás eles não pensam em si em nada, porque é muita... tem a questão do covid que é maior, mas tem várias outras doenças que acontecem, ou aquele negócio de tomo mundo tomando no mesmo copo, espalhando, pega um negócio aqui, já passa para lá, é tudo... para falar a verdade, é até nojento, você pegar um negócio de um, pegar um negócio do outro, baba de um, baba do outro, aí... é um pessoal louco. [00:21:26]

Giovanna: O que você acha que poderia ser feito para evitar esse tipo de situação? Você que tem alguma coisa que pode ser feita? [00:21:35]

Milton: Aí era com a guarda, com a polícia, ter um policiamento melhor, para não deixar acontecer, mesmo que comece, porque se passou no repórter com certeza a polícia, a guarda também sabia que estava acontecendo, faltou um negócio mais assíduo, mais vigoroso. [00:22:00]

Giovanna: Entendi. Na fiscalização. Eu vou ler para você agora, eu não vou mostrar porque tem o nome das pessoas, então eu não quero expor assim, eu peguei alguns comentários, como isso foi colocado na página de Facebook, então as pessoas tinham livre acesso de comentar as coisas, e eu trouxe três comentários, e eu vou ler para você esses três comentários, e depois gostaria que você me dissesse o que você achou do que essas pessoas disseram. Vou abrir aqui para ler. O primeiro comentário é o seguinte, a pessoa fala assim: "esses jovens não têm amor próprio, e nem tão pouco pela família, fico triste com isso. Não podemos mais segurar esses jovens, não tem mais o que fazer", esse é o primeiro comentário; comentário dois: "o negócio é cada um cuidar da sua vida, fica aí vivendo com medo de morrer, muito sem graça"; e o terceiro: "os transportes públicos vivem em aglomeração e ninguém fala nada". São comentários reais, está bom? O que que você acha desses comentários? Se quiser eu leio de novo, sem problema. [00:23:22]

Milton: O primeiro é... o que a mulher falou "cuida da sua vida, que não sei o que", mas tá cuidando da vida, se está espalhando é porque vai chegar em mim, se fosse morrer, se quer se matar sozinho, vai lá, problema seu, mas quando eu chegar a gente tem que se cuidar mesmo, e um erro não justifica o

outro, não é que o transporte público está cheio, é uma necessidade, aí está sendo uma escolha, transporte público é uma necessidade da dona de casa, de um dono de casa que tem que levar comida pro filho, eu aposto que essas pessoas que estavam nessa festa, não estavam pensando nisso, pensando que pode chegar um dia que o filho vai pedir leite e não vai ter. É um comentário sem noção, e a pessoa que falou que não tem o que fazer, claro que tem que fazer, é fiscalização, meu pai, o pai e a mãe que amarra dentro de casa, deixa lá, não vai sair e pronto. [00:24:33]

Giovanna: Entendi. E agora por último assim, eu queria saber quais atitudes políticas ou ações, você acha que poderia ser feita para ajudar aí em Franco da Rocha, a enfrentar a situação da pandemia, eu sei que agora a gente está vislumbrando um momento de normalização com as vacinas, mas ainda estamos em pandemia. O que você acha que poderia ser feito aí em Franco da Rocha para ajudar o município? [00:25:14]

Milton: Se for parar, pensar em continuar pelo menos na área da saúde, os testes continuar mantendo, tomando algumas precauções, não abrir tanto para aglomerar assim, que nem essa festa todo mundo muito próximo assim, libera um restaurante que fica um pouquinho mais espaçoso, quem está junto é quem está na família está em casa, não aglomerar desse jeito. E eu acho que as medidas até que foram boas que os governos mandaram, teve aquele empréstimo que forneceram para donos de empresas, teve uma conhecida minha que tem loja na 25 de março e ela falou que forneceram o dinheiro para ela não ter que mandar os funcionários dela embora, porque ela estava pensando se ela não estava tendo dinheiro nem para ela se manter, como ia manter funcionários. Aí aqui em Franco também teve alguns donos que falaram que isso aconteceu, medidas, não sei, agora tem que... teria que estudar melhor, aproveitar que deu essa acalmada e agir com precaução, e agir com racionalidade, pensando em todos os lados para tomar a melhor decisão. Pensar no autônomo, pensar no idoso que também não pode chegar neles, agora você falando tem a filha de uma amiga da minha mãe, ela teve... ó, para a gente tinha acabado, a neném tem três aninhos estava com, eu não sei o nome ao certo, mas era pós covid, ela ficou quatro dias na UTI. [00:27:07]

Giovanna: Nossa, três anos? [00:27:08]

Milton: Três anos. [00:27:11]

Giovanna: Na UTI, caramba. [00:27:13]

Milton: Aí ela chegou, ela saiu hoje, para falar a verdade e mesmo assim, mesmo com tudo isso, ela é de Francisco Morato, a mãe levou ela pro médico, não sabia que estava acontecendo, e o pessoal estava mandando ir embora, tipo, é que a da mãe da criança deu aquele show, aí nisso chamaram um médico mais especializado, na verdade falou um nome exato que eu não vou lembrar, mas era um pós covid e que se não fosse tratado, sei lá o que poderia ter acontecido, mas graças a Deus, ela já está bem em casa. Então tem que continuar mantendo os cuidados. [00:27:56]

Giovanna: Eu acho que seriam as sequelas, não é? Que falam que depois que você pega covid ficam algumas sequelas. E ainda a questão da incerteza sobre o que fica depois que você teve covid, tem muitos relatos sobre isso, e uma outra coisa que me veio à cabeça, se de repente acontecer de você ter algum sintoma, você sabe para quem recorrer, em que serviço que você pode ir para ser atendido? [00:28:38]

Milton: Aconteceu, eu fiquei... qualquer coisinha a gente estava com medo de ser covid, aí eu fiquei me deu febre, dor de cabeça, aí a gente usou um pouco dos conhecidos, aí eu liguei para uma amiga minha que trabalha no postinho aqui, "estou com os sintomas" e ela falou: "já vem para cá, que a gente faz o teste aqui", mas se eu não conhecesse ela, eu acho que, eu não sei se poderia chegar lá, tipo assim, do nada e já ia fazer o teste, não sei como estava acontecendo. [00:29:17]

Giovanna: Sim, você pode, respondendo a sua pergunta, você pode chegar lá, sim, se você precisar. Até eu ia perguntar para você como que é... das vezes que você precisou de serviço, se você teve informações, se você foi bem atendido nesse sentido, porque como você está dizendo, informação é importante para a gente poder tomar decisões. [00:29:44]

Milton: Eu tive, sempre tive convênio, como era funcionário público tem que as filiais, mas assim, depender público mesmo é péssimo o atendimento, já aconteceu de eu ter levado conhecidos e vê que não tem nada a ver, pessoal deixa lá. Teve uma vez, a minha bisavó ainda era viva, a gente foi levar ela no médico e a gente passou horas, tipo umas quatro, cinco horas, já era umas duas horas da manhã, e a gente estava inconformado que não tinha sido atendido uma pessoa de idade, até que minha vó deu um show lá, e saiu o médico com a cara de sono, não tinha nem se arrumando, sabe? Com a roupa toda torta, o cara estava dormindo, enquanto minha bisavó estava lá, e depois a gente foi descobrir que ela tinha até câncer, aí a gente fica meio, meio não, fica totalmente inconformado. Se o cara não consegue trabalhar à noite, ou seguir aquelas horas, deixa outro, aí fica lá para ganhar só o dinheiro? É realmente muito ruim. [00:31:14]

Giovanna: É, fica difícil em confiar, se sentir seguro. Mas bom, é isso, eu fico agradecida de você está participando da pesquisa, e ter se disponibilizado a participar e ajudar a gente conversando, e mesmo com todos esses acontecimentos durante a rotina, eu sei que é sempre muito corrido, e obrigada. E se você tiver alguma pergunta para me fazer, ficar à vontade, algum um comentário, uma pergunta, se quiser saber alguma. Fica à vontade. [00:32:00]

Milton: Não. [00:32:03]

Giovanna: Não tem, tudo bem. Bom, eu vou encerrar a gravação aqui. [00:32:11]

ENTREVISTA 3

Participantes
Pesquisadora: Giovanna
Participante: Cecília

Tempo de gravação
27 minutos e 45 segundos

Legenda
... → pausa ou interrupção.

Cecília: E aceito sim o termo, tudo certo, tudo entendido. [00:00:10]

Giovanna: Está bom, combinado então. Que bom. Primeira coisa que eu gostaria de saber, que você contasse mais algumas coisas sobre você, se você trabalha ou estuda, em que região de Franco da Rocha você mora, o que você acha do bairro onde você está morando. E é isso, primeiramente é isso. [00:00:37]

Cecília: O que eu acho do bairro, não é? É um bairro muito calmo, bem tranquilo, bem arborizado, tirando a parte da queimada que teve, mas com o tempo vai se regenerando, e meu trabalho é em Franco também. [00:01:01]

Giovanna: E você trabalha em que região? [00:01:06]

Cecília: Na região central, mas lá o bairro é Vila Martinho, na avenida 7 de Setembro. [00:01:11]

Giovanna: É bem próximo, tipo, centro... [00:01:16]

Cecília: Do lado. [00:01:16]

Giovanna: ...do lado do centro. E quantos anos que você tem? [00:01:22]

Cecília: 22. [00:01:22]

Giovanna: Esqueci de te perguntar. Então, você teve covid nesse tempo? [00:01:30]

Cecília: Que eu saiba, não, a não ser que seja, que eu tive aquele assintomático, sabe? Mas não tive nada. [00:01:39]

Giovanna: E o que você acha dessa coisa de ser assintomático, como você se sente em relação à essa possibilidade de você estar com covid, e não estar apresentando os sintomas? [00:01:54]

Cecília: Assim, desde o começo era uma preocupação que eu tinha de ter pego, mas não ter sintomas e transmitir para outras pessoas. Então eu sempre me comportava como se eu não pudesse passar alguma coisa, sempre de máscara e tomando todos os cuidados, pensando que era uma possibilidade eu ter e não apresentar sintomas. Fiz tudo o que disseram, lavar as mãos, lavar tudo quando chega em casa, álcool em gel, máscara. [00:02:30]

Giovanna: E algum conhecido seu teve covid? [00:02:34]

Cecília: No trabalho teve, sim. [00:02:37]

Giovanna: E como foi? [00:02:39]

Cecília: A estagiária teve, mas na época a gente estava em home office, ela disse que ficou bem mal, aí a Cristiane, do fiscal, teve e ela ficou um período afastada, só que era uma época onde estava indo uma pessoa por vez para o escritório, então não tinha risco, sabe? [00:02:59]

Giovanna: Entendi. [00:03:00]

Cecília: Ela ficou um período afastada e disse que ficou com sequela de esquecimento, mas aí é uma coisa que ela está vendo ainda, sabe? [00:03:09]

Giovanna: Entendi. Mas como que foi para você, depois que viu que uma pessoa tão próxima, do trabalho, teve covid e está com possíveis sequelas? Isso afetou você de alguma forma, provocou alguma coisa? [00:03:28]

Cecília: É que assim, antes de chegar em umas pessoas próximas, a gente pensa que é mais difícil, mas quando a gente vê uma pessoa próxima pegando, a gente fica com um pouco mais de preocupação, um pouco mais de medo ainda do que o normal. Mas não que tenha afetado ao meu trabalho, ou a vida, foi um acontecimento, o que me deixou mais preocupada, mas ocorreu tudo bem mesmo assim. [00:03:55]

Giovanna: Mas essa preocupação você acha que afetou de alguma forma algum comportamento seu? Em relação a se proteger, ou você enfim, continua agindo do mesmo jeito como estava agindo? [00:04:12]

Cecília: Eu mantive a mesma forma de higiene, de estar com a máscara e tudo, porque desde o começo do jeito que orientaram, então mantive a mesma coisa. [00:04:25]

Giovanna: E como estava a sua rotina do início da pandemia? [00:04:30]

Cecília: Bem no comecinho estava normal, e quando começou a aumentar muito o número de casos a gente começou em menor quantidade para o escritório. [00:04:43]

Giovanna: Normal você diz assim, você estava indo trabalhar todos os dias, você estava saindo de casa? [00:04:49]

Cecília: Indo de trem todos os dias, todos os funcionários estavam indo, na mesma sala, normal. Aí quando a gente percebeu que não ia passar, e o governo começou a... acho que teve uma semana inteira que deram, 15 dias, alguma coisa assim, que era para ficar home office, aí depois disso começou a ter as alterações e a gente foi se adequando, como dizia até os decretos municipais mesmo. [00:05:21]

Giovanna: Entendi, e agora vocês então voltaram a trabalhar todos os dias ou ainda está em revezamento? Ou está um pouco menos restrito? [00:05:35]

Cecília: Não, até acho que abril a gente estava revezando, ia tipo duas pessoas por dia ou três dependendo do dia, e aí agora voltou todo mundo está normal de novo, entre aspas, mas com os cuidados de usar a máscara, distanciamento, álcool em gel, mas a rotina em si é normal, vem todo mundo, de estar o mesmo horário de trabalho que o normal. [00:06:07]

Giovanna: E como você está indo para o trabalho? Está indo de carro, de trem? [00:06:18]

Cecília: De trem mesmo. [00:06:20]

Giovanna: Aliás, explica melhor essa relação que você tem com Franco da Rocha, porque você não é exatamente moradora de Franco, então você tem que pegar o trem e ir para o seu trabalho. [00:06:37]

Cecília: Tá. É que assim, a relação que eu tenho com Franco da parte da minha mãe de moradia, que ela mora lá e eu passo um tempo lá por conta disso, no trabalho a maior parte do tempo, mas eu moro em Caieiras que é uma cidade vizinha. [00:06:56]

Giovanna: E você acha assim, você percebe se comum ou não, que tem Franco da Rocha, Francisco Morato, Caieiras, você acha que é comum esse movimento de você morar em outra cidade e ter que se deslocar para Franco da Rocha para trabalhar, ou sair de Franco para trabalhar em Caieiras, Francisco Morato, você acha que é comum isso ou você não percebe muito desse movimento? [00:07:30]

Cecília: O que eu percebo mais é que as pessoas de Caieiras na maior parte saem para trabalhar em São Paulo, as de Franco normalmente para trabalhar em São Paulo também, e as de Morato talvez para trabalhar em Franco ou São Paulo. Assim, acho que a maior parte das pessoas que trabalham em Franco, vem de Morato. Se deslocasse entre as cidades, não que elas não trabalhem em São Paulo, mas eu acho maior do que Caieiras, são as pessoas de Morato que trabalham Franco, é o que eu percebo, mas comércio de Franco é bem melhor do que o de outras cidades, então de certa forma todas as pessoas acabam indo para Franco, por conta do comércio mesmo se precisar de alguma outra coisa vai para Franco e compra o que precisa. [00:08:26]

Giovanna: Entendi. Também por uma questão de proximidade, é mais próximo ir para Franco da Rocha do que ir São Paulo, também imagino que transporte público seja uma questão. [00:08:40]

Cecília: Sim, como é uma estação só é mais fácil, facilita tudo. [00:08:45]

Giovanna: Sim, verdade. É uma estação só. E aí assim, você conseguia ficar em casa nesse tempo no início da pandemia? Com que frequência você saia de casa? [00:08:57]

Cecília: No começo da pandemia, bem no comecinho assim, eu estava mantendo o mesmo ritmo, acho que nem usava máscara ainda no comecinho mesmo, mas com tempo quando foi colocando o home Office aí eu fiquei em casa bastante tempo, só saia mesmo para comprar coisas no mercado ou na farmácia, não saia mesmo. [00:09:22]

Giovanna: E para se divertir, o que você fazia? Você saia, ou ficava em casa, quais estratégias você usava para se divertir? Sendo que tinha essa medida oficial de ficar em casa. [00:09:37]

Cecília: É mais a internet mesmo, ficar assistindo série, ou ficar no Facebook, essas coisas, jogar algum jogo, a única coisa diferente que eu fiz de sair foi fazer uma caminhada, umas duas vezes por semana, mas é tipo assim, em um horário bem cedo que não tinha gente na rua, mas nada além disso, sabe? [00:10:06]

Giovanna: E o que você pensa sobre essas medidas oficiais de ficar em casa e fechar as escolas, comércio, parques e baladas? O que você pensa sobre essas coisas? [00:10:23]

Cecília: Depende assim, tem dois pontos, fechar coisas de lazer eu acho certo, por exemplo, balada, festa, bar, o parque mesmo eu acho que é um local onde as pessoas se reúnem, mas que não é uma atividade essencial. Agora fechar o comércio, é assim, tem muitos pequenos empreendedores que estão na mesma situação que os empregados, então assim, aquilo lá é a renda dele, se ele não sair para trabalhar, ele não tem o que comer, por mais que tenham um CNPJ, uma empresa, não quer dizer que estejam bem de vida, sabe? Muitas vezes eles são gente como a gente, e precisa estar todo dia ali trabalhando, ainda mais se for uma área, sei lá, construção civil por exemplo, não tem o que fazer o cara tem que ir lá e trabalhar, não tem como fazer home Office, sabe? Então nesse ponto eu acho que é uma coisa ruim, porque as pessoas precisam trabalhar, mas na questão de lazer acho super correto. [00:11:35]

Giovanna: E as escolas e faculdades? [00:11:40]

Cecília: Eu concordo de deixar no digital ou então ter fechado mesmo porque as crianças passam, elas não apresentam sintomas na maior parte do tempo,

então seria uma grande contaminação de pessoas no mesmo local, é uma medida correta. [00:12:05]

Giovanna: E qual foi assim a sua principal preocupação em relação à pandemia? [00:12:12]

Cecília: Foi mais de pegar o covid e transmitir mesmo, foi esse meu maior medo, preocupação também. [00:12:23]

Giovanna: Você acha que tem alguma sugestão sobre o que pode aumentar a sua sensação de segurança, e essa sensação de segurança de outros jovens? Diante desse novo cenário que a gente está vivendo por conta da pandemia? [00:12:41]

Cecília: Acho que a única sensação de segurança mesmo é a vacina, que tem chegado, agora depois de ter tomado a primeira dose, algumas pessoas que conheço já terem tomado as duas doses, eu acho que vem normalizando as coisas a partir. [00:13:00]

Giovanna: Entendi. Então a partir da vacina e também do processo de vacinação. [00:13:07]

Cecília: Porque mesmo que estivesse reduzido número de casos, é uma possibilidade ainda. [00:13:15]

Giovanna: E ainda temos pandemia, mas como você disse, como processo da vacinação está cada vez mais próximo de ficar 100%, então isso acaba deixando a gente mais seguro, mas tem outras inseguranças também, como essas coisas de fechamento, essas medidas de fechamento ou não de escola, de faculdade, várias outras coisas. Então agora eu vou tentar fazer uma... você me fala se você vai conseguir ouvir, vou colocar aqui... uma notícia e aí depois que eu colocar essa notícia, eu gostaria que você me dissesse o que que você acha do que está sendo falado, e do que você viu. Colocar aqui, vou tirar o fone, porque senão você não escuta. Vou compartilhar a tela. Você está vendo aqui? [00:14:40]

Cecília:: Estou sim. [00:14:40]

Giovanna: Se você não ouvir a notícia, você me fala, tá? [00:14:45]

Reportagem: E no último final de semana, devido a pandemia, não houve o ponto facultativo de carnaval em todo o estado de São Paulo, os blocos tradicionais de rua também foram cancelados, porém muitas pessoas, inclusive os mais jovens, em Francisco Morato e Franco da Rocha se aglomeraram em festas clandestinas pela cidade. Nessas imagens que foram divulgadas nas redes sociais, pelos próprios frequentadores, podemos ver várias pessoas, todas aglomeradas e ninguém usando a máscara de proteção. Hoje o Cidade Repórter foi acompanhar essa situação que está causando mais e mais infectados, dia após dia. [00:15:39]

Giovanna: Vou parar aqui a apresentação, só vou colocar meu fone. Então, a partir disso que você viu e escutou, o que você pensa sobre isso? [00:16:02]

Cecília: Eu acho que são os jovens mesmo que não tem essa preocupação de estar infectado, ou mesmo se contaminar, é de certa forma uma imaturidade, inconsequência, é porque ali estão todos sem máscara, sem nenhum distanciamento, em uma aglomeração. [00:16:27]

Giovanna: E por que você acha que acontece essas coisas, ou por que que isso está relacionado com os jovens? Além do que você falou da questão da imaturidade, mas eu queria que você me explicasse isso melhor. [00:16:44]

Cecília: É um ponto meio difícil de explicar, mas eu acho que tem muito a ver com o jovem não querer seguir as regras, sabe? De "eu sou contra isso", "eu não vou ser afetado por isso", eu acho que tem muito a ver com essa questão de se achar que não vai ser afetado pelo vírus, ou então não ver a consequência de ser afetado e contaminar outras pessoas, talvez não tenham outras pessoas que sejam contaminadas, talvez também, um outro ponto, sei lá, a pessoa passa o dia inteiro em atendimento a outras pessoas, passa dia inteiro em um trem lotado, e vê assim, eu já passo o dia inteiro cercada de pessoas, por que que eu não vou em uma festa? Tem esse outro ponto. [00:17:31]

Giovanna: Entendi. E agora eu vou ler para você alguns comentários, dessa mesma página, é que eu passei para você uma notícia de uma página de Facebook, então ali o pessoal fez alguns comentários, eu selecionei três, eu

vou ler esses três para você e depois eu gostaria que você me dissesse o que você pensa sobre esses comentários, se você concorda ou discorda, ou não sabe dizer, o primeiro comentário é assim: “esses jovens não têm amor próprio, e nem tão pouco pela família, fico triste com isso. Não podemos mais segurar esses jovens em casa, não temos mais o que fazer esse", foi o primeiro comentário; o segundo é: "o negócio é cada um cuidar da sua vida, fica aí vivendo com medo de morrer, que sem graça"; o terceiro: "os transportes públicos vivem aglomeração e ninguém fala nada", se você quiser eu leio de novo, mas o que que você pensa sobre esses três comentários? [00:18:50]

Cecília: O último comentário é mais ou menos do que eu disse, que era uma possibilidade, de eles pensam, o segundo era? Desculpa como era? [00:19:02]

Giovanna: O segundo ele "o negócio é cada um cuidar da sua vida, fica aí vivendo com medo de morrer, que sem graça". [00:19:10]

Cecília: Esse eu acho que é uma questão, tem um pensamento de tipo "eu já passo por isso no dia a dia", acho que esse é um pensamento mais imaturo mesmo, de uma pessoa que não vê consequência de se aglomerar, o último eu acho que tem mais a ver com o dia a dia da pessoa, de que ela já passa por aglomeração no dia a dia e não vê problema de estar ali no meio, agora o primeiro acho que é uma pessoa que assim... não tem um pensamento muito crítico no geral, acho ela só jogou ali o que ela pensa e pronto. [00:19:54]

Giovanna: Entendi. É aquele comentário que fala sobre o jovem não ter amor próprio, por conta família. [00:20:01]

Cecília: É que ela pensa na causa, quer dizer, no que está acontecendo só, não vê a causa do que está por trás disso. [00:20:09]

Giovanna: E o que você acha que está por trás disso? Além do que você já me disse. [00:20:14]

Cecília: Não sei, é uma coisa meio difícil de explicar, eu acho que, além do que eu disse, é mais questão de o jovem não querer se enquadrar às normas, normalmente quer ser o rebelde, ou então não vê o porquê de fazer isso, sendo que ele não vai ficar afetado. [00:20:32]

Giovanna: E o que você acha que a gente poderia fazer daqui? Você sendo jovem, eu também, o que você acha que a gente poderia fazer para que esse comportamento mudasse, ou fosse uma situação diferente? [00:20:49]

Cecília: Eu acho bem difícil assim a gente conseguir mudar essa situação, porque acho que tem muito a ver com a criação da pessoa que os pais colocam ali como prioridade, sabe? Como valores mesmo com que a pessoa vai se importar no dia a dia, sabe? Ou então assim o que poderia mudar é, sei lá, um colega chegar e comentar e mudar a cabeça da pessoa, não mudar, mudar é uma coisa muito difícil, mas enfim, abrir os olhos da pessoa que não é assim, pensa mais nas outras pessoas. Eu acho muito difícil mudar isso com medidas, se elas não forem realmente mudar o pensamento da pessoa. [00:21:37]

Giovanna: Entendi. Você acha que uma medida oficial, tipo assim, uma política pública, você acha que é capaz de causar uma mudança de pensamento daqui? [00:21:54]

Cecília: Assim, por exemplo, um decreto igual foi feito da máscara ou do fechamento de estabelecimento, isso tem uma medida que vai resolver alguma coisa desde que tenha a fiscalização, que seja cumprido, por exemplo, ninguém vai entrar nos locais sem máscara, é obrigatório usar máscara, caso você não use você toma uma multa, eu acho que isso é uma medida que ela ajuda, mas é uma não muda o pensamento da pessoa que não quer entender, a pessoa vai fazer isso porque é uma obrigação e não porque ela pensa no bem-estar das pessoas. [00:22:31]

Giovanna: Entendi. [00:22:32]

Cecília: É mesmo essas festas, elas não são permitidas perante a lei, mas não houve fiscalização então eles continuaram ali, eles só deixariam de estar ali por conta da fiscalização, e não porque eles pensam que aquilo não é certo. [00:22:51]

Giovanna: Entendi. Então seria tipo como se fosse, veja se eu entendi bem, seria como essas políticas públicas mais rígidas, uma fiscalização mais assim, mais eficiente, mais eficaz, seria mais como um cuidado, mas é... [00:23:10]

Cecília: Imediatista. [00:23:12]

Giovanna: É, mais paliativo, de uma coisa que é mais profunda. [00:23:17]

Cecília: É que assim, mudar o pensamento de uma população acho que leva muitos anos, muitas décadas até que se forme um pensamento diferente, mas no momento em que estava precisando de uma medida de urgência eu acho que foi o ideal a ser feito mesmo. [00:23:35]

Giovanna: Então como uma medida assim imediata, urgente, seria isso, e se a gente vai pensar em uma medida a longo prazo? O que a gente poderia pensar de política, mas também a gente enquanto jovem, sociedade, como que a gente poderia pensar em pedir? Pensando a longo prazo. [00:24:03]

Cecília: A longo prazo eu acho que a educação mesmo, sabe? Fazer as pessoas abrirem a cabeça, sabe? É um pensamento mais informado das coisas, acho que é só através da educação, dentro de casa, nas escolas. A escola pode dar uma base, mas a educação de você está ali com os pais, com a família, no geral, eu acho que é o que diz mais ainda sobre a pessoa, ou então, vamos supor, as crianças que não tenham família, que os lugares que cuidam delas, de abrir a mente delas sobre essas coisas, de ter um cuidado com o próximo, sabe? Pensar no geral, não só no individual. [00:24:55]

Giovanna: Seja uma educação que pense no outro, não é? Que seja mais empática, é isso? [00:25:06]

Cecília: Sim. Concordo. [00:25:08]

Giovanna: Então, por fim, a gente vai basicamente, eu já perguntei para você, mas agora eu vou direcionar essa pergunta para o município, quais atitudes políticas ou ações, você acha que poderiam ser feitas para ajudar o seu município no enfrentamento da pandemia? [00:25:33]

Cecília: No momento eu acho que é mais fiscalizar as pessoas que estão sem máscara, tem muita gente sem máscara que anda na rua, assim, quando está uma rua vazia sem ninguém, eu até entendo, até eu mesmo fico um pouquinho sem máscara, porque não tem ninguém na rua está só eu ali, mas por exemplo ali no centro tem muita gente, muita gente sem máscara, é... não sei como está

sendo feita a fiscalização da vigilância sanitária, mas fiscalizar mesmo, principalmente os bares, restaurantes, que as pessoas ficam muito próximo sem máscara, eu acho que seria esse então, essa fiscalização de onde as pessoas estão sem máscaras e como elas estão se comportando. [00:26:25]

Giovanna: Entendi. Uma proposta para a amenizar, como você disse, a coisa mais imediata, não é? [00:26:36]

Cecília: Sim. E assim, voltar a fechar os estabelecimentos nesse ponto da pandemia, eu acho que não faz mais sentido, mas a fiscalização de que as coisas estejam sendo seguidas, eu acho que faz muito mais sentido do que fechar os estabelecimentos nesse momento. [00:26:54]

Giovanna: Entendi. Como que eles estão funcionando, nem se estão funcionando ou não, mas como estão funcionando. [00:27:02]

Cecília: Isso. [00:27:02]

Giovanna: Como está sendo. Entendi. Bom, é isso daí então, são essas perguntas que eu tinha para fazer, eu agradeço pela participação e se você quiser me perguntar alguma coisa e quiser fazer algum comentário, fica à vontade. [00:27:25]

Cecília: Para mim está tudo certo, não tenho nenhuma dúvida. [00:27:27]

Giovanna: Então está bom. Então é isso, eu vou finalizar a gravação, só um segundo que ela também demora um pouquinho para terminar. [00:27:40]

ENTREVISTA 4

Participantes
Entrevistada: Érika
Pesquisadora: Giovanna
Pesquisador: Thiago

Tempo de gravação
36 minutos e 01 segundos

Legenda
... → pausa ou interrupção.

Érika: Começou? Pode falar? [00:00:12]

Giovanna: Pode falar. [00:00:14]

Érika: Sim, eu aceito participar da pesquisa. [00:00:17]

Giovanna: Então vamos lá, obrigada. [00:00:20]

Érika: De nada. [00:00:21]

Giovanna: Então Érika, primeiro eu queria que você me contasse algumas coisas sobre você, a sua idade, onde você mora em Franco da Rocha, como que é esse bairro que você mora, a estrutura, e a sua ocupação, se você trabalha, estuda, faz os dois. [00:00:40]

Érika: Então, eu sou estudante de direito da Universidade X, é... eu comecei como gremista na escola pública daqui de Franco mesmo do meu bairro, a Kátia Maria, e aí eu fui me interessando muito por políticas públicas, como funciona e tudo, eu tive ajuda de alguns colegas, algumas pessoas que fui conhecendo e aí foi criado o Conselho da Juventude de Franco da Rocha, e essa moça que era secretária na época desse conselho, quando foi criado esse conselho, perguntou se eu tinha interesse de participar, e eu comecei a participar e comecei a gostar muito. Então é basicamente isso. [00:01:32]

Giovanna: Entendi. Poxa, que legal. E você poderia contar para a gente a história assim da criação do Conselho Municipal da Juventude de Franco? [00:01:43]

Érika: Então, o Conselho foi criado porque houve uma necessidade de fazer políticas públicas para os jovens ter um contato, a gente basicamente é uma

ponte entre os jovens da cidade de Franco da Rocha e a prefeitura da cidade, a gente realizou diversos eventos, um deles muito conhecido que é o projeto Vereador Jovem, onde vários jovens tiveram a experiência, alguns jovens selecionados através de prova, através de escolhas nas escolas, tiveram a oportunidade de ter um dia na Câmara, saber como que funciona... me fugiu a palavra, como é que funciona a formação de uma lei, como que ela é aprovada, como que ocorre de todas as formas, no geral... [00:02:40]

Giovanna: Todo o processo. [00:02:40]

Érika: ...a gente tem sim, todo o processo. A gente realizou projetos de levar palestrante nas escolas, trazendo diversos temas importantes, um deles um movimento negro que a gente levou até um escritor de um livro para estar dando palestra, a gente realizou diversos eventos importantes, a gente agora vai ter as eleições novamente para os novos conselheiros, e é basicamente isso. [00:03:14]

Thiago: É meio que uma forma de aproximar os jovens da política, não é? [00:03:18]

Érika: Sim, é uma forma de aproximar os jovens da política, a gente fez diversas reuniões com o prefeito, a gente levou gremistas para tomar um café da manhã com o prefeito, na época o prefeito Kiko ainda. [00:03:29]

Giovanna: Legal, muito legal Érika, e o que que você acha assim da participação dos jovens na política? Lá de Franco, e qual a sua opinião sobre isso? [00:03:45]

Érika: Olha, eu acho muito importante, hoje em dia os jovens não querem muito saber da questão da política, acham muito complicado, nunca querem saber, e eu acho assim extremamente importante porque a política está praticamente em tudo, então assim, a nossa iniciativa é cada vez mais os jovens da política, do conhecimento, do saber, de como que as coisas no geral funcionam. [00:04:17]

Giovanna: E assim, porque será que, digamos, esse desinteresse da juventude em relação à política? O que você acha que pode ser? [00:04:27]

Érika: Olha, a grande maior parte, assim, é uma questão de desinformação, vem passando de pessoas mais velhas que política é complicado, de que isso é para quem estuda muito, assim, tem muita gente que fala que política não é para qualquer um, sendo que não é verdade, e aí as pessoas acabam não tendo interesse. [00:04:56]

Giovanna: Entendi. Fica em um lugar muito distante, como se não fosse algo que a gente faz assim no cotidiano. [00:05:04]

Érika: Sim. Acaba criando uma ponte, um muro muito grande entre os jovens e a política. [00:05:12]

Giovanna: Legal, Érika. Pode falar, é que minha (gata) [00:05:20] aparece aqui. [00:05:22]

Thiago: Não, eu ia comentar que é interessante porque talvez o conselho entre justamente nisso, para tentar aproximar. [00:05:31]

Érika: Sim. [00:05:33]

Giovanna: Principalmente essa parte da educação, achei muito interessante vocês terem essa abordagem, essas intervenções de irem para as escolas. [00:05:44]

Érika: Sim, a gente assim, algumas vezes acaba sendo complicado, porque algumas escolas são do estado, a gente precisa de toda uma autorização, tem toda uma burocracia para a gente conseguir fazer alguns projetos, mas a gente tenta o máximo possível trazer eles para perto, fazendo evento, levando palestrantes, apresentando o conselho. [00:06:16]

Giovanna: Entendi. E eu gostaria de saber o que você percebeu durante a pandemia, em relação ao comportamento dos jovens? Já que você está como representante da juventude. [00:06:30]

Érika: Sim, assim, a gente encerrou as atividades presenciais, a gente começou a fazer tudo remoto, foi bastante complicado. O que eu acompanhei tanto no meu dia a dia, quanto os jovens no geral, é que não houve um respeito, não houve, de fato assim, um entendimento claro, eu não sei se entendimento é a palavra certa, porque as informações foram sendo passadas, mas acho que não houve mesmo um respeito com a quarentena, sabe? Se

guardar em casa para se proteger, eu vejo que isso não houve, assim encerraram as atividades no comércio, de tudo, eles se reuniam na casa um dos outros, se reunia, fazia galera, fazia festa de rua. Eu vi bastante disso. [00:07:26]

Giovanna: E o que você acha também que talvez é um fator para que eles escolham fazer isso, apesar da informação de não fazer? [00:07:40]

Érika: Eu acho que o jovem tem muito essa questão de "ah, isso não vai acontecer comigo", "ah, não, eu aguento", "aí é só, talvez, uma gripe, nem deve ser para tanto", e o que aconteceu é que a maioria acabou levando essas doenças para os familiares, não foi falado, não foi assim, eles não tiveram essa consciência de buscar ainda mais informações, para ver se realmente só atingia pessoas mais velhas e eles estavam imunes. [00:08:23]

Giovanna: É, e agora com essas novas variantes a gente tem pesquisas dizendo do rejuvenescimento da pandemia, não é? [00:08:35]

Érika: Sim. [00:08:37]

Giovanna: Não sei se você ficou sabendo sobre isso, e que isso de repente tenha mudado o comportamento das pessoas, mas pelo que você falou acho que não, dos jovens. [00:08:51]

Érika: É, eu fiquei sabendo, ainda não cheguei a pesquisar profundamente, mas eu fiquei sabendo sim dessa questão, e eu acho que agora que chegou a vacina principalmente a primeira dose, todo mundo acha que está 100% imune, e já está saindo e já está tudo normal, como se não houvesse variante, como se não houvesse perigo nenhum. [00:09:19]

Giovanna: É, e aí em Franco da Rocha já normalizou a abertura do comércio? Da escola? De tudo assim. [00:09:28]

Érika: Sim, aqui já normalizou tudo praticamente, as escolas ainda estão funcionando com algumas restrições, assim pelo que eu vejo, pelo meu irmão mais novo ainda está funcionando, vai uma turma semana, uma turma outra semana. [00:09:45]

Giovanna: No regime de revezamento? [00:09:47]

Érika: Sim, está no regime de revezamento ainda. [00:09:50]

Giovanna: E já que a gente está falando dessas medidas oficiais, eu quero saber o que você pensa sobre o distanciamento social, as medidas oficiais de ficar em casa, de fechar a escola, comércio parques, baladas. [00:10:08]

Érika: Então, eu acho muito importante, porque eu acho que é uma medida mais efetiva para controlar para que fosse controlado, não, assim, não gerasse uma superlotação dos hospitais, eu acho completamente importante, porque assim, eu acredito que todo mundo pegou, acabou pegando de uma forma ou outra, até também porque também não teve tanto respeito, mas eu acho que o distanciamento social, os cuidados, ficar em casa é uma medida muito importante, eu acredito muito que o fato de ficar em casa, desacelerava um pouco o problema. [00:11:01]

Giovanna: E assim, pensando no contexto aí de Franco da Rocha, você acha que todos os jovens eles tiveram a possibilidade de ficar em casa? Conseguiam ficar em casa? Mesmo assim, pensando por eles, para escolher, tanto de você escolher ir para uma festa ou de você ter que ir trabalhar. [00:11:23]

Érika: Não, alguns não tiveram oportunidade, a gente tem uma área de Franco da Rocha que ela é mais rural, uma área que chega a ser mais humilde, e assim, eu tenho uma amiga que é dona de uma ONG, e assim, conhecendo outras pessoas também que fizeram movimentos para fazer doações, para levantar doações, porque tem uma área de Franco que as pessoas não tinham como ter os devidos cuidados, porque elas não tinham como assim ter acesso a produtos de higiene direito, ter a opção de escolher ficar em casa, sabe? Tinham que trabalhar porque era o único jeito, então assim, teve sim pessoas que não puderam fazer essa escolha, teve pessoas que não conseguiam se cuidar direito, devidamente como manda o protocolo, por conta dessas dificuldades. Eu acompanhei um pouco por cima, o trabalho dessa minha amiga, ela faz ainda arrecadações, arrecadação tanto em dinheiro, quanto cestas básicas, produtos de higiene, todos os produtos para levar para essas pessoas. [00:12:41]

Giovanna: E você acha que tem... a gente poderia pensar em algum tipo de ação? Para poder ajudar essas pessoas que não tem como ficar em casa por uma questão de ter que trabalhar. [00:12:56]

Érika: Olha, é complicado pensar perante a toda a situação que o Brasil se encontra, é uma situação geral, mas eu acho que que o fato de ajuda, igual a ONG dessa minha amiga fez, é... como diversos outros movimentos se levantou aqui um Franco para fazer, eu achei muito importante e de grande ajuda, porque assim, não tem como de fato falar "não, isso aqui resolveria o problema e conseguiria fazer talvez com que essas pessoas ficassem em casa", porque eu acho que não conseguiria, não resolveria dessa forma. [00:13:43]

Giovanna: Entendi. E eu vou tentar aqui passar na tela, compartilhar a tela mais uma vez. Eu vou mostrar para você uma reportagem de uma página no Facebook que se chama Cidade Repórter, não sei se você já ouviu falar nessa página, passam as notícias assim da região Franco da Rocha, Francisco Morato, Caieiras, e eu achei uma notícia que eu achei assim bem interessante, aí eu vou mostrar para você e depois eu quero que você me diga o que você pensa sobre o que foi falado. [00:14:29]

Érika: Está bom.

Giovanna: Tirar meu fone, que assim você me escuta. Se não estiver me escutando, aí você me fala, tá? [00:14:41]

Érika: Está bom. [00:14:41]

Reportagem: E no último final de semana... [00:14:44]

Giovanna: Está ouvindo? [00:14:44]

Érika: Sim. [00:14:46]

Reportagem: ...devido a pandemia, não houve o ponto facultativo de carnaval em todo o estado de São Paulo, os blocos tradicionais de rua também foram cancelados, porém muitas pessoas, inclusive os mais jovens, em Francisco Morato e Franco da Rocha se aglomeraram em festas clandestinas pela cidade. Nessas imagens que foram divulgadas nas redes sociais, pelos próprios frequentadores, podemos ver várias pessoas, todas aglomeradas e ninguém usando a máscara de proteção. Hoje o Cidade Repórter foi acompanhar essa situação que está causando mais e mais infectados, dia após dia. A falta de cuidado com o uso de máscara e a... [00:15:38]

Giovanna: Bom, eu passei esse trecho só do repórter falando e eu gostaria que você me dissesse o que se pensa sobre o que ele falou, sobre a imagem, sobre tudo. [00:15:51]

Érika: Sim, assim, eu não consigo discordar, porque eu realmente não vi a reportagem, mas eu vi as fotos nas redes sociais, as festas acontecendo de pessoas que eu conheço, participando, organizando essas festas, e assim é muita falta de respeito e falta de cuidado, não só imprudência com eles, mas com as outras pessoas também. [00:16:24]

Giovanna: Inclusive eu selecionei alguns comentários da mesma página no Facebook, selecionei alguns comentários cada um tem um ponto de vista, a partir de um pensamento da página e eu vou ler para você, são três comentários, e depois eu gostaria que você falasse sobre eles, se você concorda ou discorda, o que pensa sobre. O primeiro comentário é o seguinte: “esses jovens não têm amor próprio, e nem tão pouco pela família, fico triste com isso. Não podemos segurar esses jovens em casa, não temos mais o que fazer esse", foi o primeiro comentário; o segundo comentário: "o negócio é cada um cuidar da sua vida, fica aí vivendo com medo de morrer, que sem graça"; o comentário três é: "os transportes públicos vivem aglomeração e ninguém fala nada". E aí? [00:17:29]

Érika: Então, eu acho complicado, porque assim, ficar em casa não é fácil a gente ficou, eu fiquei em casa mesmo, a gente fica a ponto de endoidar dentro de casa, não pode sair, não tem nada para fazer, mas assim não é uma questão de gostar de ficar por bobeira, é uma coisa séria, é uma coisa que realmente estava matando as pessoas, e assim o que que adiante, vai curte a festa, pega o vírus, traz para casa e mata família inteira. Porque já vi realmente isso acontecer, próximo mesmo, entendeu? Eu acho assim, como eu reforço, falta completamente de respeito, de cuidado, de tudo isso, não é certo, eu acho que assim, os transportes públicos estarem lotados é uma falta de governo, é um problema com o governo que deveria disponibilizar mais transportes ao invés de menos, na época das eleições recentemente, daqui de Franco da Rocha, eu tive uma conversa com o prefeito que estava se candidatando, um dos prefeitos que estava se candidatando, e ele falou que a companhia de ônibus daqui da região, durante a pandemia, diminuiu a frota, diminuiu a

quantidade de ônibus para fazer com que as pessoas ficassem em casa, o que gerou essa aglomeração nos transportes públicos. [00:19:17]

Giovanna: O contrário, não é? Deveria ser contrário. [00:19:18]

Thiago: Um tiro no pé. [00:19:19]

Érika: Foi um tiro no pé e realmente a gente via que os ônibus estavam lotados, eu tenho horário que não era de pico, por conta de toda essa diminuição da frota. [00:19:29]

Giovanna: Nossa, e já era muito lotado, eu conheço a CPTM, eu conheço não a frota de ônibus, é uma é uma linha que já tem um sucateamento, e constantemente lotado, eu imagino na sua situação. [00:19:47]

Érika: Aqui em Franco também, alguns bairros têm menos fluxo de pessoas, o meu bairro por exemplo, é o Monte Verde, ele é próximo ao centro, e ele é um bairro ele tem bastante coisa, tem mercado perto, tem academia, tem farmácia, ele é um bairro muito cheio, então os ônibus também são muito cheios, e na pandemia os ônibus estavam sempre lotados. Sempre lotado, porque assim, já é lotado por natureza, e com diminuição da frota, algumas pessoas que não... tinham realmente que ir trabalhar, não podiam ficar em casa, pegava esses transportes lotados, coisa que se tivesse aumentado a frota de ônibus, não ocorreria se a aglomeração toda no transporte. [00:20:40]

Giovanna: E já que a gente está falando de ações, de atitudes do governo, a minha última pergunta para você, é mais assim quais atitudes políticas ou ações você acha que poderiam ser feitas para ajudar o município no enfrentamento da pandemia? Você falou uma das sugestões, talvez pensar na rede de transportes de uma outra maneira. [00:21:12]

Érika: Sim, eu acho que pensar na rede de transportes de uma outra maneira, eu acho que ter sido mais rigoroso a questão da quarentena, porque eu vi muito aqui na minha cidade, assim, até de amigos que trabalham em supermercado, o pessoal não tinha o que fazer pegava a família inteira, todos os filhos, os avôs, todo mundo, e ia para o mercado fazer compra, e os supermercados lotavam. Eu cheguei a acompanhar o mercado aqui da minha rua, que é um mercado grande, recentemente foi inaugurado o Assaí também, e muitas amigas trabalham lá e falam que a família vai inteira fazer compras,

sendo que a gente está numa pandemia, a gente ainda não saiu dessa pandemia, então eu acho que deveria ser feito um controle mais rigoroso quanto a isso, eu acho que ações mais voltadas para o povo, não deveria ser só as ONGs que fez a distribuição de cestas, de arrecadação de alimentos para higiene, eu acho que deveria ser uma ação do governo de disponibilizar isso, de ir atrás de resolver isso. [00:22:37]

Giovanna: Algo assim, igual a gente teve algumas políticas, a bolsa auxílio, algumas coisas assim você diz? Algo na parte de assistência social, nesse sentido? [00:22:55]

Érika: Sim, também nessa parte assistência social, mas também em alguns bairros mais rurais, por exemplo, que às vezes a questão de água, de luz, que é racionada. Não haver esse racionamento, por exemplo. [00:23:13]

Giovanna: Nossa, eu não sabia que isso tem, tem racionamento? [00:23:16]

Érika: Em alguns, acho que é um bairro daqui de Franco, se eu não me engano que tem, que tem e que eu fiquei sabendo que teve na pandemia. Até o presente momento eu não sei se já resolveu, eu soube mais durante a pandemia por conta dessas ações dessas pessoas que fizeram arrecadações e tudo, e para levar os alimentos falou com os moradores nem sempre... [00:23:47]

Thiago: Tinham água. [00:23:48]

Érika: ...tinham água, às vezes tinham racionamento. [00:23:50]

Giovanna: Nossa, isso é muito sério. [00:23:55]

Érika: Sim. [00:23:57]

Giovanna: E assim, pelo que você me falou não tem muitas políticas voltadas especificamente para essa população rural, não é? E tem jovens ali. [00:24:12]

Érika: Sim. É que assim, essa população mais rural é... Franco da Rocha é uma cidade, um dormitório, então as pessoas vêm para cá, muitas pessoas, por exemplo, com essa questão da pandemia não aguentou a questão de vida lá de São Paulo, um pouco mais caro, por ser mais próxima do centro, então acabou vindo para Franco da Rocha, que tem um custo benefício menor. Então

assim, Franco da Rocha é uma cidade que está crescendo para as áreas rurais, então essas famílias vão para esses bairros mais rurais. [00:24:52]

Giovanna: Entendi. É ficar mais próximo também... está tendo bastante desse movimento pessoal voltar para o interior, tanto pelas condições de vida no sentido financeiro, mas também de estar próxima a natureza, a gente está vendo mais esse movimento, mas eu confesso que eu não conhecia essa parte mais rural de Franco da Rocha, eu nasci em Caieiras, eu costumava frequentar Franco, mas eu não conhecia mais essa parte rural. [00:25:34]

Érika: Sim, tem essa parte bem rural mesmo de Franco, eu participei das eleições fazendo pesquisas nas eleições que teve, e assim, eu também como moradora eu também não conhecia essa parte tão rural de Franco da Rocha, foi uma surpresa até para mim que nasci aqui em Franco da Rocha, eu sabia que tinha alguns bairros que eram afastados do centro, que eram mais assim, mais distante, mas não alguns bairros bem rurais de ter fazenda, de ter criação de animais e tudo criação. [00:26:14]

Giovanna: Nossa, estou impressionada. [00:26:16]

Érika: De boi, de vaca, de cavalo, criação mesmo, tem plantio e tudo. [00:26:28]

Giovanna: São pequenos produtores então? [00:26:31]

Érika: Sim. [00:26:33]

Giovanna: Curiosíssimo não ser tão falado por aí, não ser divulgado. [00:26:39]

Érika: Sim, mas porque assim, focou um pouco mais no centro e nesses bairros próximos ao centro, foi crescendo é como Monte Verde, cresceu, cresceu, cresceu e acabou o Mato dentro, por exemplo, que é aqui do lado, sendo esquecido. E é uma área rural, é uma das áreas rurais. [00:27:03]

Giovanna: E tem outras regiões aqui Franco que você percebe também que são regiões de vulnerabilidade? Por outras questões, não só serem rurais, mas talvez, não sei, favelas, comunidades. [00:27:21]

Érika: Sim, tem. Tem um bairro daqui de Franco, que ele é bem humilde, que foi onde até foi a concentração de movimento para ajudar essas pessoas em

vulnerabilidade, porque estão realmente em vulnerabilidade social, e talvez não trabalhavam, não conseguiram emprego, por conta das questões de São Paulo, do Brasil, do desemprego, ou ter sido mandado embora por conta da pandemia. [00:28:03]

Thiago: Você vê muito isso, Érika, de ser mandado embora? [00:28:08]

Érika: Vi, bastante. Bastante pessoas sendo mandadas embora. [00:28:11]

Thiago: E os jovens tinha também, indo atrás de emprego e tal? [00:28:19]

Érika: Então, eu vi assim pessoas da minha idade, por exemplo, atrás de primeiro emprego, ou que às vezes trabalhava em algum canto e foi mandado embora, pessoas que estavam atrás de primeiro emprego não conseguindo, é... eu por exemplo, estava atrás de um estágio, na hora que eu finalmente falei: "não, agora consegui um estágio na faculdade", eu não consegui e aí eu que fazia bico, voltei a fazer bico por conta que não consegui um estágio remunerado e tudo, e tem muita gente nessa situação. A maioria dos jovens agora que está conseguindo primeiro emprego, que está ingressando no mercado de trabalho, ou que está voltando, que foi mandado embora, e agora está voltando para o mercado de trabalho, a grande maioria está conseguindo através só dessas empresas de logística. [00:29:17]

Thiago: Por que? Tem muito aí? [00:29:21]

Érika: Então, está sendo bastante no momento, várias empresas de logística está distribuindo vagas, e faz processo seletivo e a maioria, todo mundo está indo. Esses dias mesmo, teve um processo seletivo no centro cultural e reuniu praticamente Franco da Rocha inteiro, inteiro, fez uma fila assim de quilômetros de pessoas, atrás das vagas. [00:29:54]

Thiago: Mostra como tem tanta gente atrás. [00:29:56]

Érika: Sim. Como tem pessoas desempregadas. [00:30:00]

Giovanna: Sim, e também tem o fator de que tem muitas vagas de emprego que acabam sendo em São Paulo, aí tem também a questão do deslocamento. E a hora que aparece algo em Franco... [00:30:17]

Érika: Todo mundo vai, todo mundo vai para cima. [00:30:22]

Giovanna: Sim, eu imagino. E às vezes, eu não sei se você percebe isso, ia até perguntar para você, se essas cidades assim próximos Caieiras, Francisco Morato, se o pessoal dessas cidades se elas vêm para Franco para trabalhar, e para fazer alguma coisa alguma ou se o pessoal de Franco procura essas

outras cidades, para conseguir trabalhar e enfim, estudar, não sei assim, como que é essa comunicação entre as cidades. [00:30:55]

Érika: Então, eu não percebo tanto assim pessoas de Caieiras, Caieiras, Perus, eu não percebo tanto, eu percebo mais Franco da Rocha, Morato. O pessoal de Morato vem para Franco, o pessoal de Franco vai para Morato, quando tem esses processos seletivos reúne pessoas até de Caieiras, poucas pessoas Caieiras, mas reúne pessoas de Caieiras, buscando emprego mais para o interior que é Cajamar, Jundiaí, essas regiões mais interior. [00:31:33]

Giovanna: E ainda mais próximas. [00:31:37]

Érika: Sim. [00:31:38]

Giovanna: Bom, Jeniffer, é isso assim, se quiser perguntar alguma coisa para a gente, fica à vontade, algum comentário, pode dizer. [00:31:50]

Érika: Não, assim, acho que pergunta eu não tenho no momento. Eu estou achando muito bacana o projeto, essa pesquisa que vocês estão fazendo com a região e eu fico feliz de estar participando. [00:32:10]

Giovanna: Legal. Eu que agradeço na verdade de você estar ajudando a gente. Ah, por fim, lembrei de uma coisa, você acha que tem alguma forma legal de a gente poder se comunicar com os jovens aí de Franco da Rocha? Uma forma, digamos assim, mais aberta, mais efetiva, para a gente fazer, tentar pensar em algumas campanhas? [00:32:37]

Érika: Olha, eu acho que através do conselho. Assim, é que é no momento, no presente momento, o conselho está sendo reformulado, está tendo eleições para compor os novos integrantes, no momento eu estou como presidente do conselho até as eleições de fato ocorreram, eu estou como presidente, mas assim, só depois das eleições e através do conselho. Eu acho que o conselho no geral adoraria ajudar, adoraria fazer essas ações, é sempre muito bem-vindo para o conselho, mas assim que ocorrer as eleições. Porque agora a gente não pode fazer nenhuma ação. [00:33:32]

Giovanna: Entendi. Está paralisado por conta da situação. [00:33:35]

Érika: Sim. [00:33:36]

Giovanna: Mas a gente está sempre em comunicação, você tem meu telefone e qualquer coisa estamos aí. [00:33:43]

Érika: Está bom. [00:33:43]

Thiago: Muito obrigada, Érika, pela sua disponibilidade. [00:33:46]

Érika: De nada. [00:33:46]

Giovanna: Obrigada mesmo. [00:33:50]

Thiago: Se souber de alguém... [00:33:51]

Érika: Foi um prazer participar. Está bom, então. [00:33:53]

Thiago: ... se souber de alguém, manda aí. [00:33:55]

Érika: Está bom. [00:33:57]

Giovanna: Isso. Pode mandar meu contato para a pessoa, sem problema. [00:34:02]

Érika: Então, a menina que eu pensei indicar para vocês, que eu cheguei só a comentar por alto com ela, não tive tempo de conversar, seria a Rita, ela também é bem conhecida aqui em Franco pela representatividade jovem também, não sei se vocês já a conhecem, já ouviram falar... [00:34:23]

Thiago: Nunca ouvi falar. [00:34:23]

Giovanna: Não. [00:34:25]

Érika: Não? Ela foi uma das que fez parte do projeto do prefeito e vereador jovem, ela saiu como prefeita nesse projeto, e aí ela se interessou muito por política, e ela... [00:34:40]

Thiago: Hoje em dia ela é presidenta do Brasil. Estou brincando. Parece aquelas histórias... legal. [00:34:50]

Giovanna: Sim, seria muito bacana conversar com ela. [00:34:55]

Érika: Está bom, eu vou aprofundar mais a conversa com ela, eu vou ver a disponibilidade, e aí eu posso passar o seu contato para ela? [00:35:02]

Giovanna: Pode, pode sim. Qualquer dúvida ela pode mandar mensagem direto para mim, que eu estou disponível. [00:35:10]

Érika: Está bom então. [00:35:12]

Thiago: Obrigado, viu, Érika. [00:35:14]

Giovanna: Obrigada. [00:35:15]

Thiago: Se lembrar de alguém também, manda o questionário, vamos mandar para a galera ir respondendo. [00:35:19]

Érika: Está bom. Já estou mandando. [00:35:19]

Thiago: O que você achou, Érika ? Você gostou? Você tem algum feedback, sei lá? [00:35:25]

Érika: Olha, eu achei o questionário muito completo, muito bacana mesmo, eu só achei um pouquinho longo demais, ficou um pouquinho extenso. [00:35:37]

Thiago: Sim, a gente ficou com esse medo, mas bom, sei lá. [00:35:40]

Érika: Mas ficou muito bom. [00:35:42]

Thiago: Beleza, obrigado. [00:35:43]

Giovanna: Obrigada. [00:35:46]

Thiago: É bom saber também. Mas está bom então, Érika. [00:35:50]

Giovanna: Obrigada, qualquer coisa manda mensagem. [00:35:54]

Érika: Está bom. [00:35:55]

Giovanna: Vou primeiro parar a gravação. Parar. [00:35:59]

[00:35:59]

ENTREVISTA 5

Participantes
Entrevistada: Rita
Pesquisadora: Giovanna

Tempo de gravação
42 minutos e 58 segundos

LEGENDA
... → pausa ou interrupção.

[00:00:00]

Giovanna: Pronto, começou a gravar. [00:00:03]

Rita: Está bom, eu aceito sim e concordo, continuar com a entrevista. [00:00:09]

Giovanna: Entendi, então vamos lá. Bom, Rita , primeira coisa que eu gostaria de saber... na verdade eu queria que você me contasse algumas coisas sobre você. Eh... quantos anos você tem, onde você mora de Franco da Rocha e qual é a sua ocupação atual, se você trabalha e estuda ou não trabalha, como que está a situação. [00:00:34]

Rita: Eu tenho 19 anos, eu moro em um bairro próximo do centro, chamado Jardim Cruzeiro, atualmente eu faço faculdade e trabalho. [00:00:46]

Giovanna: Ah, legal. E você trabalha de casa mesmo? [00:00:52]

Rita: Não, eu trabalho em Cajamar, na realidade eu trabalharia em Franco, mas como o nosso galpão ainda não ficou pronto, a gente está sendo direcionado para Cajamar para trabalhar lá. [00:01:02]

Giovanna: Ah, entendi. Cajamar é uma cidade, se eu não me engano é a próxima, não é? De Franco da Rocha? [00:01:08]

Rita: É, é uns 40 minutinhos daqui. [00:01:10]

Giovanna: Entendi. E o que você acha do seu bairro? A estrutura do seu bairro? Você acha que é... tem... enfim, é bem estruturado ou não? [00:01:22]

Rita: Eu acho que depende um pouco da localidade do bairro, é que o bairro aqui, o jardim cruzeiro, na realidade ele é subdividido, pelo menos pelo mapa, em vários outros bairros pequenos, então a gente tem a Vila Rosa, a Vila

Rosalina, a gente tem a companhia Fazenda Belém. Mas aí todo mundo acaba entendendo por Jardim Cruzeiro. E aí depende um pouco da localidade, eu acho que nos últimos 10 anos, pelo menos, a gente teve a participação de um vereador na câmara, que saiu aqui do bairro, e esse vereador trouxe algumas melhorias para cá, ele, infelizmente, nas últimas eleições não ganhou, mas pelo menos, assim, pelo meu ponto de vista e pelo o que eu entendi do trabalho dele e pelo meu reconhecimento, eu reconheci que sim, ele trouxe algumas melhorias para o bairro, e a partir disso eu vi que o bairro deu uma melhorada. Mas como todo e qualquer bairro, ainda tem muita coisa a ser trabalhada, mas assim, por cima eu acho que é um pouco, um bairro bem estruturado, está ali, tipo, uns 60%, vai. [00:02:26]

Giovanna: Entendi. E como que você acha que foi o comportamento das pessoas durante esses meses atrás, falando do passado, assim, da pandemia, principalmente no início, você acha as pessoas aderiram a quarentena, o isolamento social ou foi... como que foi isso? [00:02:51]

Rita: Eu acho que a grande maioria das pessoas aqui não aderiram muito bem, eu acho que o uso da máscara pelo menos, assim, mesmo que às vezes não de forma totalmente efetiva, mas pelo menos essa medida preventiva foi usada aqui, pelo menos no bairro, mas em distanciamento social e o isolamento social ele não foi comprido. Tiveram uns dias, bem no começo, que acho que quando a coisa estava bem feia, realmente diminuiu muito o número de gente na rua, mas não, assim, o tanto quanto a gente queria e o tanto quando era necessário para aquele momento. [00:03:32]

Giovanna: E assim, eu queria que você me contasse a sua relação com o conselho municipal da juventude - porque quem me passou o seu contato foi a presidenta do CMJ - eu queria saber qual é a sua relação com o CMJ. [00:03:50]

Rita: Então, esse vereador que eu acabei comentando, que era o vereador que foi aqui do meu bairro, ele foi idealizador do próprio CMJ e de um projeto que eu participei na prefeitura de Franco, que é um projeto a par do CMJ, mas que o CMJ teve grande participação, e aí eu participei desse projeto, fui apresentada ao conselho municipal da juventude, eu não tive uma participação direta no conselho municipal da juventude, eu até acabei sendo indicada em

dado momento, no finalzinho, mas eu nunca participei efetivamente, eu e a Érika nos conhecemos por conta desse outro que eu participei, mas nunca tive uma participação efetiva não. [00:04:33]

Giovanna: Entendi, legal, a Érika me passou o seu contato, aí eu fiquei curiosa em saber a sua relação com o conselho. Legal, a gente conheceu o conselho, por conta do vereador mesmo... [00:04:49]

Rita: Aham. [00:04:51]

Giovanna: E aí agora que eu fiquei sabendo que ele também é do seu bairro, muito interessante saber sobre isso. E, bom, Rita, queria saber como que estava a sua rotina na pandemia também, como que você estava fazendo, agora... você falou para mim que trabalha em Cajamar... como que foi essa situação? [00:05:12]

Rita: No começo eu estava fazendo cursinho ainda, então eu ia para São Paulo todos os dias, eu costumava cuidar do meu avô de manhã e à tarde ir para o cursinho, eu voltava só de noite para casa. Mas eu fiquei só umas três semanas, acho, nessa rotina, não foi muita coisa, que aí quando as coisas começaram a fechar e o cursinho aderiu o ensino online. E aí nesse primeiro momento eu comecei a estudar pelo cursinho, de casa e aí teve... e aí fiquei estudando em casa, no final do ano eu prestei vestibular, aí eu comecei a estudar de casa também, na São Judas, fazia economia na São Judas, online. [00:05:52]

Giovanna: Uhum. [00:05:52]

Rita: E aí, em setembro chegou o momento da inscrição para a faculdade que eu estou estudando agora, e aí passei para a faculdade de novo, troquei de faculdade de novo e aí eu comecei a trabalhar em junho, julho, mais ou menos, fiquei pouco tempo nessa primeira empresa, saí, continuei só estudando e agora estou nessa. Então minha rotina na pandemia foi bem resumida em estudar e agora no finalzinho, comecei a trabalhar. [00:06:21]

Giovanna: Entendi. Mas que bom que você também prestou esses seletivos e você conseguiu passar, porque eu ia até perguntar para você se você reparou se isso é uma situação que os jovens estão passando em relação ao trabalho,

se estão conseguindo trabalhar ou não, se você está vendo o pessoal sendo demitido, o que que você tem percebido em relação a isso? [00:06:47]

Rita: Eu acredito que durante a pandemia eu fui muito privilegiada, porque eu pude continuar estudando, eu não era bolsista no cursinho, eu tinha uma bolsa parcial, eu continuei pagando o cursinho, a gente continuou podendo pagar o meu cursinho, eu tenho uma estrutura física para poder estudar em casa, então eu tenho o meu quarto, a gente já até comprou uma mesinha, acesso à internet. Em relação ao trabalho foi muito difícil, para mim conseguir entrar nesse foi muito tempo de procura e eu acho que é uma situação, assim, bem privilegiada, porque eu tenho quase uma certeza de que a maioria dos jovens não tiveram essa mesma estrutura que eu tive e que muitos deles ainda estão nessa procura e que provavelmente vão continuar, porque o mercado de trabalho está cada dia mais e mais difícil, e com essa piora desse quadro que gente tem economicamente no país, não é todo mundo que consegue estudar de casa, agora que o ensino público voltou, eu acredito que vai dar uma melhorada, então eles voltam para a escola agora, só que não vai compensar esse dois anos de atraso que eles tiveram no ensino. [00:07:58]

Giovanna: Uhum. São várias situações assim, que se a gente for colocar na ponta do lápis, são quase uns dois anos de volta, fecha, abre. [00:08:13]

Rita: Sim. [00:08:14]

Giovanna: Eu até ia perguntar para você o que você acha dessas medidas oficiais de abertura, fechamento, e... tanto de escola, faculdade, mas também de equipamentos, assim, de lazer, vamos dizer, parques, baladas, comércio, todas essas estruturas, o que que você pensa sobre isso? [00:08:36]

Rita: Eu acho que as medidas preventivas que tanto o governo do estado de São Paulo quanto o governo federal tomaram foram bem, assim, acho que... uma palavra, eu não sei uma palavra para falar... assim, o Dória conseguiu ter um jogo de cintura melhorzinho, então ele consegue tomar um pouquinho a frente da pandemia, mas não era o que a gente precisava. Se a gente for comparar com os outros países, a medida que eles tomaram frente a pandemia, durante toda a pandemia, não só esperaram a gente chegar na situação que a gente chegou no Brasil para poder tomarem medidas realmente

efetivas, a gente esperou que o pior acontecesse para poder se conscientizar, para poder tomar medidas mais rigorosas, isso no governo do estado de São Paulo. No governo federal a gente reconhece o que o nosso presidente teve, o que que o ministério da saúde teve de posição frente a isso, que foi participação... uma coisa quase nula, ridículo, inclusive, coisas que pioraram a efetividade da pandemia no Brasil... [00:09:47]

Giovanna: Uhum. [00:09:49]

Rita: ... e tudo mais. Eu acho que deveriam ter sido tomadas as medidas mais rigorosas sim, é que é uma coisa toda para se pensar, não é? A gente fecha tudo, mas como que fica os outros lados, não é? Questão de parque, de biblioteca, de escola. É uma tristeza, mas infelizmente precisa fechar, acho que naquele momento, pelo menos, fechar total, isolar total, era o que a gente precisava, e depois que os quadros melhorassem a gente fosse, como a gente está fazendo agora, reabrindo em etapas com todas as medidas preventivas de distanciamento social e tudo mais, mas é isso que eu acho, eu acho que a gente deveria ter tomado medidas mais rigorosas no começo para que agora a gente pudesse estar sabendo lidar melhor com a situação, mas a gente esperou o pior quadro possível. [00:10:42]

Giovanna: Entendi. E pensando, assim, nos jovens, o que você acha que poderia ter sido uma medida para ajudar os jovens a se sentirem mais seguros ou... enfim, você acha que teria alguma coisa que poderia ter sido feita ou, de repente, a gente pensar em um quadro no futuro agora, você pensa em alguma coisa em relação a isso? Uma medida voltada exatamente para os jovens. [00:11:15]

Rita: Eu acho que inicialmente, lá do início da pandemia, a adoção de um ensino online realmente eficaz, porque eu não sei se você conhece pessoas que estudaram de casa, que são do ensino público, não estou falando do particular, o particular tem um outro tipo de estrutura, é um outro tipo de acesso. Mas, assim, um ensino online mais efetivo, porque a gente sabe como que foi bem jogado o ensino público agora na pandemia, eu acho que incentivo econômico, porque não é todo jovem que... tudo bem, a gente vai ter um ensino público de casa, mas a gente não sabe qual que é a situação econômica daquele jovem, se ele tem espaço, se ele tem acesso à internet, se

ele tem estrutura física para isso, então acho que inicialmente seria talvez uma ajuda de custo e ter um sistema de ensino online mais bem estruturado e tudo mais, e eu acho que agora uma retomada de onde eles pararam, eu acho que atrasaria, não sei como funciona, mas na minha cabeça é mais viável que eles voltassem, por exemplo, se passaram dois anos e eu estava no primeiro ano do ensino médio quando isso aconteceu - um exemplo - não votar para o terceiro ano agora, mas continuar no primeiro ano, que vai criar um vazio desses dois anos, não é? Nessa construção educacional desses jovens, que a escola não vai repor, mesmo que a gente escreva no papel, que a gente fale que vai, não vai repor. Então acho que... [00:12:48]

Giovanna: Voltar para onde parou? [00:12:49]

Rita: É, ou uma dobra de carga horária, não sei, ter aula no sábado, mas assim, intensificar o estudo deles para que eles saiam menos prejudicados do que eles já vão estar saindo. [00:13:02]

Giovanna: Entendi. Outro ponto que eu gostaria de conversar com você é sobre lazer, diversão, o que que você fazia para se divertir no início da pandemia? O que você fazia para se distrair, dar uma espairecida? [00:13:24]

Rita: Eu sempre gostei muito de estudar, mesmo, eu acho que isso não deveria ser, mas estudar, para mim é uma alegria muito grande, eu gosto muito, então estudar, para mim já era uma coisa que me deixava felizinha na pandemia. Mas eu acho que ver série, eu via filme, eu gosto muito de ler, tem uns livros aqui atrás até, eu sempre gostei muito de ler então acho que leitura, consumir conteúdo artístico e estudar foram as coisinhas que me deixaram assim... não no bem, não é? Nem todo mundo ficou muito bem na pandemia, mas que me deixaram firme. [00:14:04]

Giovanna: Sim, até por isso que eu perguntei para você sobre diversão, eu entendo que tem outras pessoas que a diversão está fora de casa, não é? Não é livro... e por isso que eu pergunto, porque o lazer é uma coisa que a gente tem discutido bastante, visto como se fosse um atrativo para uma aglomeração. [00:14:29]

Rita: Sim. [00:14:31]

Giovanna: Então por isso que eu pergunto para você... até também eu queria saber o que que você pensa sobre, assim, não sei se você tem visto aí no seu bairro, alguns tipos de aglomeração feitos por alguns jovens, e o que que você pensa sobre isso, de eles saírem, para ir em um bar ou até mesmo em um parque, o que que você acha disso? [00:14:57]

Rita: Eu acho que superficialmente todo mundo fica... ficaria meio incomodado com uma aglomeração durante uma pandemia, superficialmente. Mas aí a gente precisa parar para pensar justamente nisso, não é? Nessas outras coisas que levam essas pessoas a estarem buscando esse lazer, esse prazer fora de casa, então a gente precisa conversar sobre como que é a estrutura da casa, se a pessoa se sente bem lá dentro, se a pessoa consegue... eu conseguia, por exemplo, sozinha, eu e meus livros fica bem, tranquilo. Tem gente que não tem essa visão, que não consegue ficar bem sozinho, que precisa sair, é como se fosse um escape, às vezes o problema de ficar em casa é a casa, é ficar em casa, é a estrutura familiar e tudo mais, as vezes... ou ficar sozinho, então o jovem consigo mesmo, ele não consegue se dar bem consigo mesmo e precisa externalizar, então ele precisa sair, ele vai precisar recorrer a esse tipo de coisa, aí tem uma questão de informação também, então o quanto esse jovem foi informado sobre o coronavírus e sobre a pandemia, e o quanto que ele confiava nisso, porque essas coisas levam você a sair ou não, se é um jovem muito bem informado, se ele entende, acredita na pandemia e no potencial do vírus, ele, assim... utopicamente não vai sair de casa. Mas é um milhão de coisas que a gente precisa discutir quando a gente vê o jovem na rua. [00:16:32]

Giovanna: Uhum. E você acha que se a gente fizesse um plano, assim, de comunicação que levasse informação diretamente para o jovem, você acha que melhoraria de repente... vou usar outra palavra, acho que melhorar não é uma boa palavra, mas você acha que faria diferença em relação ao comportamento da juventude em relação a pandemia, na tomada de decisão, de repente, uma informação voltada para a juventude e que também seja algo pensando nessas situações, assim, de estrutura de casa... você falou da questão de privilégios também, você acha que modificaria a situação? [00:17:24]

Rita: Eu acho que um pouco, um pouco sim, mas a gente está em um estágio já tão crítico da conscientização, que são coisas que eu não sei se a gente consegue voltar atrás, sabe? Eu acho que uma informação aqui, uma informação ali, ela ajudaria sim, alguns jovens que já são meio que pré-sensibilizados com essa questão da pandemia, mas esses outros que nunca ligaram e que foram lotados de informações contrárias a ciência, durante a pandemia, eu não sei se eles reagiriam bem a esse tipo de informação agora, nessa altura do campeonato, acho que o estágio de conscientização, de levada de informação era no início e com posturas muito bem definidas, pró ciência, tudo mais. Mas agora, eu não sei, eu acho que daria certo, mas com um percentual baixo, minha opinião, não sei. [00:18:26]

Giovanna: Sim, é importante que você está dando a sua opinião, por isso que... é importante a gente conversar acima de tudo sobre o que será que a gente pode fazer, eu acho que isso já... dando a minha opinião também, eu acho que isso já é uma coisa interessante, a gente poder dialogar sobre a questão, eu acho que já faz uma pequena diferença, mas é alguma coisa, é um passo, e de poder conversar sobre isso. E... bom, eu queria saber, assim, qual é a sua principal preocupação em relação à pandemia? [00:19:06]

Rita: Eu acho que a minha principal preocupação é uma preocupação mais coletiva, então os efeitos que essa pandemia deixou, não só aqui no Brasil, mas no mundo. Então a gente tem milhares de pessoas que morreram, eu tenho um tio que morreu por conta da covid, que são coisas irreversíveis, que a gente não recupera, tudo bem, a gente vai passar por recessões econômicas, a gente vai ter que enfrentar reanálises, vamos dizer assim, quadros novos, coisas totalmente diferentes, mas são coisas que... dia a dia a gente vai recuperando, só que as pessoas a gente não recupera. Acho que o que me preocupa agora vai ser... acho que essa retomada me preocupa muito porque eu acho que... não sei, mas eu fico pensando, eu acho que pandemia afetou bastante a gente, não só economicamente, mas eu acho mais interno, eu acho que psicologicamente a pandemia afetou muito a gente. Então eu acho que como vai ser essa retomada, depois de muito tempo com distanciamento, como que vai ser essas relações sociais daqui para frente e como que a gente vai lidar com as coisas agora, porque por exemplo, a internet hoje se torna tudo

para a gente, então a gente tem muitas áreas que antes da pandemia, tinha uma participação não tão grande na nossa vida, que hoje foram totalmente revolucionadas, que são, sabe... coisas que a gente não vai viver sem mais, eu acho que essas coisinhas me preocupam. Então, retomada da economia, reinserção dessas milhares de pessoas que estão desempregadas no mercado de trabalho, essas relações sociais daqui para frente, como que elas vão ser, e eu acho que é isso. [00:20:56]

Giovanna: Eu sinto muito pela sua perda, imagino, como você disse, são muitas perdas, não é? Não só dos nossos familiares queridos, como essas perdas também nas relações sociais... [00:21:16]

Rita: Sim. [00:21:18]

Giovanna: Que a gente tem enfrentado cotidianamente. E o que fazer a partir disso? Não é? É uma grande questão. [00:21:25]

Rita: Sim. [00:21:26]

Giovanna: E como eu disse para você, a gente não responde isso individualmente, é no coletivo e por isso que a gente tem feito todo esse esforço para conseguir conversar com os jovens para a gente tentar pensar em uma coisa juntos, porque também, eu sou jovem, tenho 25 anos, eu também compartilho com muitas preocupações que você está aí sentindo, então é muito esse diálogo, de verdade mesmo. Bom, assim, por último eu vou mostrar para você um trecho de uma reportagem e ela foi veiculada no Facebook, eu acho que você vai conseguir escutar, se você não conseguir escutar, você me avisa que eu leio, mas é basicamente sobre o que nós estamos falando... espera aí, vou compartilhar a tela (inint) [00:22:29 - 00:22:51], está conseguindo ver? [00:22:51]

Rita: Aham. [00:22:53]

Reportagem: E no último final de semana... [00:22:56]

Giovanna: E escutar, está dando também? [00:22:58]

Rita: Uhum. [00:22:58]

Reportagem: ...devido a pandemia, não houve o ponto facultativo de carnaval, em todo o estado de São Paulo, os blocos tradicionais de rua também foram

cancelados, porém, muitas pessoas, inclusive os mais jovens, em Francisco Morato, em Franco da Rocha, se aglomeraram em festas clandestinas pela cidade. Nessas imagens que foram divulgadas nas redes sociais pelos próprios frequentadores, podemos ver várias pessoas, todas aglomeradas, e ninguém usando a máscara de proteção. Hoje (inint) [00:23:39] acompanhar essa situação que está causando mais e mais infectados dia após dia... [00:23:45]

Giovanna: Bom, eu te mostrei esse trecho porque eu gostaria de saber o que que você pensa sobre essas imagens que você viu e também sobre o que o jornalista falou, sobre essa situação. [00:24:05]

Rita: É muito triste, só que para mim não é uma coisa incomum, uma coisa que eu não vi durante a pandemia, foi uma coisa bem comum para falar a verdade, aqui, coisa de ter umas coisinhas dessas, uns encontros desses na rua de casa, aqui, sabe? Eu tenho uma avó que tem 80 anos, que mora aqui embaixo da minha casa, coisas que me preocupavam, entende? E é muito triste, só que é aquela questão, a gente naquele momento não tinha muito o que fazer, e agora então, nem se fala, não é? Que agora o pessoal acha que a pandemia já acabou, que já está tudo bem, claro, houve melhoras no quadro, mas se já acontecia naquele momento, agora então... [00:24:55]

Giovanna: Sim. [00:24:57]

Rita: Agora então, esquece. [00:24:59]

Giovanna: Porque agora houve realmente uma abertura completa... não sei como que está aí em Franco da Rocha, eu estou dizendo aqui de São Paulo, houve realmente uma abertura completa de tudo, comércio... [00:25:12]

Rita: Aqui também. [00:25:13]

Giovanna: Aí também?

Rita: Funcionando em horário normal, está tudo... [00:25:19]

Giovanna: Até tarde, não é? [00:25:21]

Rita: Sim. [00:25:21]

Giovanna: E o que você acha disso? Você acha que era o momento propício para tomar essa atitude? [00:25:31]

Rita: Não, eu acho que... tudo bem, reabrir comércio, essas coisas, mais eu acho que em horário full, integral, como estava antes, eu acho um pouco precipitado, porque se você deixa um tempo maior, as pessoas vão mais, mais pessoas conseguem ir, e aí mais aglomerações, possíveis contágios, enfim, possíveis contaminações futuramente. Eu acho que deveria sim, abrir algumas coisas, comércio principalmente, escola eu acho que também poderia voltar, porque pelo menos pela minha visão, o jovem já estava na rua durante a pandemia toda, e aí pelo menos com cuidado, agora com a vacinação e máscara, álcool em gel, volta para escola, melhor do que ficar na rua o dia inteiro de novo, pelo menos é o que eu vejo aqui e é o que eu penso, se eu estou errada, se eu estou certa, eu não sei. [00:26:30]

Giovanna: É, aqui não tem certo ou errado, é só realmente uma conversa, e outra, é muito difícil a gente chegar assim... como a gente está falando de coisas muito subjetivas, é (inint) [00:26:47] ter essa coisa de certo ou errado, é muito... tem uma linha muito fina entre uma coisa e outra. É claro que quando a gente vai falar usar máscara, algumas etiquetas assim, aí a gente consegue falar sobre está certo, está errado. Mas para tomada de decisões são muitas coisas que a gente leva em consideração. [00:27:13]

Rita: Sim. [00:27:14]

Giovanna: Eu até ia perguntar para você, quando você vê essas coisas... a gente chegou a conversar um pouco disso, o que que você acha que leva, por exemplo, um jovem a tomar a decisão de ir para... por exemplo, vamos pegar essa situação aí que a gente viu, aí em uma festa dessa, assim, que tem realmente muita aglomeração, ninguém usando máscara... [00:27:38]

Rita: Eu acho que foi o que eu disse no começo, sabe? Não acreditam na pandemia, não acreditam no potencial. [00:27:48]

Giovanna: Uhum. [00:27:49]

Rita: Eu não vou falar que seja falta de empatia, mas que talvez tenha um pouquinho de alguns, e aquelas coisas que eu te disse, a situação na qual a pessoa se encontra e tudo mais, mas eu acho que sobre tudo, um descaso com a pandemia, sobre tudo. E aí o que leva esse descaso são várias coisas, talvez a falta de informação, talvez a pessoa não acredita mesmo, talvez se

alinhe ideologicamente, politicamente com pessoas que não acreditam e nunca acreditaram na pandemia, mas eu acho que um descaso sim. [00:28:26]

Giovanna: Entendi. E... assim, eu vou ler para você alguns comentários desse... como foi no Facebook, então as pessoas poderiam comentar livremente. Eu vou ler três comentários e depois eu gostaria que você me dissesse o que que você pensa sobre, claro que você já deu uma pincelada sobre esses assuntos que os comentários vão dizer aqui, mas eu gostaria que você me dissesse se concorda, se discorda, o que que você pensa sobre. O primeiro comentário é o seguinte: esses jovens não têm amor próprio e nem tão pouco pela família, fico triste por isso, não podemos mais segurar esses jovens em casa, não temos mais o que fazer. Esse é o primeiro comentário. O comentário dois: O negócio é cada um cuidar da sua vida, ficar aí vivendo com medo de morrer, que sem graça. E o terceiro é: Os transportes públicos vivem em aglomeração e ninguém fala nada. [00:29:32]

Rita: São esses três? [00:29:38]

Giovanna: São esses três. [00:29:40]

Rita: Tá, o primeiro talvez tenha um pouquinho de verdade, mas eu acho que provavelmente a pessoa que comentou não é psicólogo, não é psicanalista e nem nada disso, eu acho um pouco delicado falar uma coisa dessa em uma situação dessa, sabe? É aquilo que eu falei para você antes "aí, talvez um pouco de falta de empatia", mas é um tema difícil de a gente pontuar, porque eu não entendo disso, eu faço economia, não faço psicologia. Talvez seja, mas é uma análise de vocês, para vocês analisarem, mas eu acredito que talvez seja um pouquinho sim. Sobre o segundo comentário, não sei nem se eu quero comentar, mas eu acho que é um pensamento recorrente, bastante recorrente, não só das pessoas que estavam ali, mas de outras pessoas que... e não necessariamente jovens, mas acho que adultos também, eu acho que é um pensamento recorrente, a gente não pode... não porque eu não concorde com o comentário, que eu vá excluir a existência dele, eu acho que sim, existe e que isso é um problema. E o terceiro... eu não lembro do terceiro. [00:30:56]

Giovanna: Ela fala o seguinte: Os transportes públicos vivem em aglomeração e ninguém fala nada. [00:31:03]

Rita: Assim, a boa característica brasileira de ver uma coisa errada e apontar uma mais errada ainda para causar menos impacto na sua. Tudo bem, o transporte público, sim, tinha aglomeração, a gente viu muitas fotos, por exemplo, das estações de trem, de metrô, entupidas de gente na pandemia, mas aí é um problema X, não é? De estrutura, transporte público, transporte coletivo e que não anula esse outro problema de aglomeração em festa, são dois problemas que, inclusive, precisam ser tratados e não colocados em conflito para ver quem erra mais, quem erra menos, não é? [00:31:43]

Giovanna: Uhum. [00:31:43]

Rita: É isso. [00:31:46]

Giovanna: E eu achei interessante, você pontuou uma coisa, que é... do comentário, do segundo comentário, que essa forma de pensar e de agir, de tipo "aí, cada um tem que cuidar da sua vida, ficar com medo de morrer, que sem graça", isso não é uma característica apenas de jovens, mas eu acho interessante, aí ia até perguntar para vocês, como que isso é colocado, muitas vezes, em ênfase como se fosse algo da juventude, não sei se você reparou nisso, mas eu queria que você me dissesse o que que você acha disso, das pessoas colocarem ênfase como se isso fosse um comportamento da juventude, não é? Os jovens fazem isso, tanto é que no comentário um ele deixa bem marcado que os jovens, não é? [00:32:40]

Rita: Nossa, é muito delicado, porque assim, realmente sempre teve esse apontamento maior para o jovem durante a pandemia, como se o adulto também não saísse. Eu não sei se é uma questão de números, se então, tem mais jovens que adultos na rua, tudo bem, são os dois na rua, mas eu não sei se são os jovens, maiores na rua, e aí o pessoal tem essa percepção de que o jovem sai mais, o que eu não acho que seja verdade, eu acho que ambos saem no mesmo tanto, mas não sei, mas acho que é uma prepotência muito grande, o adulto que também faz a mesma coisa, mas para ele é muito mais fácil apontar para o jovem, falar: olha, você faz isso e é isso. É muito complicado, eu não sei nem se eu sei responder essa pergunta. [00:33:31]

Giovanna: Tudo bem, é assim... [00:33:33]

Rita: Eu não sei nem responder essa pergunta, mas eu acho que é quase isso, eu não sei se a gente vê mais jovens... porque se você pegar para ver foto de, por exemplo, barzinho que 30+ vai, também ficou muito barzinho clandestino aberto, muito samba, nossa, cansei de ver samba clandestino aberto, essa galera também vai, mas talvez o jovem tem esse caráter mais expositivo, então ele vai e posta, comenta, não sei se o adulto vai e só vai, talvez não poste tanto, não sei, é muita coisa para pensar. [00:34:03]

Giovanna: Sim. [00:34:04]

Rita: É muita coisa para pensar. [00:34:05]

Giovanna: É realmente muita coisa para pensar, por isso que eu joguei a pergunta não como pedindo uma resposta certa, assim, clara sobre isso, mas para fazer uma chuva assim, de ideias. [00:34:24]

Rita: É, mas eu acho que deve ser isso ou talvez a quantidade de jovens que seja maior, talvez essa prepotência mesmo, de querer apontar sempre no jovem o erro, mas não perceber que a gente também erra, os adultos também erram. [00:34:39]

Giovanna: Uhum. [00:34:41]

Rita: Isso aí mesmo, é muita coisa para pensar. [00:34:44]

Giovanna: Sim, é realmente, eu também não sei dizer, são muitas coisas e é uma pergunta muito ampla, confesso que estou aqui fazendo várias perguntas para você, mas é isso, sem respostas. [00:35:04]

Rita: É muito amplo. [00:35:05]

Giovanna: Mas bom, agora, assim, por fim... eu acho que não é uma pergunta tão ampla assim, a gente já conversou sobre isso durante a conversa, mas falando especificamente de Franco da Rocha, do município de Franco da Rocha, quais atitudes políticas ou ações você acha que poderiam ser feitas para ajudar o município no enfrentamento da pandemia? [00:35:33]

Rita: Eu acho que o município teve tomado e tem tomado medidas desse enfrentamento da pandemia, medidas bastante eficazes, não dá para só jogar os pés e falar que não fizeram e nem nada, mas eu acho que, enfim, a nossa vacinação é bem eficaz, é uma das mais rápidas da região, então a gente

vacina gente mais rápido, as nossa faixas etárias chegam mais cedo, eu acho que a tomada de decisão de fechamento de comércio durante a pandemia, eu acredito que teria sido respeitada, claro que não 100%, mas que teria sim, sido respeitada, eu tinha um sentimento que durante a pandemia, o pessoal que... naquela pandemia braba mesmo que deu no início, o pessoal que realmente precisou sair e que saia frequentemente, tipo, todos os dias, era o pessoal que continuava trabalhando fora e que não tinha possibilidade de adoção ao home office, mas eu acho que principalmente agora que a situação está um pouco melhor, que a gente está conseguindo respirar um pouco melhor, eu acho que continuar com a conscientização é sempre mais importante, então a informação, a prefeitura de Franco da Rocha faz isso muito bem, a gente tinha atualizações quase que diárias na página oficial da prefeitura do Facebook e do Instagram, sobre o controle da pandemia, então acho que continuar com isso é muito importante para que a gente se mantenha muito bem informado. Eu não vejo muito, mas talvez eu gostaria um pouco de mais ponto de higienização, sabe? Eu não vejo muito aqui em Franco da Rocha, então talvez álcool em alguns lugares, essa questão de temperatura, eu não sei como que funciona, essa questão de temperatura, se o indivíduo está com febre, pode ser pandemia... pode ser covid, não sei, mas eles pararam de fazer, eles não fazem mais, talvez encurtar de novo a jornada do comércio e desses locais públicos, porque eu não acredito que a gente precise de 100% dessas coisas abertas agora, acho que dava para segurar mais um pouco, sabe? Poucas horas e posteriormente a gente estender esse horário. Eu acho que pesa muito na educação também, talvez o município adotar... eu não sei se é de autonomia do município tomar esse tipo de postura, mas forçar muito na educação aqui da cidade, então talvez dobrar a carga horária, não sei, cuidar das nossas crianças, que a gente tem escolinhas municipais, então cuidar muito bem das nossas crianças, ter times muito bem preparados dentro das escolas, porque é de muita responsabilidade para uma professora ensinar, por exemplo, 30 crianças a saber ler e escrever durante uma pandemia, não é? Que as crianças não têm talvez muito discernimento de ficar com máscara, de não pegar nas coisas do coleguinha, então talvez intensificar esse trabalho dentro das nossas escolas primárias, porque é justamente a galerinha que não recebeu a vacina e talvez são as que mais me preocupam, mesmo que o

potencial de morte dessa faixa etária seja baixo, mas eles me preocupam bastante porque eles posteriormente vão para casa e aí de casa a gente não sabe quem eles podem infectar lá dentro. E não só nas escolas municipais, mas nas escolas estaduais também, e aí eu acho que não é mesmo de autonomia da cidade, mas talvez intensificar o processo lá dentro das escolas estaduais com os jovens até o ensino médio, enfim, e eu acho que é isso, acho que talvez continuar com aquelas políticas de doação de alimentos que a gente tinha muito no começo da pandemia, eu tenho um sobrinho que ele estuda na rede municipal de ensino, durante o começo da pandemia e até certo tempo, a prefeitura doava cesta básica, e assim, não era, sabe aquela cesta básica basicona? Então eles davam frutinhas, vegetais, era tudo muito bem dividido e a gente ia lá, buscava no ponto mais próximo de casa possível, eu achei isso muito bonito, eu achei isso realmente muito efetivo, porque a gente sabe das condições econômicas não só das crianças, mas da população de Franco da Rocha como um todo, então eu acho que é necessário continuar com essas campanhas de solidariedade e eu acho que é isso, assim, porque talvez o que eu lembro agora, eu acho que essas coisas são as mais importantes no primeiro momento. [00:40:15]

Giovanna: Muito legal, eu não sabia dessa ação das escolas, da cesta básica, muito legal, só que eles pararam de fazer, não é? [00:40:25]

Rita: Pararam, e eles ficaram, acho que uns três, quatro meses assim, eu achei muito legal, muito legal mesmo, porque era uma coisinha muito bem estruturada, então de semana em semana a mãe ou o responsável pela criança ia pegar na escola ou pegava pelo WhatsApp mesmo as tarefas da semana para controlar o ensino da criança em casa, eu acho que foi muito bem organizado mesmo e é isso. [00:40:51]

Giovanna: Muito legal, de verdade mesmo. E obrigada, obrigada pela disponibilidade em conversar aqui comigo. [00:41:02]

Rita: Eu só peço desculpas, porque eu demorei um pouquinho para a gente fazer essa conversa, mas é aquela coisa, o professor de faculdade pública acha que a gente tem todo tempo do mundo e que pode ficar na aula o dia inteiro, e aí essa correria com o trabalho, tudo mais, mas só desculpa mesmo, que bom que a gente conseguiu fazer hoje. [00:41:21]

Giovanna: Que isso, tudo bem, são coisas da... agora também desse novo... eles falam novo normal, não é? Do home office. Eu entendo que a gente sai de uma reunião, entra em outra e depois entra em outra e a gente fica, assim, mergulhado no mundo virtual, mas sem problemas. Eu agradeço muito mesmo de você ter essa disponibilidade, construir essa disponibilidade para estar aqui conversando e assim, pela sinceridade, pela força em falar sobre as suas questões, eu sinto realmente muito pela perda do seu tio e o que você precisar em relação a apoio psicológico ou para você ou para algum parente seu, estamos disponíveis no instituto de saúde, a gente fez alguns mapeamentos de instituições que podem oferecer acolhimento psicológico, assim, (inint) [00:42:33] social ou sem custo, se você precisar, a gente está disponível, está bom? [00:42:41]

Rita: Está bom. [00:42:00]

Giovanna: Então é isso, obrigada Rita, obrigada mesmo... [00:42:47]

Rita: Eu que agradeço. [00:42:48]

Giovanna: Eu vou parar aqui a gravação, tem que sempre... para a gravação e depois... [00:42:54]

[00:42:54]

APÊNDICE D – CODEBOOK

TEMA 1 – As práticas de distanciamento de distanciamento social

Posicionamento	Abreviatura	Descrição detalhada	Critério de Inclusão	Critério de Exclusão	Ex. Típico	Ex. Atípico
A FAVOR	1	A pessoa é explicitamente ou implicitamente a favor das práticas de distanciamento social	Entra toda narrativa que apresenta argumentos, frases e palavras que demonstrem que a pessoa é a favor das práticas de distanciamento social	Excluída toda narrativa que não apresenta argumentos, frases e palavras que demonstrem que a pessoa é a favor das práticas de distanciamento social	**Helena:** "Eu acho boa, porque é o certo da gente está fazendo, (...) por enquanto acho que o certo seria isso mesmo, a gente distanciar de algumas atividades, evitar ficar em multidão muito grande assim, tipo pegando trem, às vezes precisa por conta do trabalho, mas nesses escritórios, nesses lugares ainda estão trabalhando home office também ou então estão em revezamento, isso é bom também (...)"	**Érika:** "O que eu acompanhei tanto no meu dia a dia, quanto os jovens no geral, é que não houve um respeito, não houve, de fato assim, um entendimento claro, eu não sei se entendimento é a palavra certa, porque as informações foram sendo passadas, mas acho que não houve mesmo um respeito com a quarentena, sabe? Se guardar em casa para se proteger, eu vejo que isso não houve,

						assim encerraram as atividades no comércio, de tudo, eles se reuniam na casa um dos outros, se reunia, fazia galera, fazia festa de rua. Eu vi bastante disso. ”
CONTRA	2	A pessoa é explicitamente ou implicitamente contra as práticas de distanciamento social	Entra toda narrativa que apresenta argumentos, frases e palavras que demonstrem que a pessoa é contra as práticas de distanciamento social	Excluída toda narrativa que não apresenta argumentos, frases e palavras que demonstrem que a pessoa é contra as práticas de distanciamento social		
DEPENDE	3	A pessoa não é totalmente a favor das práticas de distanciamento social, faz ressalvas sobre as medidas de acordo com as áreas que elas se destinam e afetam	Entra toda narrativa que apresenta argumentos, frases e palavras que pontuam a importância das práticas de	Excluída toda narrativa que não apresenta argumentos, frases e palavras que demonstrem concordância e contrapontos	**Cecília:** “Depende assim, tem dois pontos, fechar coisas de lazer eu acho certo, por exemplo, balada, festa, bar, o parque mesmo eu acho que é um local onde as pessoas se reúnem,	**Milton:** “Eu acho que foi uma precaução boa, mas o que realmente o que fazer, ninguém ia saber como agir, porque pegou todo mundo de surpresa, ninguém sabia como

			distanciamento social ao mesmo tempo que ressaltam alguns pontos de discordância.	sobre as medidas de distanciamento social	mas que não é uma atividade essencial. Agora fechar o comércio, é assim, tem muitos pequenos empreendedores que estão na mesma situação que os empregados, então assim, aquilo lá é a renda dele (...). Então nesse ponto eu acho que é uma coisa ruim, porque as pessoas precisam trabalhar, mas na questão de lazer acho super correto. ”	ia ser nessa pandemia, porque se todo mundo saísse o vírus ia espalhar mais, porém o pessoal ficar em casa, já atrapalhou toda a área financeira das pessoas, eu não sei muito bem como falar. Tem o lado bom e ruim essas precauções, mas dentro do... acho que o melhor era ter ficado em casa mesmo, o dinheiro depois a gente corre atrás. ”
Justificativa	A	**Saúde**	O posicionamento da pessoa é afirmado por meio do uso de palavras e argumentos com informações e preocupações		**Helena:** “(...) não é totalmente seguro a gente voltar, ainda mais com essa variante delta que apareceu agora, e cada vez que surge uma nova a gente fica com mais medo ainda, por enquanto acho que	**Helena:** “(...) e aí depois eu mudei aqui para esse emprego, que eu estou hoje em Franco que é no centro, ficou bem melhor porque corro risco, mas é menos de estar assim em multidão, essas

			sobre transmissão do vírus e percepção de infecção.		o certo seria isso mesmo”.	coisas. ”
	B	**Trabalho e renda**	O posicionamento da pessoa é afirmado por meio do uso de palavras e argumentos que se relacionam com a dinâmica ocupacional e questão financeira.		**Cecília:** “ (...) se ele não sair para trabalhar, ele não tem o que comer, por mais que tenham um CNPJ, uma empresa, não quer dizer que estejam bem de vida, sabe? Muitas vezes eles são gente como a gente, e precisa estar todo dia ali trabalhando, ainda mais se for uma área, sei lá, construção civil por exemplo, não tem o que fazer o cara tem que ir lá e trabalhar, não tem como fazer home Office, sabe?	**Milton:** “É, graças a Deus o pessoal daqui de casa minha mãe, minha avó já era aposentada, elas são concursadas, então elas não ficaram sem salário, deu para continuar mantendo a casa, mas se eu morasse sozinho, acho que não ia ter como eu respeitar pandemia, ia ter que sair para trabalhar. Também teve amigos meus que tiveram, não teve, até falam: "como que eu vou fazer com filho pequeno em casa", são autônomos, que pode fazer. Não teve uma estabilidade para ficar tanto tempo

						em casa. ”

TEMA 2 – A não adesão das práticas de distanciamento social

Posicionamento	Abreviatura	Descrição detalhada	Critério de Inclusão	Critério de Exclusão	Ex. Típico	Ex. Atípico
A FAVOR	1	A pessoa é explicitamente ou implicitamente a favor do não cumprimento das práticas de distanciamento social.	Entra toda narrativa que apresenta argumentos, frases e palavras que demonstrem que a pessoa é a favor do não cumprimento das medidas de distanciamento social.	Excluída toda narrativa que não apresenta argumentos, frases e palavras que demonstrem que a pessoa é a favor do descumprimento das medidas de distanciamento social.		
CONTRA	2	A pessoa é explicitamente ou implicitamente contra a não adesão das	Entra toda narrativa que apresenta argumentos,	Excluída toda narrativa que não apresenta argumentos,	**Rita:** É muito triste, só que para mim não é uma coisa incomum, uma coisa que eu não	**Érika:** (...) Eu acho que agora que chegou a vacina principalmente a

		práticas de distanciamento social.	frases e palavras que demonstrem que a pessoa é contra a não adesão das medidas de distanciamento social.	frases e palavras que demonstrem que a pessoa é contra o descumprimento das medidas de distanciamento social.	vi durante a pandemia, foi uma coisa bem comum para falar a verdade, aqui, coisa de ter umas coisinhas dessas, uns encontros desses na rua de casa, aqui, sabe? Eu tenho uma avó que tem 80 anos, que mora aqui embaixo da minha casa, coisas que me preocupavam, entende? E é muito triste, só que é aquela questão, a gente naquele momento não tinha muito o que fazer, e agora então, nem se fala, não é? Que agora o pessoal acha que a pandemia já acabou, que já está tudo bem, claro, houve melhoras no quadro, mas se já acontecia naquele momento, agora então.”	primeira dose, todo mundo acha que está 100% imune, e já está saindo e já está tudo normal, como se não houvesse variante, como se não houvesse perigo nenhum. ”
DEPENDE	3	A pessoa não é totalmente contra o	Entra toda narrativa que	Excluída toda narrativa que	**Milton:** Eu acho que os dois foram com	**Helena:** Eu acho que realmente é isso que

		descumprimento das medidas de distanciamento social, faz ressalvas sobre as medidas de acordo com as áreas que elas se destinam e afetam	apresenta argumentos, frases e palavras que pontuam a importância das práticas de distanciamento social ao mesmo tempo que ressaltam alguns pontos de discordância com as medidas.	não apresenta argumentos, frases e palavras que demonstrem concordância e contrapontos sobre as medidas de distanciamento social	muita sede ao pote, um fala que: "não, é só uma gripezinha", uma gripezinha que está matando um monte de gente, não era só uma gripezinha, mas eu acho que dava para liberar um pessoal para trabalhar, tomando as precauções, mas também não dava para deixar todo mundo em casa, por que senão os autônomos iam fazer o que? Acho que tinha que ter uma organização, para ter um cuidado maior com os grupos de risco, mas toda idade teve gente que faleceu, mas ter um cuidado para as pessoas não deixarem faltar nada em casa, acho que devia ter um balanceamento entre os dois. ”	está acontecendo, muita gente se reunindo sem máscara, muita gente, assim... o problema não é você se reunir sem máscara com os amigos, o problema é o local onde você está se reunindo, porque uma coisa é você chamar um amigo seu que você tem contato, sei lá, praticamente toda semana ou então um amigo seu que você está sabendo que ele, que a gente sabe que tem os casos assintomáticos, mas é... assim, que não está tendo sintoma algum dessas coisas, e chamar, sei lá, para a sua casa, ou então para uma reunião na sua casa mesmo ou na casa de alguém

						com poucas pessoas, mas o problema é que as pessoas acabam se reunindo em grande quantidade, por exemplo, em adegas, como eu tenho visto aqui todo final de semana, pessoas fecham a rua de tanta gente que tem local, um barzinho que está não tem nem, sei lá, 5 m².”
Justificativa	C	**Percepção de riscos**	O posicionamento da pessoa é afirmado por meio do uso de palavras e argumentos que demonstram uma avaliação subjetiva da possibilidade de determinado		**Cecília**: É um ponto meio difícil de explicar, mas eu acho que tem muito a ver com o jovem não querer seguir as regras, sabe? De "eu sou contra isso", "eu não vou ser afetado por isso", eu acho que tem muito a ver com essa questão de se achar que não vai ser afetado pelo vírus, ou	**Cecília:** Assim, desde o começo era uma preocupação que eu tinha de ter pego, mas não ter sintomas e transmitir para outras pessoas. Então eu sempre me comportava como se eu não pudesse passar alguma coisa, sempre de máscara e tomando todos os cuidados, pensando

			fenômeno ocorrer e as preocupações com as suas consequências		então não ver a consequência de ser afetado e contaminar outras pessoas, talvez não tenham outras pessoas que sejam contaminadas, talvez também, um outro ponto, sei lá, a pessoa passa o dia inteiro em atendimento a outras pessoas, passa dia inteiro em um trem lotado, e vê assim, eu já passo o dia inteiro cercada de pessoas, por que que eu não vou em uma festa? Tem esse outro ponto.	que era uma possibilidade eu ter e não apresentar sintomas. Fiz tudo o que disseram, lavar as mãos, lavar tudo quando chega em casa, álcool em gel, máscara.
	D	**Oportunidades e desigualdades sociais**	O posicionamento da pessoa é afirmado por meio do uso de palavras e argumentos que associam as diferenças socioeconômic		**Rita:** Eu acho que superficialmente todo mundo fica... ficaria meio incomodado com uma aglomeração durante uma pandemia, superficialmente. Mas aí a gente precisa parar para pensar	**Érika:** Então, eu vi assim pessoas da minha idade, por exemplo, atrás de primeiro emprego, ou que às vezes trabalhava em algum canto e foi mandado embora, pessoas que estavam atrás de

			as e culturais entre os jovens como fatores de não adesão das medidas preventivas.		justamente nisso, não é? Nessas outras coisas que levam essas pessoas a estarem buscando esse lazer, esse prazer fora de casa, então a gente precisa conversar sobre como que é a estrutura da casa, se a pessoa se sente bem lá dentro, se a pessoa consegue... eu conseguia, por exemplo, sozinha, eu e meus livros fica bem, tranquilo. Tem gente que não tem essa visão, que não consegue ficar bem sozinho, que precisa sair, é como se fosse um escape, às vezes o problema de ficar em casa é a casa, é ficar em casa, é a estrutura familiar e tudo mais, as vezes... ou ficar sozinho, então o jovem	primeiro emprego não conseguindo, é... eu por exemplo, estava atrás de um estágio, na hora que eu finalmente falei: "não, agora consegui um estágio na faculdade", eu não consegui e aí eu que fazia bico, voltei a fazer bico por conta que não consegui um estágio remunerado e tudo, e tem muita gente nessa situação. A maioria dos jovens agora que está conseguindo primeiro emprego, que está ingressando no mercado de trabalho, ou que está voltando, que foi mandado embora, e agora está voltando para o mercado de trabalho, a grande maioria está conseguindo através só dessas empresas

					consigo mesmo, ele não consegue se dar bem consigo mesmo e precisa externalizar, então ele precisa sair, ele vai precisar recorrer a esse tipo de coisa, aí tem uma questão de informação também, então o quanto esse jovem foi informado sobre o coronavírus e sobre a pandemia, e o quanto que ele confiava nisso, porque essas coisas levam você a sair ou não, se é um jovem muito bem informado, se ele entende, acredita na pandemia e no potencial do vírus, ele, assim... utopicamente não vai sair de casa. Mas é um milhão de coisas que a gente precisa discutir quando a gente vê o jovem na rua. ”	de logística

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Termo de consentimento livre esclarecido das entrevistas

Prezado (a),

O (A) Sr (a). está sendo convidado (a) a participar da pesquisa: “Planejamento de ações estratégicas de saúde baseadas em evidências científicas no município de Franco da Rocha” que tem por objetivo apoiar o planejamento de estratégias de saúde no município de Franco da Rocha, durante e após a pandemia no enfrentamento à COVID-19. Esta pesquisa está sendo realizada com jovens do município de Franco da Rocha que concordarem em responder algumas perguntas. A entrevista, que terá duração de cerca de 60(sessenta) minutos, será realizada por alunos do Programa de Especialização em Saúde Coletiva e/ou pesquisadores (as) do Instituto de Saúde. Essa entrevista será gravada e posteriormente transcrita para análise.

Os riscos com essa pesquisa são mínimos, sendo que o (a) Sr (a). pode se sentir desconfortável em responder alguma pergunta, mas tem total liberdade de não responder ou interromper a entrevista em qualquer momento, sem nenhum prejuízo para o seu atendimento ou do(a) seu(sua) filho(o) nos serviços de saúde do município.

O (A) Sr (a). tem a liberdade de não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, mesmo após o início da entrevista, sem qualquer prejuízo para o seu atendimento nos serviços de saúde do município. Suas informações pessoais são sigilosas, ou seja, seu nome não será divulgado de maneira nenhuma. O (A) Sr (a). não terá nenhuma despesa e não há compensação financeira relacionada à sua participação na pesquisa. Ao final da pesquisa os resultados serão divulgados para os participantes e para as instituições onde os dados foram coletados. Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa o (a) Sr (a). poderá entrar em contato com a pesquisadora

responsável pelo estudo: Fabiana Lucena, que pode ser localizada no Instituto de Saúde (telefone 11-3116-8510) das 8 às 17h ou pelo email fabiana.lucena@isaude.sp.gov.br.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Saúde (CEPIS), que é um comitê que visa garantir os direitos, a dignidade, a segurança e a proteção dos participantes de pesquisas. O CEPIS analisou e está acompanhando o desenvolvimento do projeto e pode ser consultado em caso de dúvidas ou perguntas em relação às questões éticas da pesquisa, pelo email cepis@isaude.sp.gov.br, ou pelo telefone (11) 3116-8606 ou pelo endereço Rua Santo Antônio, 590, 1º andar, Bela Vista, São Paulo, das 09:00 às 16:00h.

Sua participação é importante e voluntária e vai gerar informações que serão úteis para o conhecimento e entendimento das políticas de saúde do município. Em virtude de essa entrevista estar sendo realizada de forma remota, por meio on-line, a autorização será gravada e (a) senhor (a) receberá uma via do termo por e-mail assinada pela responsável pela pesquisa. Você declara que obteve de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do participante desta entrevista para a participação neste estudo?

_____

_____

___/___/___

Nome do responsável pela entrevista

Assinatura do responsável pela entrevista